



O

FANTASMA

USAVA

MEIAS

AMARELAS

JOSH LANYON

TRADUZIDO POR AMANDA FALCO

O Fantasma Usava Meias Amarelas

Josh Lanyon

Traduzido por Amanda Falcão

“O Fantasma Usava Meias Amarelas”

Escrito por Josh Lanyon

Copyright © 2014 Josh Lanyon

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Amanda Falcão

Design da capa © 2014 K.B. Smith

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[O Fantasma Usava Meias Amarelas](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Sobre o Autor](#)

[Encontre outros títulos de Josh Lanyon em \[www.josh.lanyon.com\]\(http://www.josh.lanyon.com\) | JustJoshin Publishing, Inc. | 3053](#)

[Rancho Vista Blvd. | Suite 116 | Palmdale, CA 93551](#)

Com seu fim de semana romântico em ruínas, o tímido artista de vinte e poucos anos, Perry Foster, aprende que as coisas podem sempre piorar quando volta de São Francisco para casa e encontra um corpo em sua banheira. Um cadáver vestindo um blazer horrível – e meias combinando. O homem morto é um estranho para Perry, mas isso não ajuda muito; Como um cadáver desconhecido aparece em um apartamento trancado no isolado Alton Estate, no desabitado “Northeast Kingdom” em Vermont? Perry pede ajuda ao “alto, moreno e hostil”, ex-fuzileiro naval da SEAL, Nick Reno – mas Reno é quem parece ser?

Capítulo 1

Havia um homem estranho na banheira de Perry. Ele vestia um blazer - um blazer horrível. E estava morto.

Perry, que acabara de passar as vinte e quatro horas mais dolorosas e humilhantes de sua vida, e que havia dirigido por mais de uma hora na volta do aeroporto, debaixo de chuva forte, para chegar até a sua paz e privacidade relativas dos quartos isolados que havia alugado no antigo Alston Estate, estava boquiaberto.

Sua dor de cabeça sumiu. Esqueceu que estava exausto, morrendo de fome e ensopado. Esqueceu de ter desejado estar morto, por que havia alguém morto, e não era nada bonito.

Seus dedos ainda estavam sob o interruptor. Ele apagou as luzes. No escuro, ouviu a chuva bater na janela; ouviu sua respiração, que era rápida e assustada; da sala de estar escutou o badalar suave do relógio que ele comprara no brechó em Bethlehem Road. Nove lentas badaladas. Nove horas.

Perry ligou as luzes novamente.

O homem morto ainda estava em sua banheira.

_ Não é possível - sussurrou Perry.

Aparentemente, sua fala não convenceu o cadáver, que continuava olhando fixo para ele com suas pálpebras entreabertas.

O homem morto era um estranho; Perry tinha certeza disso. Isso - ele - tinha meia idade e precisava se barbear. Seu rosto era um pouco vermelho esverdeado, as bochechas fundas, como se seus traços estivessem sumindo. Suas pernas postas ao lado da banheira, como as de um manequim. Um dos sapatos tinha um buraco na sola. Suas meias eram amarelas. Solidago, na verdade. Elas combinavam com o blazer horrível.

O desconhecido estava mesmo morto. Seu tórax não se movia; sua boca estava aberta, mas nenhum som saía de lá. Perry não precisou tocá-lo para saber que estava mesmo morto, mas, mesmo assim, nada no mundo o faria tocar o cadáver.

Ele não viu nenhum sinal de violência. Não parecia ter sangue algum. Nem água. A banheira estava seca e vazia - exceto pelo homem morto. Não parecia que ele fora estrangulado. Talvez ele tivesse morrido de causas naturais?

Talvez fosse um ataque cardíaco?

Mas o quê ele estaria fazendo no apartamento trancado de Perry?

O olhar de Perry passou pelo espelho em cima da pia, e ele começou, não imediatamente, a reconhecer a face pálida e de olhos fundos, como seu reflexo. Seus olhos castanhos eram enormes e escuros em sua face amedrontada; seus pelos loiros pareciam estar arrepiados.

Ao sair do banheiro, Perry fechou a porta. Ele ficou parado, tentando sair da nuvem de cansaço e desnorreamento. Então, com seus olhos ainda fixos na porta fechada, ele deu mais um passo para trás e caiu sobre sua mala, que ainda estava no meio do chão da sala.

A queda colocou os pensamentos de Perry em ordem - ou, pelo menos, em ação. Cambaleando, correu para a porta do apartamento. Seus dedos se apressaram em desfazer a trava.

Ele puxou a porta, mas ela fechou bruscamente como se uma mão fantasmagórica a tivesse puxado, e ele notou que a corrente ainda estava presa. Com os dedos trêmulos, ele soltou a corrente e saiu depressa do apartamento.

Parecia impossível que o corredor estivesse igual a quando ele havia subido as escadas, cinco minutos antes. As arandelas formavam sombras assustadoras no carpete escarlate que levava à escada em espiral.

As longas cortinas de renda se agitavam nas janelas. Nada mais se movia. O corredor estava vazio, ainda sim, a sensação perturbadora de estar sendo vigiado persistia.

Perry ouviu o som da chuva sussurrando na janela, como se a casa estivesse reclamando da umidade, da madeira podre, do mofo que permeava seus ossos envelhecidos. Mas era o silêncio ameaçador do outro lado de sua própria porta que parecia inundar todo o resto.

Ele estava esperando pelo quê? O que ele esperava ouvir?

Apesar do seu desespero para chegar ao andar de baixo, às pessoas e às luzes, sentiu-se peculiarmente apreensivo em fazer o primeiro movimento, em fazer barulho, em fazer algo para chamar a atenção - a atenção de algo que pode estar esperando sem ser visto nos vãos sombrios do longo corredor.

Ele precisava obrigar-se a dar o primeiro passo. Então, deslizou pelo corredor, escapando por pouco das aspidistras quase mortas em seus vasos altos de mármore. Apesar das reafirmações de sua mente racional, ele continuava esperando por um ataque que viria dos cantos empoeirados.

Ao chegar ao topo da escada, ele segurou no corrimão para tomar ar. Seus joelhos estavam bambos. Desconfortavelmente, olhou para trás. Nada além das cortinas mexendo na escuridão. Perry desceu as escadas. Quinze degraus para o próximo nível; ele subia de dois em dois.

Ao chegar no segundo andar, hesitou. O ex-policial Rudy Stein morava nesse andar. Um ex-policial deve saber o que fazer, certo?

O Sr. Watson também morava nesse andar, mas Watson morrera há uma semana em Burlington. Seus quartos estavam trancados, seus pertences acumulavam poeira, esperando por um homem que jamais retornaria.

Não que Perry acreditasse em fantasmas – exatamente – ou que tivesse medo de encarar outro corredor escuro e frio, mas depois daquele momento de hesitação, ele continuou a descer o restante da escada até que, finalmente, chegou ao térreo, que servia de entrada para a pensão da Sra. MacQueen.

Alguém vinha em direção à porta de entrada, empurrando-a, contra a chuva densa. Acima, o lustre tilintava musicalmente com a rajada do bafo da tempestade, jogando misteriosas sombras avermelhadas sobre a imagem do homem.

Ele usava uma parca cor de azeitona e com capuz, e, por um momento, Perry não o reconheceu. Na verdade, ele não conseguia ver nenhum semblante sob o capuz da parca e, (seus nervos dispararam), ele suspirou, o som suave propagava pelo corredor silencioso.

Ao tirar o capuz, o homem encarou Perry. Agora Perry o reconhecia. Ele era novo na pensão da Sra. MacQueen, um ex-fuzileiro naval ou algo do tipo. Alto, negro e hostil.

Perry abriu sua boca para informar o recém-chegado sobre o homem morto no andar de cima, mas as palavras não saíam. Talvez ele estivesse em choque. Sentia-se um pouco engraçado, avulso, um pouco tonto. Esperava não desmaiar. Seria muito humilhante.

– O que houve? – disse o homem. Ele franzia as sobrancelhas, mas, ele estava sempre fazendo isso, então não era um problema. Ele não era tão alto, na verdade - um pouco acima da estatura média - mas ele era musculoso, sólido. Uma Rocha de Gibraltar humana.

Finalmente, as cordas vocais de Perry funcionaram, mas o homem não parecia entender as palavras engasgadas. Ele se aproximou. Seus olhos eram azuis, azuis como o mar, o que parecia apropriado, Perry pensou, ainda com a cabeça distante.

- O que houve, garoto? - o homem perguntou bruscamente. Obviamente havia um problema.

Sem ar, Perry tentou explicar. Ele apontou para cima, suas mãos tremiam, e tentou balbuciar algumas palavras entre os suspiros.

E agora, o cadáver no andar de cima era o segundo problema, pois o primeiro era que ele não conseguia respirar.

_ Jesus Cristo! - disse o ex-fuzileiro naval, vendo seu sofrimento.

Perry abaixou-se até o último degrau da escadaria e procurou por sua bombinha para asma.

* * * * *

O final perfeito para um dia perfeito, pensou Nick Reno, assistindo ao garoto do outro lado do corredor usando sua bombinha.

Os papéis do divórcio haviam chegado naquela tarde, mas o que deveria ter sido um alívio, pareceu ser uma outra derrota. O emprego na empresa de construções ainda estava pendente. Era um péssimo momento para construções – parecia um péssimo momento para tudo. E agora isso. Nas últimas horas, Nick esteve pensando em uma bebida forte e um pouco de solidão, mas tudo o que conseguiu foi esse garoto tendo um surto.

_ Garoto, controle-se. Qual era seu nome? Alguma coisa Foster. Nick havia notado na caixa de correios na entrada.

O garoto continuava ofegante, seu tórax magro subia e descia com o esforço que ele fazia para respirar. Talvez ele só tivesse perdido um episódio da sua novela favorita. Talvez tivessem descontinuado seu sabor favorito no Starbucks. Quem diabos saberia? Estranhos.

Nick olhou em volta do corredor suspeitosamente silencioso. Onde estavam as pessoas ocupadas que geralmente inundavam os corredores da pensão da Sra. MacQueen?

_ Eu preciso de ajuda aqui – ele disse, para o Onipotente ou para as portas fechadas, ele não tinha certeza. Mas, após um momento, ouviu uma corrente se abrir. Trancas começaram a raspar, travas chiavam, maçanetas viravam. A porta da velha Sra. Dembeck abriu-se um pouco.

O garoto, que corou em um adorável tom de azul, abaixou sua bombinha e disse: _ Tem um.. homem morto—. E voltou a puxar o ar.

_ Tem o quê? Nick exigiu. _ Onde?

As pessoas rastejavam para fora de seus quartos em direção ao corredor. A Sra. Dembecki, coberta de bobes rosas no cabelo, enrolou seu corpo magro em um roupão de nylon e algodão. _ O que aconteceu? perguntou queixosamente. _ O quê você fez para ele?

_ Eu não o toquei. Nick olhou para cima enquanto uma tábua rangia.

Logo acima, havia um rosto branco e redondo como a lua. Stein, o ex-policial, olhava para eles. Sua boa fazia um O, tão redondo quanto o resto de seu rosto transpirante: olhos redondos, boca redonda, nariz achatado. _ O que está acontecendo? Alguém se acidentou? Sua voz flutuou.

Sério, Nick olhou para o garoto. _ Eu não sei.

_ Perry, o quê há de errado? disse a senhora com a voz trêmula.

Perry. Depois de lembrar-se, Nick pensou sombriamente. Um nome afeminado, se é que existe um. Do outro lado do corredor, outra porta se abriu.

Um gato saiu do apartamento da senhora Bridger e andou em direção a eles, seu rabo branco acenava gentilmente. O garoto fez um som de pânico e apontou com sua mão desocupada.

Nick virou-se impacientemente, mas a Srta. Bridger, de um metro e oitenta, cabelos ruivos, e vestida em um quimono esmeralda, já estava recolhendo seu gato ofensivo e o fechando de volta no apartamento.

Dembecki disse: _ Srta. Bridger, talvez você... Algo aconteceu com Perry. Ela deu uma olhada acusadora na direção de Nick.

Nick começou: _ Olhe, madame -" e então parou, dando lugar à Jane Bridger, que sussurrou vestindo sua camisola de seda. Havia um dragão bordado nas costas de sua camisola. Ela estava embebida em perfume Poison. Nick o reconheceu como sendo o favorito de Marie, seu estômago embrulhou.

_ Perry, querido – ela balbuciou, juntando-se ao garoto no último degrau. _ O que está acontecendo? E explicou ao Nick: _ Ele tem asma.

_ Eu percebi.

Foster abaixou a bombinha mais uma vez e disse: _ Homem morto... em minha... banheira.

Ele falava com Nick, como se fosse um problema dele; Talvez ele tivesse pensado que Nick seria o único preparado para lidar com o caso do cadáver.

A porta da proprietária dos apartamentos abriu-se, finalmente, e a Sra. MacQueen saiu de uma nuvem de fumaça de cigarro. _ Qual é a festa? ela rosnou. _ O quê vocês estão fazendo agora? Uma rajada de risadas da TV saiu de seus aposentos.

_ Perry está doente – disse a Sra. Dembecki. _ É a asma.

Bridger afagou o ombro de Foster gentilmente. Suas longas unhas eram vermelho sangue, contrastadas com a camisa branca dele. _ Agunte um pouco, querido. Respire com calma e profundamente. Seu roupão abriu-se e revelou o contorno dos seios, tão perfeitos que teriam de ser falsos. Nick levantou os olhos. Se Stein se debruçasse mais no corrimão, ele despencaria.

Dois pequenos cães saíram dos aposentos de MacQueen e, com suas unhas raspando no chão de madeira, encontraram o caminho para a porta de Bridger, latindo histericamente.

De saco cheio, Nick deu um passo para trás, pisando no pé da Sra. Dembecki; Ele não havia visto que ela fora para trás dele. Ela uivou como um gato machucado.

_ Desculpe – Nick exclamou.

_ Por que você não olha por onde anda? a Sra. Dembecki lamentou, mancando até uma de suas poltronas acolchoadas perto da lareira. A lareira estava apagada. Nunca esteve acesa, até onde Nick conseguia lembrar. Talvez fosse só decoração. Só enfatizava o quanto não acolhedora era a maldita casa.

Foster engoliu e disse veementemente: _ Há um cadáver em minha banheira!

Silêncio mortal. Outra rajada de risadas da TV. Alguém olhava nervosamente.

_ O quê isso significa? exigiu MacQueen, finalmente. Ela fazia Nick lembrar-se de James Cagney vestido de *drag queen*, e ela também soava como ele.

_ Significa que alguém precisa subir e verificar. – Disse Nick.

O garoto olhou agradecido.

_ Quem, eu? MacQueen afastou-se com cara de “nem que me paguem”.

_ Você é a dona do lugar. Você é a gerente, não é?

_ Mas, é... quero dizer... sim, mas... - Seus olhos arregalados passavam por todos os presentes. Ela molhou seus lábios sem cor. Os outros faziam barulhos, desculpas inaudíveis, barulhos apologéticos.

_ Esqueça – disse Nick. _ Eu vou. Seria um alívio escapar do show de horrores por um minuto ou mais. _ Onde estão suas chaves, garoto?

Foster disse: _ Eu não... tranquei a... porta. Ele ainda estava ofegante, mas não estava mais azul. Continuava segurando sua bombinha com força.

_ É no terceiro andar. O quarto da torre, em frente ao seu. – MacQueen informou Nick.

_ Entendido. Nick começou a subir as escadas.

No segundo andar, passou por Stein, que sorriu sem motivo, mas não disse nada.

Nick continuou a subir até o terceiro andar. Estava escuro e quieto lá em cima; o cheiro de gatos e o som da TV não chegavam até lá. Nem o calor, na maioria das vezes. Cortinas de renda sobre as janelas semi abertas, voavam como espectros e depois achatavam-se contra a parede. Não tinha a melhor visibilidade: o longo corredor estava mal iluminado; um par de plantas quase mortas em vasos longos, providenciavam um abrigo bom para uma emboscada.

Uma sensação estranha passou pela nuca de Nick. Era uma sensação que ele aprendeu a não ignorar durante seus quatorze anos de serviço—embora inesperado em uma mansão arruinada no meio da floresta de Vermont.

Ele considerou, e ignorou, voltar para seu quarto e armar-se. Ele estava seguro de que poderia lidar com qualquer idiota que possa ter entrado no quarto.

Ao chegar no apartamento do garoto, com cuidado, Nick virou a maçaneta.

A porta abriu-se em um quarto amplo e frio que cheirava a chuva e aguarrás. Parecia um estúdio de arte e não o aposento de alguém. As cortinas haviam sido removidas para permitir mais luz. Um pano respingado cobria boa parte do chão. Uma tela semi coberta com pinheiros, repousava em um cavalete perto da janela. Telas brancas estavam armazenadas contra a parede; Utensílios de pintura cobriam o que parecia ser a mesa da sala de jantar. Havia pinturas por todo o lugar: nas paredes, no chão.

No meio do quarto havia uma mala.

Então o garoto havia dormido fora; isso significa que alguém poderia ter entrado em seu quarto e... morrido.

Exceto que a porta do banheiro estava aberta, a luz acesa. Nick tinha uma visão clara da banheira. Estava vazia.

Surpresa.

Ele realmente esperava encontrar um cadáver na banheira?

Não, mas algo com certeza assustara o pobre Perry. Das poucas vezes que Nick encontrou-se com ele nas escadas, ele parecia quieto, educado e são.

Nick foi em direção ao banheiro.

O banheiro era grande, antigo, igual ao dele. A banheira era uma daquelas de porcelana com pés, que despejava água quente e fria em diferentes torneiras, o que a tornava ideal para esquentar os pés. Havia uma janela pequena e em forma de bala sobre a banheira. Para rir, Nick abriu a janela e olhou para baixo, vendo o solo com lama e o topo das árvores molhadas que refletiam as luzes da casa.

Ninguém e nenhum corpo.

Havia uma mancha marrom dentro da banheira. Ele ajoelhou-se para verificar. Barro vermelho? Tinta? Ferrugem? Aquele borrão poderia ser muitas coisas e, ainda sim, mesmo sem identificar, seus pelos da nuca arrepiaram. Ele coçou a nuca com seu dedo e o cheirou. Estaria ele imaginando o cheiro de cobre, metálico?

Claro que não.

Ele notou marcas pretas raspadas no ladrilho. Como se o salto de alguém tivesse sido arrastado pelo chão?

Os olhos de Nick estreitaram-se enquanto pensava. Levantou-se e foi até o quarto. Quase nada para ver. Uma cama de casal, uma escrivaninha gasta. A única coisa fora de ordem era um sapato marrom em frente ao armário. Ele o pegou. Couro barato. Tamanho 47. Havia um buraco na sola. Nick colocou o sapato no parapeito da janela, olhando para a cama. Uma pilha de livros repousava no criado-mudo. Livros de uma biblioteca. *I Like 'Em Tough, They Can't All Be Guilty, I Found Him Dead, Secrets of a Private Eye*. Uma estante estava lotada de livros exibindo títulos igualmente lúgubres.

Seus lábios curvaram-se ironicamente. Certo, agora algo fazia sentido.

Ainda lembrando do terror naqueles olhos castanhos, ele abriu a porta do guarda roupa. Minha nossa. O garoto ainda havia pendurado o pijama.

Ele olhou embaixo da cama. Alguém havia criado o garotinho de maneira correta. Nenhum pó, nenhum cadáver.

Curiosamente, Nick olhou os outros quartos e armários. Nenhum cadáver. Havia uma tabela de asma presa na geladeira, que contava sua própria história triste, e uma caixa de *Froot Loops* em cima do freezer, que Nick achou ser deprimente e divertido.

Assim que ele fechou a porta da frente, os quadros alinhados na sala de estar chamaram sua atenção. Nick não sabia nada sobre arte, mas sabia do que ele gostava. E ele gostou dos quadros. Havia certeza e

maturidade nos calmos estudos de pontes cobertas e florestas de outono que surpreendiam qualquer um. Um ponto para o garoto.

O segundo andar estava vazio quando Nick chegou. Stein deveria ter se aborrecido ou caído da varanda. O mesmo cenário no saguão. MacQueen escapou para dentro de seu apartamento e aumentou o volume da TV. Na verdade, as únicas pessoas que ainda estavam lá eram Foster, que parecia ter se recuperado – a bombinha não estava mais por perto – e a voluptuosa Sr. Bridger, que estava em pé em frente a lareira apagada.

_ Tudo certo? ela perguntou animada. Seus cabelos ruivos e sua camisola verde eram como um grito naquele aposento monótono.

_ Sim. Nick lembrou-se da mancha de barro vermelho na banheira, mas deixou para lá.

_ Não mesmo. Não pode ser! O rosto magro de Foster se fechou. _ Então eles o moveram, – ele disse, teimoso.

_ Eles? Espere, é uma conspiração?

Foster enrubesceu. Ele tinha uma pele clara e de bebê que propagava suas emoções como se fosse um *outdoor*.

_ Querido, querido, - murmurou Bridger. _ Não pode ter sido um sonho ruim?

_ Ou muitas histórias de detetive? Nick adicionou.

Foster ainda estava sentado no último degrau da grande escada. Ele olhou para Nick. _ Eu não estava dormindo! Ele voltou seu olhar bravo para Bridger. _ Eu voltei do aeroporto, entrei e lá estava ele. _ Eu não estava dormindo. Eu não estava alucinando.

_ Não há cadáveres agora.

Foster engoliu seco. _ Acho que deveríamos chamar a polícia.

Bridger olhou para Nick com desânimo. Como seria problema do Nick? Deixe que eles chamem a polícia. Apenas o deixe fora disso.

_ Mas, querido, Sr... hm. Sr. —”

_ Reno, - Nick disse relutantemente.

_ Sr. Reno já verificou. A polícia não achará nada agora. Certo? _ Não queremos causar problemas.

Nick olhou para ela. Talvez um pouco durona, mas, ainda sim, surpreendentemente, uma mulher bonita para morar no meio do nada. O quê a preocupava sobre os policiais?

_ A polícia tem o pessoal forense, - Foster disse, insistentemente. _ Pessoas treinadas que têm equipamento que pode achar traços microscópicos de sangue e cabelo.

Nick pensou novamente na mancha sangrenta na banheira. As possíveis marcas de algemas no ladrilho. _ Ouça, garoto -

_ Perry. Perry Foster. Foster levantou-se, como se tivesse decidido.

_ Tanto faz. Foster, a polícia não vai enviar o time forense de maneira alguma, por causa de uma ligação falsa.

_ Não é falsa! Havia um cadáver. Alguém o colocou em meu apartamento trancado e o tirou de lá novamente. Alguém nessa casa.

Bridger olhou apreensiva para a porta fechada de MacQueen. Ela mordeu os lábios inferiores e disse: _ Querido, vamos para o meu apartamento para pensar melhor sobre isso.

Nick abriu a boca, mas Foster disse primeiro. _ Eu não posso entrar, - ele disse, obstinado.

_ Vou tirar os gatos de lá.

_ A raiva deles -

_ Ah, pelo amor de Deus! Nick exclamou. _ Não ligo para o que vocês vão fazer, apenas não me envolvam.

O garoto, Foster, rangeu os dentes, mas seus olhos brilhavam ameaçadoramente enquanto encarava Nick. Claro. Obrigado pela ajuda, – ele disse educadamente.

Nick começou a ir embora. _ A polícia pode querer te questionar, Sr. Reno, - Bridger avisou. Seus olhos brilhavam como vidro verde.

Nick respirou fundo e expirou vagarosamente. _ Vamos entrar e pensar melhor nisso, - ele disse calmamente.

* * * * *

A polícia chegou enquanto eles tomavam café. O café tinha um toque de *brandy*, o que era um erro na opinião de Nick, mas, claramente, a noite toda foi um erro até então. Chamar a polícia foi o maior erro e ele esbravejou eloquentemente e alto - mais alto do que tudo - sobre o tópico.

Agora ele meditava em silêncio, tomando metade do sofá de Jane, feito de crina. A polícia, após ouvir Perry, correu para o andar de cima para investigar. Nick Reno estava certo. Não havia equipe forense, apenas dois suplentes cansados e molhados, com capas amarelas, nada contentes.

Antes dos suplentes subirem, Nick os avisou sobre a mancha de lama na banheira e as marcas de algema no ladrilho.

_ Por que você não disse isso antes? Perry acusou quando a porta se fechou. _ São pistas.

_ Deixe que os policiais decidam se são pistas ou não, - Nick retrucou.

_ Mais *brandy*? Jane ofereceu. Ele estendeu o copo e ela completou o café.

Perry olhou para sua caneca. Ele sabia que os outros dois estavam irritados com ele por ter insistido em chamar a polícia; é como se eles estivessem operando em um universo alternativo. Claro que ele chamou a polícia. Qualquer pessoa normal chamaria a polícia.

Agora, os três sentavam, esperando pelos policiais, bebendo café batizado e comendo *cookies* decorados, tão duros que quebrariam um dente. O *brandy* estava afetando Jane; ela flertava com Nick.

O olhar de Perry passeava pelo quarto. Havia dois cartões de Natal sobre a mesa. Um deles era de uma companhia de seguros. O outro estava virado para baixo. Jane não era do tipo dona de casa. Seu apartamento era uma bagunça. Ela deve vestir-se e despir-se, indo de quarto em quarto, ele decidiu, olhando uma blusa de seda sobre uma abajur. As mesas tinham pó e havia pelo de gato nos móveis sobrecarregados. Seu peito fechou quando notou isso.

_ Como você está se sentindo, querido? Jane perguntou a Perry, embora lesse sua expressão.

_ Bem. Lançou um olhar tímido para Reno e depois o desviou. Nick Reno olhava para ele como se ele fosse um idiota.

_ O que aconteceu enquanto eu estava lá em cima? Reno questionou de repente.

Jane deu de ombros e ajeitou o ombro onde sua camisola repousava. _ Nada.

_ Sr. Center saiu de seus aposentos, - Perry disse.

_ Por aproximadamente meio minuto. Depois voltou, - Jane explicou. _ Todos fizeram isso. Sra. Dembecki entrou em seu apartamento e trancou a porta. Sra. Mac fez o mesmo. Não é como se todos achassem que você encontraria algo. Afagou a mão de Perry, desculpando-se, e perguntou para Nick: _ Por quê? O que você esperava?

Nick Reno tinha a expressão de quem não dava pistas. Em vez de perguntar diretamente a Jane, ele perguntou: _ Quantas pessoas moram aqui?

_ Sete, agora que a pobre Sra. Watson se foi.

Os olhos de Nick estreitaram-se reflexivamente. _ Aquele é o cara que morreu na vila? E Stein é o gordo no segundo andar?

_ Sim. Ele trabalha como segurança no shopping na maioria das noites. Costumava ser o Sr. Stein, Sr. Center e a Sr. Watson no segundo andar. Nesse andar, somente eu, Sra. Dembecki, Sra. Mac e Sr. Teagle desde... bem, quase sempre. Tenho certeza de que você conheceu o Sr. Teagle. Ele faz questão de

conhecer todo mundo. Seu sorriso era sarcástico. Sr. Teagle não gostava de Jane. _ E logo no terceiro andar, estão você e Perry nas torres gêmeas.

Perry estava tentando pensar em um cronograma. Não era possível que alguém entrasse na casa pelo lado de fora, ou, se já estivesse dentro, usasse a escada principal sem ser visto pelos inquilinos no saguão. O que significa que quem quer que tenha movido o corpo, ainda estaria no terceiro andar entre as viagens de Perry e Reno. Talvez o intruso estivesse no quarto de Perry quando ele achou o cadáver. Talvez ele estivesse assistindo por detrás da porta durante o tempo todo.

Era uma ideia desconfortante. _ O corpo deve estar em algum lugar no terceiro andar, - Perry disse a eles.

Jane parou de bater suas unhas vermelhas no copo e encarou-o.

_ Onde? Nos meus aposentos? Reno sugeriu secamente.

Os olhos de Perry estreitaram, focando na razão. Era a explicação mais óbvia. Não havia corpo porque Reno o levou para o seu quarto. Ele estivera lá fora quando Perry desceu. Poderia significar alguma coisa?

Ao assistir Perry montando a cena, Reno comentou: _ Você tem uma baita imaginação, garoto. E, estranhamente, Perry tranquilizou-se.

_ Talvez ele tenha descido pelo duto da lavanderia. O cadáver, quero dizer. Jane passou o prato com os *cookies* redondos e duros como cimento.

Nick recusou os *cookies* balançando a cabeça. _ Descreva o homem morto para mim, - ele ordenou.

Perry pensou bem. _ Ele deveria ter uns cinquenta anos, pesado. Ele precisava se barbear. Seu cabelo era avermelhado, como se fosse pintado. Ele usava um blazer quadriculado amarelo e marrom, e meias cor de mostarda. Ele tinha um buraco no sapato esquerdo.

Nick ficou alerta. _ Que tipo de sapato?

_ Um mocassim marrom.

_ Você tem certeza do buraco no sapato esquerdo?

Perry acenou e, lembrou-se repentinamente: _ Ele tinha cabelos espessos no nariz e uma verruga no queixo.

_ É mais do que eu preciso saber, - Jane murmurou.

Uma mão pesada bateu à porta e ela pulou. Perry ficou pálido como um dos cadáveres em seus livros. _ É a polícia, - ele disse.

_ Não brinque. Nós os chamamos, lembra? Como os outros dois pareciam estar paralisados, Nick levantou-se e abriu a porta.

Cansados e ameaçadores, os dois policiais os olharam.

_ Eu preciso perguntar. Vocês estiveram bebendo nessa tarde? o parceiro mais velho perguntou. Com sua capa de chuva e chapéu, ele lembrava Gorton Fisherman – depois de rebocar uma rede vazia.

_ Nós tomamos um pouco para fins medicinais, - Jane disse sob protestos indignados de Perry. _ Nós não estivemos juntos toda a tarde, então não posso dizer mais que isso. Ela esticou-se confortavelmente e os olhares dos policiais voltaram-se para a linha de seu pescoço.

Os policiais pigarrearam. _ Não há ninguém lá em cima. Nenhum corpo.

_ Eu já havia dito isso, – Nick disse. _ E o sangue?

_ Quem disse que é sangue? Pode ser... lama.

_ Você viu muito sangue? O segundo policial perguntou. Ele era mais novo e parecia ser um pouco mais bravo por ter sido arrastado para lá.

_ Chega.

Perry disse. _ E as marcas de algemas?

_ Marcas de algemas não significam nada, - disse o policial. _ E eu não vi lama alguma. Ele olhou para seu parceiro. _ Você viu a lama?

_ Não. A banheira estava limpíssima. Como se alguém a tivesse limpad.

_ O que isso te diz? Jane perguntou.

O homem mais velho a olhou calmamente. Que alguém a limpou. Seus olhos negros repousaram por um momento sobre a garrafa de *brandy* na mesa de centro.

Perry insistiu. _ Havia um homem morto em minha banheira. Ele não chegou lá por acidente.

_ Talvez ele não estivesse morto. _ Talvez ele fosse um mendigo que foi embora quando você o encontrou.

Havia tantos buracos naquela teoria que Perry não sabia por onde começar. Ele protestou: _ Meu apartamento estava trancado. Como ele pôde entrar?

_ Como um homem morto entraria? Um mendigo teria mais chances de arrombar do que um homem morto.

Lógica inevitável. Perry persistia. Mas ele estava morto. Alguém o trouxe e o retirou de lá novamente para que vocês não acreditassem em mim.

_ Isso não deve ter acontecido, - disse o policial. O policial mais velho olhou-o com reprovação.

_ Olhe, - Reno disse. _ Eu não acreditei no cadáver, mas eu vi uma mancha de alguma coisa naquela banheira e que parecia muito ser sangue. E havia marcas pretas, provavelmente de algemas, no ladrilho. Aliás, Foster disse que o cadáver usava um sapato com um furo na sola. Eu encontrei o sapato. Deixei-o no parapeito.

_ Nós não vimos nenhum sapato com um buraco.

_ Vocês olharam no quarto?

Claro. Nós não procurávamos por sapatos, especificamente.

_ Vocês viram o sapato no parapeito?

Os policiais se olharam indecisos.

_ Eu não vi sapato algum, - disse o policial caricato. _ Se quiser verificar, - ele adicionou - vá em frente.

_ Eu acredito em você, - Jane disse. Ela bocejou e disse para ninguém em particular, _ Cavalheiros, odeio ser estraga prazeres, mas eu preciso do meu sono de beleza. Ela fez um gesto preguiçoso de despedida e os homens da lei, obedientemente, foram para o saguão.

_ Você está certo, verificarei eu mesmo, - Perry disse, levantando-se. Mas ele não pode deixar de ver se Nick o acompanharia.

Nick decidiu acompanhá-lo. Ele marchou escada acima, o garoto e os policiais atrás, e entrou no apartamento de Foster pela segunda vez naquela noite.

Perry o seguiu, fitando os quartos como se nunca os tivesse visto antes. A noite tornava-se alucinante. Com certeza ele estava privado de sono. Ele encarou sua mala no meio do quarto. Parecia ter passado uma vida desde que ele saiu da casa Vitoriana de Marcel e pegou o avião para Vermont.

Ele seguiu Nick até o banheiro. Obviamente, a banheira esta vazia - e limpíssima.

Nick passou os dedos pelas bordas da banheira. _ Úmido, - ele comentou. Perry o encarava. Os policiais, tampando a passagem, também o encaravam.

Passando por eles, Nick foi em direção ao quarto, fitando o parapeito.

Um sapato estava lá à vista de todos. Era preto, pequeno – talvez um tamanho 41 – em bom estado.

Um músculo do queixo de Nick tencionou enquanto ele examinava o mocassim. _ Esse não é o sapato.

_ Veja você mesmo, colega. É o único sapato aqui.

Nick lançou o sapato para Perry, que o pegou e engoliu seco. _ Esse é o meu sapato, - ele disse, como se temesse por seu sapato ser culpado de algo.

_ Sim, é o que havíamos pensado.

_ Achei que vocês não tivessem notado nenhum sapato. Reno retrucou.

_ Não notamos nenhum sapato suspeito.

_ Cale a boca, Abe, - o homem mais velho murmurou.

Nick começou a falar, mas desistiu. Seria uma discussão perdida. Os policiais haviam se decidido há vinte minutos; isso era certo.

Ele olhou para o garoto, e era óbvio que Foster sabia que tudo estava acabado, mas, ainda sim, ele olhava para Nick com expectativa. Por quê? O que ele pensava que Nick poderia fazer? Mesmo que Nick quisesse fazer algo sobre isso.

Ele baixou os olhos e o garoto desviou o olhar, rangendo os dentes. Suas mãos tremiam e ele as enfiou nos bolsos.

Os policiais aproveitaram a deixa.

_ Boa noite, amigos. Fiquem em segurança. O policial mais velho, último a sair, tombou a ponta do seu chapéu respingado de chuva.

Nick fechou a porta antes que ele fechasse sozinha. Olhou novamente para Perry Foster. O garoto focava a banheira, encostado na porta do banheiro.

Os comentários inaudíveis dos policiais silenciaram com os sons das botas na escada.

Situação neutralizada, pensou Nick. Hora de descansar, enfim. _ Acho que é isso, - ele disse. _ Acho que vou dar "boa noite" também.

A cabeça de Foster virou-se. _ Já vai?

_ Sim. Nick foi elaboradamente casual em resposta ao tom que ele não queria ouvir na voz de Foster. _ Está tudo certo por aqui.

Foster era um garoto frágil. Ele morava sozinho e, presumia-se que ele tinha um emprego, então ele não poderia ter quatorze anos, apesar de aparentar. Seus pulsos eram finos e joelhos magros saíam dos buracos de sua calça rasgada da Levi's. Havia veias azuis por baixo da pele pálida de suas mãos. Nick lembrou-se do *Froot Loops* e da tabela de asma na geladeira.

Droga.

_ Obrigado, - Foster disse roucamente. _ Acho que você também pensa que sou um psicopata, mas agradeço pela ajuda.

_ Não acho que você seja um psicopata. Na verdade, ele não fazia ideia se o garoto era ou não psicopata. _ Eu acho que você viu algo. Mas, o que quer que tenha sido, já se foi agora. Acabou.

Nick pensou no sapato com um buraco; ele deveria ter percebido rapidamente que era muito grande para o tamanho de Foster. Alguém havia trocado o sapato assim que Nick saíra. Alguém havia limpado a banheira e o chão. Alguém tinha culhões. Mas não era problema do Nick. Seu trabalho não é salvar o mundo. Não mais.

_ É, bem..., - o garoto tentou dizer, sorrindo sem convencer. _ Talvez eu consiga um quarto de hotel na cidade. Ele pegou suas malas. _ Não quero ficar aqui essa noite.

O aceno de Nick foi breve. Ótima ideia. A melhor ideia até agora. Exceto por que... uma rajada de vento balançou a casa. As luzes piscaram. Do outro lado do quarto, Reno ouviu Foster engasgar suavemente. Seus olhos pareciam enormes. Assim como os de Bambi, quando sua mãe faleceu na floresta.

Era uma noite escura e vil. Não era uma noite para dirigir, a menos que necessário. O rádio avisava sobre o tempo. Enfim, que tipo de bastardo deixaria um garoto asmático sair em uma tempestade?

_ Droga, - grunhiu. _ Você pode ficar comigo essa noite.

Havia um pouco de cor na face pontuda. _ Não quero incomodar, - Foster disse, esperançoso.

Nick bufou.

Capítulo Dois

_ Você era da marinha? Perry tentou puxar uma conversa educada enquanto media o apartamento de Reno.

Os apartamentos da torre eram pequenos e isolados, e espelhavam um ao outro. Em ambos, o quarto principal dava em uma sala de jantar redonda com duas janelas com detalhes em formato de diamante. Do lado de fora, os quartos arredondados pareciam torres pequenas. Eles davam à casa sem graça e velha, um ar gótico. Por outro lado, o lugar era banal, especialmente agora que muita da arquitetura interna foi mudada para acomodar apartamentos. O apartamento de Nick tinha uma cozinha comprida e estreita que dava para a floresta. Perry olhou de relance para o jardim cheio e, em sua maioria, morto. Isso não importava, pois seus aposentos eram apenas um lugar para pintar. Também não parecia que Nick passava mais tempo que isso em seu apartamento. Ele tinha dois quartos (um deles foi transformado em uma sala de ginástica) e um banheiro. Havia poucos móveis e poucos toques pessoais.

Reno cortou a conversa e respondeu prontamente, _ Marinheiro da SEAL.

_ Deixe que a jornada comece.

Nick olhou feio, o que Perry já começava a reconhecer, e Perry explicou: _ Nos comerciais da TV. _ *Deixe que a jornada comece. Não é um trabalho, é uma aventura. O slogan dos marinheiros, sabe.*

Aparentemente Nick não sabia. Ele foi para a cozinha e sumiu.

Sentindo-se rejeitado, Perry virou-se para o quarto da frente. As paredes eram vazias, exceto por um quadro, uma enorme pintura do mar. Estava pendurada acima da lareira. Ondas azuis e acinzentadas abaixo do céu ameaçador. Perry gostou. Não havia mais quadros. Nenhum. As paredes eram imaculadamente brancas. Havia um pequeno sofá azul, onde ele dormiria. Uma luminária estava atrás do sofá. Uma mesinha ficava na frente dela. Somente esses móveis. Nada disso revelava a personalidade de Reno, a menos que a falta de móveis revelasse algo.

_ Você quer uma cerveja?

Perry largou sua mala e seguiu a voz de Nick até a cozinha. A cozinha era imaculada. Uma geladeira antiquada murmurava para si mesma. O fogão a gás parecia uma antiguidade. O relógio na parede indicava que já era mais de meia noite e Perry notou o quão cansado estava.

Nick estava encostado na pia, bebendo uma cerveja. Tomando ar, ele disse: _ Sinta-se em casa.

Perry abriu a boca para recusar, mas ele viu o brilho nos olhos de Nick, o olhar de quem esperava que Perry fosse uma moça que não bebe cerveja à meia noite.

_ Obrigado, - ele disse e abriu a geladeira. Ele esperava que ela estivesse vazia, exceto pelas cervejas e suplementos. Errado. As prateleiras estavam cheias de comida. Leite, ovos, pão e carne embrulhada em papel filme. Vegetais pressionados contra a gaveta de plástico.

Perry encontrou uma cerveja – do tipo importada – e tentou tirar a tampa.

Nick engasgou com a própria bebida e a cuspiu na pia. Ele estava rindo, nada gentil. Perry esfregou as mãos na calça.

_ Você precisa de um abridor de garrafas, - Nick o informou, limpando o queixo com as costas da mão.

Defensivamente, Perry murmurou: _ Eu não estava prestando atenção.

Nick entregou-lhe o abridor de garrafas. _ Quantos anos você tem? Você tem mais que dezoito, certo?

_ Tenho vinte e três.

As sobrancelhas escuras ergueram ceticamente. Nick parecia ter trinta. Ele tinha pele morena clara e cabelos pretos e curtos. E os olhos azuis-marinhos. Ele era muito bonito de uma forma “não me toque”. Tinha quase a mesma altura que Perry, mas pronto para agir. Palavra-chave: músculos.

Perry engoliu a cerveja que tinha gosto ruim. Ele não conseguia decidir se ele gostava de Nick Reno, mas ele sentia-se seguro com ele. Ele não conseguia imaginar nada que Nick Reno não pudesse solucionar.

Nick saiu da cozinha e foi para o corredor. Perry bebeu mais cerveja.

Gotas de chuva batendo na janela faziam um som mórbido. Ele lembrou-se que há algumas horas ele estivera em São Francisco. Ele não podia lembrar disso agora. Não com um cadáver aparecendo e desaparecendo como em um filme de terror. Ele bebeu um pouco mais da cerveja ruim.

_ Há quanto tempo você mora aqui? A voz de Nick perguntou do outro quarto.

_ Um ano no mês que vem.

_ E nada do tipo aconteceu antes?

_ Não, claro que não.

_ Algo suspeito?

Perry pensou. _ Não.

_ Você não parece convencido. Nick apareceu na porta com alguns cobertores dobrados.

_ É uma casa velha, - Perry disse relutantemente. _ Tem... atmosfera.

A expressão de Nick dizia que “atmosfera” não era uma resposta. _ O quê, piso rangendo? Vozes sussurrando?

_ Às vezes parece estou sendo observado, - Perry disse. _ Às vezes parece que minhas coisas foram movidas. Como se alguém estivesse em meus aposentos. Às vezes parece que a casa está... escutando.

Nick o considerou por um bom tempo. _ Eu diria que você é um doido varrido, mas alguém limpou a banheira e trocou os sapatos. Eu com certeza não imaginei isso. E eu com certeza não consigo pensar em um motivo inocente para alguém ter feito isso.

Era um alívio alguém acreditar em mim. Perry adicionou: _ Era para eu não estar aqui durante a semana. Eu voltei cedo.

_ Quem sabia disso?

Perry esfregou os olhos com os dedos. _ Eu não sei. Não era segredo. Janie – Sr. Bridger – sabia. Sra. Mac. Tudo parecia ficar claro para ele. Engolindo seco, ele disse: _ Eu estive planejando a viagem para São Francisco há semanas. Acho que qualquer um saberia.

O que quer que Nick tenha visto em sua face, ele disse bruscamente: _ É, bem, seria ótimo aprofundar isso. Durma um pouco e nos falaremos pela manhã.

Dormir parecia uma boa ideia. Perry não havia comido nada em quase vinte e quatro horas, e a cerveja o estava afetando. Ou talvez fosse exaustão. Ele não havia fechado os olhos na noite passada – e na noite anterior ele esteve muito agitado para conseguir dormir. O caminho do aeroporto o deixou exausto; seu estômago estava vazio há horas.

_ Obrigado. Ele caiu no sofá. Nick jogou os cobertores dobrados. Ele os pegou com o peito.

Ele abriu a boca para agradecer-lo novamente, mas Nick já havia desaparecido dentro do quarto que Perry não conseguia ver. A porta fechou-se, finalmente.

A porta fechada foi um alívio. Perry não tinha se dado conta do quão nervoso o homem mais velho o fazia sentir-se. Nervoso e auto consciente. Nick Reno, homem de ação, claramente desprezava o covarde do outro lado do corredor.

Perry abriu sua mala, encontrou um pijama de flanela e um par de meias limpas. Seria uma noite fria. O termostato estava no sessenta, mas o calor escoava pelo batente da janela.

Com as mãos tremendo de exaustão repentina, Perry colocou o pijama, as meias e enrolou-se nos cobertores. O sofá era uns trinta centímetros mais curto. Não importava; uma cama de pregos seria

melhor do que dormir em seu próprio quarto silencioso.

Ele considerou vagamente escovar os dentes, mas ele não conseguia convencer a si mesmo. Em vez disso, ele enterrou a cabeça no travesseiro frio e teve um choque. O travesseiro tinha o cheiro de Nick Reno. Tinha um cheiro masculino: Um pós barba de muito tempo atrás e um sabonete de ervas.

De uma maneira indefinível, isso o lembrava de Marcel, embora Marcel não tivesse o mesmo cheiro que Nick Reno. O sentimento de solidão e perda retornaram com força, colidindo com uma onda, arrastando-o para o mar em uma correnteza emocional. Seus olhos doíam, seu rosto enrubesceu. Ele pressionou o corpo contra o travesseiro que tinha o cheiro de Nick Reno para abafar o choro que ameaçava sair de sua garganta.

Seria a gota d'água terminar a semana chorando até dormir no sofá de Nick Reno. Ele imaginou Reno saindo de seu quarto e encontrando-o chorando no sofá, o que o surpreendeu com um riso molhado. Ele podia ver o horror no rosto de Reno claramente.

Ouvindo a chuva cair, fechou os olhos e deixou que isso o levasse.

* * * * *

Trinta minutos, Nick pensou, atirando a revista em cima da MK23. Trinta minutos e o garoto estará na terra dos sonhos.

Ele esperou, espreguiçou-se, braços cruzados atrás da cabeça, relaxado, esperando.

Ele gostava do som da chuva contra as paredes e telhado; fazia ele lembrar-se do mar. Ele sentia falta do mar.

Quando o relógio bateu o trigésimo minuto, ele levantou-se silenciosamente e foi até a porta para abri-la.

Tudo quieto na sala de estar. A luz ainda estava acesa, então ele esperou, ouvindo. Ele concentrou-se, desligando a chuva, desligando o relógio, os galhos batendo na casa. Ele pôde ouvir o garoto respirando suavemente, continuamente, adormecido.

Abriu a porta e foi até o corredor. Seu convidado estava confortavelmente curvado no sofá. Sua mala estava aberta, sua bombinha estava na mesa de canto, ao alcance das mãos. Suas chaves estavam no chão. Nick olhou novamente. Foster usava um pijama listrado e um relógio de pulso.

Nick pegou as chaves e parou quando ouviu uma tábua do chão ranger. O garoto respirou fundo e enterrou mais ainda seu rosto no travesseiro.

Nick continuou em direção à porta. Destrancou e saiu no corredor escuro. Ele trancou novamente a porta.

Cautelosamente, foi até o fim do corredor. Havia um armário embutido para roupa de cama em uma ponta. Suspeito, ele queria verificar.

Um baú de viagem embaixo de uma das janelas encardidas chamou sua atenção. Diga o que quiser, mas Nick aprendeu há muito tempo a não assumir nada. Ele ligou sua lanterna.

O baú estava trancado, mas ele abriu a velha fechadura sem problemas. Ao abrir a tampa, ele foi cumprimentado com um cheiro de naftalina. O interior estava lotado de tralhas. Alguns álbuns de fotos antigos, revistas velhas, uma boneca negra sem um braço, panos que pareciam com retalhos. Ele fechou o baú, desligou a lanterna e foi até o armário de roupas de cama.

Uma relíquia de tempos distintos, o armário embutido abriu-se com um ranger lúgubre das dobradiças não usadas. Nick esperou pelo som do alarme, pronto para abortar.

Nada. Ele puxou a corda da lâmpada. Uma luz fraca mostrou o vazio, prateleiras vazias e teias de aranha enormes o suficiente para acomodar uma aranha de Júlio Verne. Pó cobria o chão; Nick não precisaria ficar de quatro para ver que ninguém, vivo ou morto, havia estado nesse quarto por anos.

Segunda tentativa.

O garoto - ou talvez Bridger – mencionou o duto da lavanderia. Nick passou a luz da lanterna pela parede. Ele tinha uma vaga memória de dutos de lavanderia em hotéis. Eles geralmente davam no porão. Jogar um corpo pelo duto da lavanderia seria uma boa maneira de se livrar dele, mas não parecia ter um duto nesse andar. Os dois quartos da torre eram iguais, e, como não havia duto no quarto de Nick, ele tinha certeza de que o garoto também não tinha um.

Isso significa que alguém teria de levar o cadáver até o segundo andar e colocá-lo no duto da lavanderia. A maioria dos dutos que Nick havia visto não era tão grandes. Seria um bom lugar para livrar-se de uma criança ou anão; um cadáver adulto certamente ficaria entalado.

Ele foi até o apartamento de Foster, tateando no quarto escuro pelo interruptor.

Brevemente, ele distraiu-se com a quantidade de telas pintadas. Campanários brancos em contraposição a céus tempestuosos, um celeiro vermelho, sozinho e varrido pelo vento, árvores douradas. O outono da Nova Inglaterra. O que Foster fazia com tudo isso? Ele tentava vender? Era melhor do que muita coisa que Nick viu à venda.

Ele estudou meticulosamente os pinceis, os tentadores tubos de cores, as esponjas, régua, navalhas, facas, rolos de tecido. Um passatempo caro, se fosse um.

Ao abrir a janela do quarto, ele olhou para baixo para a escada alta que brilhava, reagindo à luz que vinha de trás dele. Aqui estava a explicação mais plausível. A janela não tinha tela, e era grande o suficiente para passar um homem.

Mas quando Nick verificou, a janela estava trancada. Como alguém passaria um corpo pela janela, subiria sem derrubar o corpo, fecharia a janela e *a trancaria por dentro?*

Aliás, como alguém *entraria* por uma janela trancada?

Certo, digamos que a janela não estivesse trancada. Ainda sim, não é uma tarefa fácil carregar um peso morto por uma escada de seis metros. Ao descer, o assassino poderia jogar a carga, mas seria arriscado. Alguém poderia ouvir o corpo batendo na casa. Poderia ter ficado preso nas árvores. Passar um cadáver pela janela apresentou vários problemas de logística.

Mas um homem pode estar desesperado o suficiente para tentar. Dependeria do tamanho do corpo e do tamanho do homem que carregou o corpo.

O vento ecoava pela casa, erguendo-se para apanhar as folhas molhadas com uma mão fantasmagórica.

Nick balançou sua cabeça molhada como um cachorro e retornou ao apartamento.

O intruso teria de ser um homem, decidiu. Um homem em boa forma. Nick estava em ótima forma, mas ele não tinha certeza se poderia carregar um cadáver tão longe, a menos que o morto tivesse o tamanho de Perry Foster. E, ao julgar pelo tamanho do sapato perdido...

Teria de ser um trabalho interno. Nada mais fazia sentido. Nick pensou nos outros moradores do sexo masculino do Alston Estate. David Center parecia um louco, mas ele era cego, o que provavelmente o tira da posição de Psicopata do Ano. Rudy Stein, do segundo andar, é uma possibilidade. Teagle, no primeiro andar, era outro louco. um desses velhotes firmes e fortes que têm o hábito de meter o nariz na vida dos outros.

Mas Teagle estava for a visitando parentes em Barre. Parecia improvável que ele viria somente para depositar um cadáver e conseguir escapar sem deixar pistas.

O que o trouxe de volta para Stein e Center. Stein era um ex-policial, de acordo com a fofoqueira. Center é um psíquico profissional, um cartomante. Ele tem uma loja em Fox Run, onde ele lê mãos e joga tarô. Como um homem cego lê tarô? Nick não fazia ideia.

Ele realmente não conseguia imaginar nenhum deles escalando escadas na noite escura, com ou sem cadáveres. A coisa toda não fazia sentido. Se Nick não tivesse visto as marcas de algemas e o suposto sangue, ele teria dito que Foster estava delirando. Mas alguém era muito esperto. Trocar os sapatos foi um erro. Foi arrogante. Praticamente um desafio.

Nick nunca recusou um desafio.

* * * * *

Perry acordou depois de um sono profundo e sem sonhos.

Demorou um pouco até ele se orientar. Ele não estava em sua cama. E ele não estava na cama de Marcel. Tudo veio à tona rapidamente. Toda manhã, pelos últimos nove meses, seu primeiro pensamento ao acordar era sobre Marcel. Mas agora, em vez de florescer de antecipação, uma leve depressão acomodou-se nele como um floco de neve em um galho. Ele conseguia sentir sua compostura quebrando debaixo do peso; não ajudava em nada lembrar que ele estava de luto por um sonho, por algo que nunca existiu, exceto em sua imaginação. E por alguém que nunca existiu.

Ele secou o canto dos olhos. O apartamento estava quieto. Ele ouvia o tilintar da chuva no beiral. Nick Reno já estava em pé; Perry podia ouvi-lo mexendo-se quietamente pela cozinha, e ele podia sentir o cheiro de café sendo coado e do baco fritando: dois dos melhores aromas no mundo.

Seu estômago roncou. Ele saiu do casulo de cobertores e colocou suas calças. Ele tinha um torcicolo. Ele precisava de um banho e barbear-se. Precisava escovar os dentes.

Precisava voltar ao seu apartamento.

A compreensão o encheu de desânimo. Até mesmo à luz do dia, pensar em voltar lá, encarar o silêncio, o vazio - a memória do cadáver na banheira...

Ele foi em direção à cozinha, colocando uma camiseta. Nick estava sentado à mesa, tomando café e lendo um jornal. Ele levantou os olhos, seus olhos azuis e sua pele morena.

_ Bom dia, - ele disse laconicamente. _ Sirva-se.

Havia uma chaleira antiga de aço inoxidável ao alcance. Perry foi até o fogão. Uma caneca limpa estava sobre o balcão, o que pareceu um gesto amigável. Ele colocou o café: forte e puro. Nada de sofisticação e sabor para Nick.

_ Tem leite na geladeira, - Nick disse sem tirar os olhos do jornal.

Colocando muito leite e várias colheres de açúcar em seu café, Perry sentou-se de frente para Nick. Ele assistiu ao Nick engolir café puro. Nick terminou a história que estava lendo e dobrou seu jornal. Ao encontrar o olhar de Perry, ele meneou a cabeça de leve.

_ Dormiu bem?

_ Sim, obrigado.

Aquilo parecia servir como conversa. Nick levantou-se, foi até a geladeira e pegou uma caixa de ovos. Ele movia-se de maneira eficiente pela cozinha; drenou o bacon e quebrou os ovos.

_ Gema mole?

_ Ahn?

_ Seus ovos. Fritos, certo?

_ Claro, - Perry disse. _ Obrigado. Ele estava extremamente feliz de ter sido convidado para o café da manhã, para atrasar seu retorno. _ Obrigado por ter me deixado dormir aqui na noite passada, - ele disse timidamente.

Nick passou manteiga sobre os ovos, sem responder.

Ele usava Levi's e uma camisa de flanela lisa. A camisa estava desabotoada, revelando um estômago tão moreno e duro como um busto de navio. Seus músculos do peito ondulavam quando ele movia a pesada panela de ferro. Perry lembrou-se de não encarar.

Nick tinha um ótimo perfil também, não tipicamente bonito, mas forte e simétrico. Havia caráter e dureza em seu rosto. Perry queria desenhá-lo.

Ele podia imaginar o que Reno diria sobre essa ideia.

_ Por quanto tempo você esteve na SEALs? ele perguntou, quebrando o silêncio.

_ Dez anos. Quatorze na marinha, somando tudo.

_ É bastante tempo.

Nick olhou torto. _ Mais do que metade da sua vida.

_ Você gostava?

Por quê? Pensando em se alistar?

O sarcasmo pegou Perry de surpresa, e ele escondeu-se atrás da sua caneca.

Nick pensou que foi mais rude do que merecido. Ele disse: _ O que você faz com todos aqueles quadros no seu apartamento?

_ Eu tento vendê-los.

_ Para quem?

_ Qualquer um. Por quê, quer comprar um?

Nick olhou para ele e depois sorriu. O sorriso era muito branco em seu rosto moreno e, inesperadamente, jovem. Isso o transformou, assim como sorrisos em livros devem ser.

_ Talvez, - ele disse. _ Você não é mal.

Por causa do elogio inesperado, Perry sentiu sua face corar. Nick parecia alguém que pensaria que arte é feita de calendários afeminados ou pôsteres de carros emoldurados em plástico. Mas não era justo, havia aquela visão temperamental do mar pendurada acima da lareira.

_ Perry continuou: _ Alguns vale-presente ajudam no meu trabalho. Estou tentando chamar a atenção de algumas galerias. Até agora, nada. Ele deu de ombros.

_ Você frequentou uma escola de artes ou algo do tipo?

Perry encarava os padrões dos grãos na toalha de mesa. _ Não. Eu queria ir para uma escola de artes, mas... não deu certo.

_ É? Nick não parecia muito interessado. Ele colocou um prato na frente de Perry com ovos fritos, bacon e batatas douradas. *Muita* comida.

Perry hesitou: _ Eu geralmente não tomo café da manhã. Ele tinha certeza que Nick não consideraria sucrilhos Kellogg's um café da manhã.

_ Grande erro. O Café da manhã é a refeição mais importante do dia. Nick disse sem expressão; certamente, *requerimentos nutricionais diários* não era algo com que ele brincava.

Perry experimentou os ovos. Eles estavam bons. Por que eles não estariam cobertos com manteiga suficiente para causar um ataque cardíaco? Ele pegou uma tira de bacon, pensando no nível de colesterol de Nick.

Sentado, com seu prato, Nick perguntou: _ Você pensou em quem poderia saber que você não estaria aqui nessa semana?

De volta aos negócios. Ele foi gentil em demonstrar interesse, entretanto.

_ Janie, como eu disse. E eu acho que mencionei para o Sr. Teagle. E Sra. MacQueen.

_ Mais alguém?

_ Aqui, não. Eu disse na biblioteca que eu estaria de férias.

_ Você trabalha na biblioteca? As sobranceiras escuras levantaram-se como se Perry tivesse confessado ser um dançarino exótico.

_ Eu gosto de livros. Perry adicionou desafiadoramente: _ Gosto de pessoas que leem. Não havia livros no apartamento de Nick, nem mesmo um de receitas. Nenhuma revista. Havia o jornal do dia, mas, isso contava?

A boca de Nick torceu um pouco, embora ele achasse engraçado a defensividade de Perry. _ Alguém decidiu usar seu apartamento como um armazém enquanto você esteve fora, isso é óbvio. _ O que não faz sentido é toda a movimentação do cadáver. Por que não deixá-lo onde ele morreu?

_ Bem, por que seria incriminante.

_ Claro, mas por causa de como ele morreu ou *onde*? Você pode dizer como ele morreu? Pode dizer se ele foi assassinado?

Perry lembrou-se da face esverdeada, a boca entreaberta, as bochechas fundas, as fendas sinistras dos olhos. A náusea veio até sua garganta. Ele decidiu não falar. _ Não vi sangue, mas eu não olhei com cuidado. Eu não o toquei.

_ Ele poderia ter sido estrangulado?

Perry balançou a cabeça. _ Não. Ele havia lido muitas histórias de detetives para saber como o cadáver ficaria.

_ Acho que ele pode ter sido envenenado. _ Tinha cheiro de quê?

Perry encarou Nick. Seu estômago embrulhou e depois voltou ao normal. _ Ele tinha cheiro de... morto.

Nick parecia não ter se impressionado. Perry tentou: _ Talvez ele tenha morrido de causas naturais, mas, por que ele não deveria estar em algum lugar específico, ele foi movido para o meu quarto.

_ Por que não deixá-lo na floresta ou na estrada principal?

_ Talvez não tivesse tempo? Colocá-lo em meu apartamento deveria ser uma medida temporária.

_ Talvez. Acho que temos de focar em quem teve a oportunidade. Você poderia ter inventado a história toda, mas eu vi a mancha e as marcas de algemas e o sapato, e você não teve a oportunidade de se livrar disso antes dos policiais chegarem. O mesmo vale para Bridger. Ela ficou com você o tempo todo enquanto eu estava lá em cima?

_ Bem, sim, - Perry respondeu, surpreso. _ E ela não sumiu quando você desceu.

_ Nem MacQueen ou Dembecki poderiam carregar um homem inconsciente. Não acho que fariam isso juntas, ainda mais sozinhas. Isso nos deixa com Stein e Center. O que você sabe sobre os dois?

_ Sr. Stein era um policial, - Perry disse. _ Ele está aposentado agora.

_ Ele é casado?

_ Divorciado, eu acho. Não sei nada sobre Center, exceto que ele é um médium. Ele faz sessões. Ele pode dizer o futuro ao ler cartas de tarô.

_ Em outras palavras, ele é um charlatão.

Perry deu de ombros. _ Ele leu para Jane uma vez. _ Ela disse que foi... estranho.

_ A cinquenta reais, *estranho* é a palavra. Nick terminou de comer seus ovos e olhou para o prato de Perry. _ Coma, garoto.

_ Perry engoliu algumas batatas e confidenciou: _ Geralmente não consigo comer quando estou nervoso.

Nick balançou a cabeça. _ Comer corretamente é essencial.

_ Você aprendeu isso na SEALs?

_ Na verdade, sim.

Perry acenou com a cabeça de forma encorajadora. Ele reconhecia um fanático quando via um, e todos os fanáticos gostavam de uma chance de disseminar a palavra. Com certeza, Nick estaria no palanque bem antes de você poder dizer *índice glicêmico*.

_ Uma dieta correta fornece o combustível para manter seu motor funcionando sem problemas. Fornece energia e promove o crescimento e reparo dos tecidos. E regula os processos do seu corpo.

Perry retrucou com um sorriso largo. Esse foi o máximo que Nick Reno falou até agora - na verdade, ele era quase amigável com seu entusiasmo.

_ Carboidratos, proteína e gordura são os três nutrientes da energia, - Nick concluiu. _ A melhor fonte de energia é o carboidrato. Ele olhou incisivamente para o monte de batatas de Perry, e Perry de uma bela garfada automaticamente.

_ A polícia pode estar envolvida? ele perguntou e engoliu. _ Eles podem ter limpado a banheira e trocado os sapatos.

_ Por que eles fariam isso?

_ Por que alguém faria isso?

_ Eu não vejo isso como uma operação de fora, - Nick disse. _ Alguém pode ter usado a escada do lado de fora da janela, mas ele teria trazido lama e chuva para o carpete. _ E ele não poderia trancar a janela depois de ter saído.

Perry considerou isso, mordendo um pedaço de bacon. Quando foi a última vez que ele comeu bacon – bom bacon, que não era seco? Há muito tempo. Nick come bem, com certeza.

_ Há outra possibilidade, - Nick adicionou. _ O assassino - assumindo que foi um assassinato – pode ter estado em seu apartamento quando você chegou e depois moveu o corpo, quando você saiu.

Embora o pensamento também tenha passado pela cabeça de Perry, ele não gostava disso. Deixou-o enlouquecido: a ideia de alguém o vigiando, talvez pronto para matá-lo.

_ Mover para onde?

_ Algum lugar no terceiro andar. _ Nick adicionou: _ Não que eu tenha achado algum sinal disso.

_ O que você quer dizer? Perry alinhou os pensamentos. _ Você *verificou*? Noite passada? Você foi sozinho?

_ Eu sei me virar. Nick ficou abismado com o horror de Perry.

Quer dizer que Perry não saberia se virar?

_ De qualquer forma, a situação está segura, eu acho.

_ Segura, claro. Foi clarificante. Perry afastou o prato. _ Obrigado pelo café da manhã e todo o resto. Acho que eu devo voltar agora.

Nick mordeu o lábio. _ Eu andei pensando nisso. Eu não acho que você deva ficar em seu apartamento até você descobrir como esse espantalho está entrando e saindo.

_ Eu não posso pagar por um hotel, - Perry disse sem esperanças. _ Na noite passada eu estava desesperado, mas... - ele ofereceu um sorriso peculiar e meio tímido. _ Só tenho o dinheiro do aluguel agora. Eu gastei – gastei muito esse mês.

O rosto de Nick disse tudo.

_ Então peça para que MacQueen te dê outro apartamento.

_ Não há nenhum. Exceto pelo do Watson, mas todas suas coisas estão lá. Perry tremeu.

Nick disse sombriamente: _ Faça o que quiser, garoto, mas eu mudaria as fechaduras de casa assim que possível. Depois de um momento, ele adicionou relutantemente: _ Posso te emprestar dinheiro.

_ Obrigado, - Perry murmurou humildemente. Obrigado por tudo.

Nick deu de ombros. Ele lava a louça quando Perry pegou sua mala e saiu pelo corredor.

Ao destrancar a porta do seu apartamento, ele colocou a cabeça para dentro e olhou em volta suspeitosamente.

Tudo parecia quieto e normal. Ele deveria ter sonhado os eventos da noite passada. Tudo parecia estar como ele havia deixado antes de partir para São Francisco, cheio de alegria e entusiasmo. Ele lembrou-se de trancar o quarto com a sensação de que ele estava fechando uma porta de um capítulo de sua vida.

Uma onda de depressão o atingiu.

Caindo na cadeira mais próxima, ele colocou sua cabeça em suas mãos e tentou lidar com isso. Ele estava feliz que tinha conseguido dormir um pouco e tomar café da manhã, pois, caso contrário, ele estaria desmoronando agora. Os barulhos aconchegantes da geladeira, o tic do relógio; esses sons familiares pareciam solitários agora. Ele geralmente gostava da chuva, mas não estava ajudando em nada hoje.

Levantou-se e carregou sua mala até o quarto, parando na porta do banheiro para ver se não tinha nenhum corpo.

Tudo parecia estar nos trinques.

Ao colocar sua mala na cama, algo chamou sua atenção. Algo estava em sua almofada. Um pássaro. Um pássaro marrom, morto.

Com as mãos trêmulas, Perry o pegou. Parecia macio em suas mãos, e frio. Seu pescoço pendurado estava quebrado.

Capítulo Três

Nick sabia o que a batida em sua porta significava, antes mesmo de olhar pelo olho mágico. Ele reclamou e abriu a porta.

Perry Foster estava ali, parado, segurando um pássaro com as duas mãos. _ Está... morto, - ele disse.

Um pássaro morto. Nick processou as novidades. Avalie e responda, esse era o programa, e ele precisava responder rápido, pois mais alarmante do que o pássaro morto, era o fato de Foster estar com o rosto azul, procurando por ar.

Por que eu? - ele pensou. *Já tenho meus próprios problemas.* Ele pegou o pássaro morto com uma mão e arrastou o garoto para dentro com a outra.

_ Sente-se.

Foster jogou-se no sofá, abraçou os joelhos com as mãos e sofria para respirar. Não era agradável assisti-lo. Nick sentiu-se indefeso, o que o deixava bravo.

_ Onde está a sua... qual é o nome? Bombinha?

Foster o ignorou, sufocando como um peixe fora d'água.

_ Merda!

Os olhos do garoto foram em direção a Nick, e ele percebeu que, provavelmente, estava piorando as coisas. As pessoas ainda morriam de asma? Ele não sabia nada sobre isso. Ele deu uma volta pela sala e parou perto do sofá. Desajeitado, deu um tapinha no ombro magro do garoto.

_ Acalme-se. Você está bem agora.

Foster balançou a cabeça. Cortês até o último suspiro.

O ataque continuaria para sempre, é o que parecia para Nick. Distraidamente, ele passava a mão pelas costas de Foster, sentindo os ligamentos da espinha por meio do cóton suave da camiseta – e por que raios ele usava uma camiseta com esse tipo de tempo?

_ Tente respirar devagar, - Nick ordenou, lembrando-se vagamente de alguns programas de TV.

Por fim, a respiração de Foster se acalmou. _ Estava... no meu travesseiro, - ele conseguiu dizer.

Nick havia esquecido do pássaro morto que estava em sua mesinha. Ele fitou o corpo pequeno e quebrado. Sua cabeça borbulhava de raiva.

Ele estava bravo com o pássaro idiota, estava bravo com o garoto idiota e estava bravo por estar sendo arrastado para essa bagunça.

_ Pense melhor, - ele instruiu. _ Há alguém que guarde rancor de você?

_ *Eu?* Foster arfou. _ Isso... não é... sobre mim!

_ Não importa sobre o que seja. Você tem inimigos?

_ Claro que não.

_ Você teve alguma desavença com alguém nos últimos dias? Talvez algo insignificante? Ouvir música alta ou algo do tipo.

Foster balançou a cabeça.

_ Alguma discussão sobre a vaga do estacionamento? Fechou alguém quando ia para o trabalho?

Balançou novamente a cabeça.

_ Revogou alguma carteirinha da biblioteca?

Espantosamente, Foster riu. Foi uma risada fraca, mas verdadeira.

_ Você voltou mais cedo de férias. Por quê?

Os olhos castanhos, grandes e inocentes fitavam Nick com dor. _ Meu amigo... mudou de ideia.

_ Seu... Oh. Ele pensou um pouco. _ Sem arrependimentos por parte dele?

_ Nenhum. Uma plavara seca, cheia de desgosto. Era vergonhoso. Mas então, prosaicamente, Foster adicionou: _ De qualquer forma, ele mora em São Francisco.

_ Certo, você está pegando mais alguém?

O olhar inocente novamente. Nick tinha vontade de destruí-lo.

_ Garoto, você é gay, não é? Os problemas vem com o estilo de vida.

Foster sussurrou: _ Tenho um estilo de vida sem problemas. Eu tive um amigo. Já acabou.

_ Bem, não se lamente. Seu tom brusco trouxe a cor de volta para o rosto branco de Foster, e isso era um bom sinal na opinião de Nick. Foster era fofo como o Cristóvão, do Ursinho Pooh, e, sem querer, Nick estava curioso sobre o amigo que havia mudado de ideia. _ Sem discussões com ninguém?

Cansado, Foster balançou a cabeça.

_ Então, acho que podemos assumir que isso tem a ver com o cadáver que você encontrou. Alguém está te avisando.

Por quê? Os policiais não acreditaram em mim.

Nick deu de ombros – não sabia o porquê - e levantou-se. _ Não, e não acreditarão em você de novo.

Foster acenou com a cabeça para a mesinha e a pomba morta. _ E aquilo?

Nick balançou a cabeça. _ Você consegue provar onde você encontrou esse pássaro? Poderia ter voado para dentro da casa ontem à noite e quebrado o pescoço. Acontece. Os policiais podem achar que você está fazendo isso para chamar atenção. Ou que você não bate bem da cabeça.

Foster parecia ter medo e estar arrasado.

Com uma gentileza que o surpreendeu, Nick disse: _ Mesmo que eles acreditem em você, o que eles podem fazer? Sério. O máximo que eles podem fazer é acusar alguém – e quem eles acusariam por arrombamento?. Deixar um pássaro morto não é nem uma ameaça específica.

Finalmente, Foster concordou.

Nick entendeu como sendo uma permissão para livrar-se do pássaro. Quando ele voltou, Foster disse: _ O que eu devo fazer?

Você é um adulto. Faça o que quiser. Nick abriu a boca para dizer isso. Ele havia feito coisas violentas em sua época, mas aquilo seria o mesmo que socar um bebê na face; em vez disso, ele disse: _ Vamos examinar seu apartamento. Você pode empacotar algumas coisas.

_ E ir para onde? Não tenho dinheiro para me mudar; eu disse isso antes. Enfim, não posso quebrar meu contrato.

Não exatamente um tipo para ir preso, o jovem Foster.

Nick disse: _ Acho que alguém ter entrado em seu apartamento já quebra o contrato. Faça MacQueen te dar o quarto do Watson. Ela pode tirar as coisas dele de lá, e eu ajudarei com as suas.

Foster olhou para Nick como se ele fosse seu herói, e Nick sentiu uma dor desconfortável no estômago. Foster tinha ossos bonitos, pele clara e cabelo cor de mel que caía em seus olhos. Suas pálpebras tinham veias azuis e um pulso era visível na cavidade vulnerável na base de sua garganta. Nick pigarreou.

* * * * *

Do lado de fora do apartamento de Foster, eles encontraram o Sr. Teagle, energeticamente batendo na porta.

Um homem grande e magro, Teagle os cumprimentou com sua voz grave. _ Aqui está você! Pensei que não fosse estar aqui.

Apesar do sorriso, ele parecia cansado, mais grisalho do que o normal – e aparentando cada um dos seus setenta e poucos anos.

_ Olá, Sr. Teagle, - Foster disse. _ Quando você chegou em casa? Como foi sua viagem?

Ele era um tipo amigável, sem dúvidas.

O volume da voz de Teagle aumentou, como se tivesse problemas de audição. _ Hoje de manhã. Gostaria de não ter ido. Perda de tempo. As pessoas dizem que a economia está melhorando, mas não consigo ver isso, – ele balançou a cabeça. _ Esses malditos Democratas. Ele espiou Nick ceticamente. _ Você é Democrata?

_ Eu sou um Independente, - Nick disse de forma curta.

Teagle pareceu não ter se convencido. _ Você é aquele ex-fuzileiro naval, não é?

_ Sim.

Talvez Teagle tivesse sido do exército. Ele balançou a cabeça novamente e voltou-se para Foster. _ Filho, ouvi dizer que você teve uma péssima experiência ontem à noite. Alguém invadiu seu apartamento?

_ Alguém entrou, - Foster respondeu, aparentemente sem conseguir expressar a verdade nua e crua.

_ Esses vândalos estão em todos os lugares, - disse o Sr. Teagle. _ Não há disciplina, não há controle. É essa sociedade tolerante. Na minha época...

Ele deu um sermão sobre os bons velhos tempos, enquanto Foster abria a porta e os deixava entrar.

Nick gostaria que Foster se livrasse do velho tagarela, mas ele era tão incapaz de expulsar invasores casuais quanto ladrões.

_ Você quer chá, Sr. Teagle? Nick?

_ Não, - disse Nick.

_ Eu adoraria, - Teagle sentou-se em uma das poltronas, aparentemente se acomodando.

_ Não é melhor você pegar suas coisas? Nick perguntou a Foster, rigidamente.

Sr. Teagle encarou Nick por cima dos ombros, mesmo que ele estivesse falando com Perry. _ Pegar as coisas? Você vai a algum lugar, filho?

Foster olhou desconfortavelmente para Nick. _ Talvez. Até eu resolver o que está acontecendo com meu apartamento.

Teagle virou-se para o garoto. _ Isso tem a ver com o ladrão de ontem à noite?

_ Mais ou menos. Ele não era exatamente um ladrão.

_ Mas para onde você vai, filho? Você não pode quebrar seu contrato. Ele observou Nick mais uma vez, imaginando que ele estivesse por trás disso. _ Essa ideia é sua, jovem?

_ Sim, - Nick disse entusiasmado.

Foster escondeu-se na cozinha, retornando com o chá de Teagle. Ele disse depreciativamente: _ Só vou pegar algumas coisas e colocar em uma mochila, - e foi para o outro lado da sala.

Sr. Teagle abaixou sua caneca e disse calorosamente: _ Já sei! O que você acha de ficar comigo por um tempo, Perry? Até você resolver esse probleminha.

Foster parou no meio do caminho. _ É... muito gentil de sua parte, - ele disse, relutantemente.

_ Então está acordado!

_ Foster ficará comigo pelo tempo que precisar, - Nick disse, feliz consigo mesmo novamente. Foster lançou um olhar gratificante que irritava e satisfazia Nick ao mesmo tempo.

_ Entendo, - Sr. Teagle disse vagorosamente depois de um tempo, a desaprovação vibrava em seu tom de voz.

Nick sentiu sua face corar imaginando o que o senhor estaria pensando. Bem, deixe que ele pense isso; não era verdade e, ainda sim... Nick não confiava nele.

_ Quem tem chaves para esses apartamentos? ele perguntou para Teagle. _ Além de MacQueen?

_ Tiny, claro. Você sabe. O zelador.

Nick piscou. Como eles haviam esquecido de Tiny? Ele não apenas vivia nos arredores, mas também era grande e forte o suficiente para carregar corpos para cima e para baixo na escada o dia todo.

_ Mais alguém?

_ Deixe-me pensar... hmm. Acho que a Srta. Bridger tem uma cópia. Sra. MacQueen confia nela para ficar de olho nas coisas quando ela sai.

Ele olhou para Foster, que carregava sua mala para fora do quarto. _ Filho, posso falar com você em particular?

_ Ahn, claro. Foster olhou incerto para Nick.

Nick disse: _ Estarei no corredor.

Ele balançava a cabeça enquanto saía do apartamento, pensando no que ele havia se metido.

* * * * *

Sr. Teagle limpou a garganta e disse: _ Sente-se um pouco, filho.

Perry sentou-se. Ele sentia que sabia o que estava por vir, mas ele não sabia como resolver isso sem ser rude ou magoar o velho homem. Sr. Teagle sempre foi gentil com ele, embora ele fosse um pé no saco, verificando as cartas de Perry e seus convidados – não que Perry tivesse muitos convidados.

_ Filho, você sabe que eu não gosto de bisbilhotar. É que... Fox Run é uma cidadezinha e, apesar do que alguns legisladores pensem, Vermont é um estado conservador. Você sempre foi discreto sobre seus amigos, o que é esperto. Muito esperto.

_ Não é o que você pensa, - Perry opôs-se com firmeza. _ Nick só está oferecendo um lugar para eu ficar enquanto penso no que farei.

_ Você sabe o que isso parece, Perry. As pessoas vão falar e esse tipo de fofoca pode prejudicá-lo.

Perry disse: _ Sr. Teagle, Nick nem é gay. Ele só está sendo... gentil.

Sr. Teagle estremeceu ao ouvir a palavra com G, e disse educadamente: _ Quem vai acreditar nisso, filho?

_ Bem, isso é problema deles, - Perry disse finalmente, sendo educado.

_ Bem, não estou tentando te dizer o que fazer, embora eu tenha vivido mais do que você e eu sei como as pessoas podem ser más e vingativas. Acho que você deveria ter cuidado ao tomar alguma decisão nesse momento.

_ Não posso ficar aqui, - Perry disse por fim. _ Havia um cadáver em meu apartamento.

_ Você é um garoto sensível, - Sr. Teagle admitiu. _ Tem certeza de que não está dando asas à imaginação? Seus olhos castanhos estudavam Perry.

_ Tenho certeza.

_ Claro, é você quem decide.

_ É, é sim.

Sr. Teagle secou seu rosto suado com um lenço. _ Acho que vou me deitar; essa viagem me cansa. Não sou tão jovem como antes.

Ele estava da cor de um fantasma, e Perry disse: _ Você está bem? Precisa de ajuda para descer?

_ Não, não. Prometa-me que ao menos vai pensar no que eu disse. Se precisar de um lugar para ficar, minha porta está sempre aberta.

O velho homem levantou-se e saiu. Perry o seguiu até o corredor, trancando a porta. Ele esperou até o Sr. Teagle sair de vista antes de ir para o apartamento do Nick.

Ele bateu na porta entreaberta e Nick disse de dentro: _ Está aberta.

Perry entrou. _ Você tem certeza que quer que eu fique aqui, ou eu devo falar com a Sra. Mac agora?

Nick torceu o nariz. _ Imaginei que você não quisesse ser colega de quarto do velhote. Se MacQueen não te deixar ficar no apartamento do Watson, você pode ficar aqui até descobrirmos o que fazer. Mas

não se preocupe. MacQueen deixará você ir para lá; ela tem a obrigação legal de manter seus inquilinos seguros.

Perry ocultou seu desapontamento. Ele não queria ficar no quarto de Watson, cercado pelos pertences de um homem morto; ele queria ficar com Nick, que era tão durão e frio, mas inesperadamente gentil.

Desceram até o saguão e Perry bateu na porta de MacQueen. Lá de dentro veio o som sem fim da TV. Eles esperaram.

Nick bateu mais forte. No fim do corredor, a porta da Sra. Dembecki abriu-se e depois fechou-se com pressa.

_ Talvez ela não esteja aqui, - Nick disse.

_ Ela sempre está aqui.

Ao ouvir o som da corrente abrindo, Perry deu um passo para trás. Uma nuvem de fumaça de cigarro e ar poluído saíram pela fresta, seguidos por um cachorro tão gordo que mal podia escapar. Perry tossiu bastante e olhou para Nick, desculpando-se.

Pegue aquele vira-lata! A voz de Sra. MacQueen saiu pela nuvem de fumaça de cigarro.

Nick agachou-se e pegou o cachorro; suas unhas grandes arranhavam o chão de madeira. Ele o arrastou para dentro do quarto como se estivesse arrastando uma caneca para a pia.

Sra. MacQueen apareceu na fumaça, um cigarro balançava em sua face rechonchuda. _ O que é? Perry explicou o que estava acontecendo.

Sra. MacQueen olhou para os dois. Sua expressão mudou, se possível, ficou mais desagradável.

_ Você não pode estar falando sério, Sr. Foster, - ela disse. Ela olhou para Nick pensando o que ele teria a ver com essa revolta repentina. _ O quarto já está alugado.

_ Você só pode estar brincando, - Nick disse. _ Seu inquilino está morto.

_ Seus pertences ainda estão lá. Nós ainda não conseguimos acertar as coisas com seus... ahn... herdeiros.

Nós? Ela e os cachorros?

_ Não vou mexer nas coisas dele, - Perry disse. _ Só quero ficar em algum lugar onde ninguém entre a qualquer momento. Alguém entrou em meu apartamento duas vezes.

Sra. MacQueen riu: _ *Dois vezes!* Agora são duas vezes! Ela balançou a cabeça. _ Desculpe, querido, você pode pedir para que Tiny troque as fechaduras do seu quarto. É o máximo que farei.

_ Não sei se eles entram pela porta. Perry ouviu o que disse e ficou corado, mas ele manteve sua postura.

Sra. MacQueen olhou para Nick. _ Você fez isso com ele?

_ Olhe, senhora, - Nick disse – Não sou do tipo imaginativo e eu vi o suficiente para me convencer de que alguém está entrando no quarto do Foster.

_ Isso não importa, - Sra. MacQueen disse. _ O apartamento do Watson é maior. Custa mais uns cem dólares por mês.

O coração de Perry começou a bater mais forte, tremendo em seu peito. Ele disse: _ Há os direitos dos locatários, Sra. MacQueen. Se você não puder providenciar a segurança adequada, eu posso quebrar meu contrato. Então você ficará sem meu aluguel e o aluguel do Sr. Watson.

_ Eu vou te processar, - Sra. MacQueen ameaçou.

_ Eu vou te processar de volta. E eu ganharei. Pessoas estiveram no meu quarto. Duas vezes. Pelo menos. Sr. Reno é uma testemunha. E se você me processar, vou processá-la por danos também.

_ Já vi casos piores que esse ganharem, - Nick adicionou sem emoção.

Os olhos de MacQueen saltavam de um para outro enquanto ela pensava. Os cães estavam arranhando a parte inferior da porta entreaberta, as patas pequenas aparecendo e sumindo por debaixo da porta.

_ Certo, tanto faz. É sua escolha, - Perry disse, virando as costas.

_ Espere um minuto, - a Sra. MacQueen protestou. _ Não seja tão apressado. Jovens são sempre apressados. Eu não disse que você não poderia alugar o apartamento do Watson. Eu disse que era maior que o seu quarto, mas o aluguel está pago até o fim do mês, então você pode ficar lá, e, talvez, seus problemas já tenham sido resolvidos.

A batalha acabou. Perry estava irritado e não tinha para onde ir. Ele sentia-se deprimido enquanto olhava para ela.

_ Mas, se algo acontecer, se os... herdeiros disserem que algo está faltando, será culpa sua, querido.

_ Ótimo, - Nick disse. _ Está acordado. Venha, Foster.

A porta de MacQueen bateu tão forte que o lustre balançou, tilintando como vidro quebrado. Mas, como a maioria das coisas por lá, não deu certo e nunca deu certo por anos. Nick foi em direção à escadaria.

_ Não acredito que foi tão fácil, - Perry disse encarando os ombros largos de Nick.

_ Você me surpreende, garoto, - Nick respondeu.

Eles começaram a subir as escadas e ele disse bruscamente: _ Vamos acomodá-lo e depois falaremos com o Tiny. Ele sentia-se mais animado. Ele podia colocar o garoto em um lugar seguro e depois voltar para seus próprios problemas, como o fato dele não conseguir um emprego por ter “muitas qualidades”.

Eles viraram no segundo lance de escadas e Nick parou, do nada. Perry apoiou-se para retomar o equilíbrio, tocando os músculos que pareciam rochas por baixo da camiseta de flanela de Nick.

David Center estava à frente deles, alto e magro em um robe roxo. Nick não pensava bem sobre homens que andavam por aí em robes roxos, embora, naquela casa, nada fosse surpreendente.

_ Então você o viu, - Center anunciou.

Nick foi seco. _ Viu quem?

_ O fantasma de *Witch Hollow*.

Capítulo Quatro

_ **E o que seria isso?** Nick perguntou.

Center o ignorou. _ O contato com o sobrenatural pode ser uma experiência alarmante se você não estiver preparado. A primeira vez que eu -

Nick abriu a boca, mas ao ver sua expressão, Perry apressou-se e disse, desculpando-se: _ Mas eu não acho que vi um fantasma.

Na opinião de Nick, o garoto parecia passar muito tempo inventando desculpas para as expectativas lunáticas das outras pessoas.

_ Mas é claro que era um fantasma! Exclamou Center, virando-se em direção à voz de Perry. _ Você não acredita realmente que um morto apareceu e desapareceu em sua banheira?

Falando em mortos... Center parecia um vilão de um filme de 1940. Bigode fino e cabelo preto e liso como uma asa de corvo. Seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros. Tudo sobre ele preocupava Nick – e isso tudo de forma geral.

_ Quando você fala assim, um fantasma faz sentido mesmo, - ele disse sarcasticamente. Ao olhar para Foster, viu que o garoto estava tentando manter o rosto sério.

O que era um alívio.

O que era um alívio. Por um momento, Nick imaginou Perry engolindo todo aquele papo assim como ele devorava o *pulp fiction* em sua biblioteca. _ Suponho que você não acredite, - Center disse para a testa de Nick. _ Eu acredito em várias coisas, - Nick disse. _ Mas aparições não fazem parte da minha crença.

Center saiu de perto de Nick, pegando a mão de Foster. Nick sentiu que Foster foi para o lado dele e se pertungou o por quê de Foster se importar com isso.

_ Venha, você precisa me dizer o que viu, - Center sussurrou. _ Cada detalhe. Precisamos determinar por que o espectro escolheu manifestar-se para você.

_ Isso pode esperar? Perry perguntou. _ Nick está me ajudando a empacotar as coisas.

_ *Empacotar?* Center ficou horrorizado. _ Você está se mudando?

_ Só saindo do quarto da torre.

_ Mas você não pode! Isso seria um grande erro. Os espíritos escolheram falar com você lá. Você não deve rejeitá-los. As consequências podem ser graves.

_ Sem trocadilhos? O tom de Nick fez com que a cor voltasse no rosto de Center. _ Foster, não tenho o dia todo.

Enquanto ele subia as escadas, notou uma porta no corredor, a porta de Stein, fechando-se. Ele deve ter escutado a conversa. Ele deu sorte se entendeu alguma coisa.

Perry o alcançou no terceiro andar.

_ Cara, aquilo foi bem seco, - ele disse.

_ O cara é um idiota.

Silêncio.

_ Se você planeja passar o dia conversando no plano astral, fique à vontade. Tenho coisas para fazer.

Foster não sabia o que dizer, mais uma vez.

Havia mais silêncio no apartamento de Nick. Ele foi ver suas mensagens no telefone e Roscoe havia ligado.

Nick ligou para o número que ele havia deixado. Suas mãos suavam e estavam frias, seu coração palpitava – todas sensações nada familiares.

Uma recepcionista o colocou em contato com Roscoe imediatamente.

_ Seu idiota, - Roscoe o cumprimentou. _ É melhor que você não tenha arrumado emprego com outra pessoa!

É tudo o que Nick conseguiu dizer com calma: _ Por quê? O que você tem?

Salário ruim, benefícios ruins, jornada longa e um bando de imbecis como colegas de trabalho.

_ Quais as desvantagens?

Roscoe riu. _ Ei, se você quiser o trabalho é seu. Há um detalhe, entretanto.

_ Diga.

_ Você precisa fazer uma entrevista com os sócios. Não será um problema, eu já falei sobre você. É uma formalidade, só isso.

_ Quando?

_ Esse é o detalhe. Rick está partindo para a América do Sul no dia oito e não voltará por um mês. Podemos esperar até lá, mas se você quiser, podemos agendar um voo para *West Coast* hoje à noite. Podemos fazer a entrevista amanhã de manhã, almoçar e eu te mostro a cidade, voce pode voltar na manhã seguinte. Aliás, você pode ficar por uns dias, lembrar os velhos tempos, investigar a operação.

_ Não estou fazendo nada aqui, - Nick disse. _ Quero a passagem de avião.

_ Esse é meu garoto!, - Roscoe vangloriou-se. Ele disse para alguém do outro lado: _ O que eu te disse? Ele está dentro.

Roscoe informou os detalhes e Nick desligou. Ele percebeu que estava sorrindo para o telefone, depois foi até seu quarto para jogar algumas coisas na mala.

Ele havia se esquecido completamente de Foster, que estava sentado no sofá, olhando a chuva bater na janela.

_ Algo apareceu, - Nick disse em poucas palavras, pois - embora não houvesse motivo - ele sentia-se culpado. _ Tenho uma entrevista de emprego em Los Angeles, e preciso pegar um avião esta noite.

_ Eu imaginei, - Foster disse. Ele sorriu. Ele tinha um sorriso atraente, torto e um pouco doce. _ Parabéns.

Nick não gostava de sentir-se culpado. Especialmente quando não havia motivo para isso. Ele disse bruscamente: _ Vou ajudá-lo a levar algumas coisas para baixo hoje à tarde. Podemos cuidar do resto quando eu voltar.

_ Não se preocupe, - Foster disse. _ Posso me virar com o que eu tenho aqui. Ele cutucou sua mala de viagem. _ Não é como se eu pudesse ir até meu apartamento se eu precisar de algo.

Nick não sabia o que dizer.

Uma forte batida na porta o salvou de ter de dizer algo. Tiny estava parado em frente à porta, apoiando-se nas pernas, inquieto. Ele era um homem grande, simples, como costumavam dizer. Ele trabalha no Alston Estate há trinta anos, bem antes da Sra. MacQueen ter comprado a isolada fazenda, transformando-a em uma pensão.

Nick olhou o caseiro de cima a baixo. Tiny era desajeitado, usava roupas largas e uma camiseta vermelha de flanela. Sua cabeça cinza, raspada, era quase careca, e seu olho esquerdo se contraía. Ele era parecido como o Curly dos Três Patetas, só que ele não tinha senso de humor aparente.

A Sra. Mac disse que você quer ver o quarto do Sr. Watson.

_ Sim, queremos ver o quarto, - Nick disse.

Tiny fez um gesto que, evidentemente, os chamava para segui-lo. Nick seguiu Foster e eles caminharam para o segundo andar.

Ao destrancar a porta para o quarto do falecido Sr. Watson, e esperando do lado de fora para que Foster pudesse entrar, Tiny anunciou: _ Sr. Watson está morto.

_ Eu sei, - Foster disse, pacientemente. Ele parecia ter uma paciência infinita; isso encorajava os malucos, na opinião de Nick.

Foster caminhava pelo quarto enquanto Nick verificava as luzes, o termostato, a água quente. Tudo parecia estar em ordem. O quarto tinha cheiro ruim de cigarros e pó. Com sorte a asma do garoto não atacaria.

Tiny pegou uma revista em quadrinhos e a colocou de volta no lugar. _ Ele morreu na vila. Na padaria.

_ Eu sei disso também, - Foster disse.

_ Ele comprou uma torta de cereja e caiu morto. As coisas dele ainda estão aqui. Isso tudo é dele.

_ Não vou mexer nas coisas dele, - Foster disse.

Havia muitas “coisas”. Uma estante de vinhos em um canto. Muitos móveis de couro preto. Uma televisão cara tomava toda a parede. Havia quadros de *pulp art* na parede oposta. Mulheres peitudas lutando contra tigres dente-de-sabre e Nazistas com um olho só. Ótima arte, se desse para entender.

Peixes mortos flutuavam em um aquário caro.

_ Ah, não, - Foster disse, desanimado com os corpos pequenos e coloridos espalhados pela água esverdeada, como pétalas. _ Eles devem ter morrido de fome.

Tiny foi até o aquário olhar os peixes. Ele cheirou e pegou um lenço enorme, assoou o nariz com força. Então, ele colocou sua mão grande no aquário e tirou os peixes mortos, colocando-os na lixeira. _ Ninguém me contou sobre eles, - ele disse a Foster.

Tiny era ótimo com animais, sempre tentava trazer para casa gatos e cachorros de rua, colocava pássaros novos em seus ninhos de novo. Coisas gentis e significantes.

Nick verificou as janelas. Watson havia investido em sua própria segurança. Ninguém poderia entrar.

_ Parece seguro, - Nick disse à Foster, que o olhava com seus olhos grandes e castanhos.

Tiny o encarava também. _ Fechaduras não param fantasmas, - ele disse.

_ Você também não, - Nick rosnou. _ Todo mundo aqui é louco?

_ Eu o vi, - Tiny disse. _ Eu o vi. O fantasma com meias amarelas.

_ Onde você o viu? Foster perguntou, interessando-se imediatamente.

Os olhos de Tiny moveram-se, evasivamente. Ele deu de ombros. _ Eu o vi algumas vezes.

_ Ele estava morto quando você o viu? Nick perguntou, sempre prático.

Tiny parecia confuso. _ Ele é um fantasma, - explicou.

Foster disse casualmente: _ Tiny, quero te perguntar uma coisa. Você sabe quem mais tem as chaves do meu apartamento, além de você e da Sra. Mac?

_ Você tem, - Tiny disse, tentando ajudar.

Balançando a cabeça, Nick foi investigar o quarto.

_ Mas... mais alguém? Foster persistiu. _ Alguém já pediu suas chaves emprestadas?

Tiny parecia assustado. _ Não.

_ Você tem certeza?

Seus olhos moviam-se de um lado para o outro.

_ Quem pegou suas chaves? Foster pressionou.

Seus olhos moviam-se mais ainda. Tiny molhou os lábios e começou a cantarolar murmurando.

_ Está tudo bem, você pode me dizer. - Disse Foster. Ele sorriu de forma encorajadora. _ Não vou contar.

_ Ninguém, - Tiny disse deu de ombros.

Nick assistia a interrogação moderada, com um desespero crescente. Era óbvio que o homem grande mentia. Ele sabia que seu instinto de colocar o cara contra a parede não seria bom, mas ele sentia-se pressionado a sair da cidade sem resolver isso.

_ Eu as perdi, - Tiny disse de repente. A Sra. MacQueen gritou comigo.

_ Você as perdeu?

O olho esquerdo de Tiny começou a se contorcer em resposta ao tom de voz de Nick.

_ Quando você as perdeu? Foster persistiu.

Tiny deu de ombros. _ Eu não lembro _ Há um tempo.

_ Ontem? Anteontem? Nick não conseguia esconder sua impaciência com os dois.

Tiny balançou a cabeça. A Sra. Mac as encontrou.

_ Quando?

Tiny olhou para Nick como se ele fosse o idiota. _ Eu não lembro, - disse devagar e claramente.

* * * * *

_ Você precisa de carona para o aeroporto? Foster perguntou depois de Nick ter insistido em carregar algumas caixas com seus pertences até o andar de baixo.

_ Não se preocupe. Nick colocou as chaves de Foster em um lugar que ele não esqueceria: em cima da mesa da sala de jantar. _ Estou saindo de Burlington International. Vou deixar meu caminhão no aeroporto.

Foster balançou a cabeça. Ele parecia um pouco desamparado, ainda mais por que ele tentava manter o lábio superior rígido.

Nick hesitou. _ Você ficará bem, garoto. Quando eu voltar... - ele não terminou de falar, pois sua responsabilidade acabava ali. Ele não queria desenvolver o relacionamento; o garoto não era seu tipo. Em mais de uma maneira.

Foster disse rapidamente: _ Ah, eu estou bem agora. Obrigado pela ajuda.

_ Uma coisa é certa, MacQueen precisa trocar as fechaduras de todos os quartos. As chaves perdidas significam que qualquer um pode entrar nos quartos a qualquer hora.

_ Talvez Tiny tenha apenas deixado-as no lugar errado, - Foster disse, esperançoso.

Nick balançou a cabeça. As pessoas podem ser tão ingênuas. _ É uma coincidência, não acha? Ele considerou e disse repentinamente: _ Vamos falar com MacQueen agora.

_ Não acho que eu deva brincar com a sorte, - Foster disse. _ Enfraquece meu argumento para ocupar o quarto de Watson, sendo que eles não estão mais seguros que o meu quarto.

A lógica inesperada surpreendeu Nick. Ele disse: _ Bem, vou falar com ele. Não gosto da ideia de alguém zanzar pelo meu apartamento enquanto eu estou fora.

Ele desceu as escadas e viu que Foster o seguiu. _ Achei que você não fosse brincar com a sorte.

Foster sorriu do jeito que só ele sabia. _ Estou dando suporte moral.

_ É isso mesmo?

Claro.

Uma voz fina chegou até eles.

O Juiz Distrital dos Estados Unidos, Frank Facey, anunciou Mickey 'The Chop' Cimbelli, acusado o cabeça do crime da família Martinelli, competente para ser julgado. Os advogados de defesa alegaram que Cimbelli, que é acusado de quatro assassinatos, assim como conspiração e extorção e vários outros crimes, é mentalmente incapaz para ser julgado...

No saguão, Jane Bridger andava pelo chão de madeira e reclamava das notícias que saíam pelo rádio antigo. O suéter largo e laranja que ela usava, contrastavam com seu cabelo vermelho e iluminava o quarto escuro com seus móveis gastos.

Ao vê-los, ela perguntou: _ Vocês têm ideia de onde Tiny está? Há uma monção a caminho e minhas janelas ainda estão com vazamentos.

_ Ele estava lá em cima há quinze minutos, - Foster disse. _ Talvez você não o tenha visto.

_ Não é possível. Estou aqui há vinte minutos esperando por ele.

_ Isso é estranho, - Disse Foster. _ Ele nos mostrou o quarto do Watson e então...

Ele olhou para Nick, que disse: _ Não era minha vez de cuidar dele.

Jane protestou: _ Onde ele está então? Tem certeza de que ele não está lá ainda?

_ Nós subimos e descemos as escadas uma dúzia de vezes. Nós o teríamos visto.

_ Ele provavelmente foi para casa cedo, - Nick disse.

_ Então ele não saiu pela porta da frente, - Jane Bridger disse.

_ Ele saiu por trás então.

_ Se for o caso, ele será arrastada de volta para cá, - Jane disse. _ O papel de parede do meu apartamento está começando a descascar.

_ Talvez ele esteja lá embaixo, - Foster sugeriu.

Fazer uma tempestade em copo d'água, como a vó Nick costumava dizer. Foster parecia estar feliz em discutir com Bridger todos os lugares possíveis em que Tiny poderia estar; Nick perdeu a paciência e saiu em direção ao forte de MacQueen. Ele aliviou seu aborrecimento ao bater forte na porta arranhada, embora ele duvidasse se até mesmo essas batidas pudessem ser ouvidas por cima da TV alta.

Por trás dele, podia ouvir Bridger dizendo: _ Ele é uma aberração. Sou a favor dos deficientes, mas tem um limite. Lembra-se de quando ele tentou manter um rato em uma gaiola no porão? Um rato de estimação! E os cachorros de MacQueen não paravam de ir atrás dele? Acho que o rato era maior do que os dois cachorros juntos.

_ Ele falava sobre fantasmas hoje, - Foster disse.

_ Fantasmas! Ouvi ele falar sobre isso também. Acho que ele aprende isso com David. Sr. Center. Você o conhece - Sr. Center - diz que só mudou-se para cá por que o lugar é assombrado.

_ Assombrado por quem?

_ Eu não sei. Uma princesa indiana ou uma ama de leite colonial, algo assim.

_ Uma ama de leite?

_ Não me lembro dos detalhes. O lugar era, originalmente, uma fazenda, não era?

_ Tiny disse que o fantasma usava meias amarelas, como o homem em minha banheira.

_ Nunca vi uma ama de leite com meias amarelas.

_ Nunca vi uma ama de leite.

A porta de MacQueen abriu-se bruscamente, pegando Nick desprevinido.

_ Você de novo! ela acusou, pegando um cigarro. _ Não posso ter um minuto de paz?

Nick se recompôs rapidamente. _ Por que você não disse que as chaves do Tiny foram roubadas?

Se ele pensou que fosse pegá-la de surpresa, ficou desapontado. _ Elas não foram roubadas! Elas foram perdidas. Por um dia. Você sabe quantas vezes aquele retardado perdeu as chaves? Ela estava fazendo um permanente caseiro e o lugar fedia a enxofre - e ela, um diabo do inferno usando um terninho verde limão.

_ A segurança de cada apartamento desse prédio foi comprometida. Você não acha que tem a responsabilidade de trocar as fechaduras da porta dos seus inquilinos?

Ela gritou: _ *Mudar as fechaduras!* Sabe quanto dinheiro isso custaria? Mais do que eu tenho, a menos que vocês todos queiram um aumento no aluguel.

Não fique bravo, Nick disse para si mesmo. Se tudo der certo em Los Angeles, você estará se mudando em alguns meses.

_ Vou chamar um chaveiro agora, - ele disse - e espero ser reembolsado.

_ Marinheiro, você é muito ousado!

Algo que parecia uma almofada de franjas saiu pela porta. MacQueen gritou: _ Pegue! Não deixe que ele escape!

_ Pegue você! Nick retrucou, deixando de lado todas as boas maneiras que ele teve no começo do fim de semana.

Foster espirrou fortemente quando o cachorro passou por ele. Sobrou para Jane pegar o cachorro e levá-lo até MacQueen, que o pegou sem agradecer, retirando-se e batendo a porta, em um movimento coreografado.

_ Vamos chamar o chaveiro – Nick disse a Foster. _ Faremos ele trocar ambos os quartos enquanto estiver aqui.

Foster espirrou de novo e coçou o nariz.

_ Vou dividir o gasto com você, - Jane disse. _ Faremos a três. Ela deu um sorriso esquivo para Nick.

* * * * *

_ Talvez devêssemos chamar a polícia, - Foster disse enquanto acompanhava Nick para o andar de cima. Ele falava com a voz sussurrante, uma voz que parecia unhas em uma lousa para Nick.

Por quê? Ele perguntou, seco.

_ Talvez agora eles acreditem em mim agora, sobre o homem morto e as pessoas entrando em meu quarto.

_ Talvez.

_ Você não acha?

_ Você não tem o corpo como evidência.

Foster ficou quieto, pensando nisso.

No segundo andar, ele parou e disse: _ Bem, acho que vejo você quando voltar.

_ *Não se eu vê-lo primeiro*, Nick pensou. Ele disse: _ É, acho que sim.

_ Boa sorte em Los Angeles.

_ Obrigado.

Foster tinha um nariz bem reto, uma boca sensível e cílios longos. Os cílios infantis lançavam sombras suaves em suas bochechas. Elas abriram-se e ele observava Nick.

Nenhum deles moveu-se e então, Nick chocou-se ao dizer: _ Se cuide.

A boca de Perry curvou-se. _ Eu irei.

_ Certo. Nick ainda hesitou, mas não havia mais nada a ser dito.

Ele continuou subindo as escadas, ouvindo a porta do apartamento de Watson fechar-se atrás de Foster.

Capítulo Cinco

O dia atingia o crepúsculo quando Perry viu a *pickup* branca de Nick ir embora.

Era estúpido sentir-se tão... chateado. Ele mal conhecia Nick, afinal. E tudo o que ele conhecia era suficiente para alertá-lo de que ele, provavelmente, estivesse enchendo a paciência do outro homem.

A casa pareceu muito silenciosa, assim que o barulho do motor do carro acabou. Da janela do segundo andar do apartamento de Watson, Perry olhava o pomar, brilhando contra o céu escuro. A névoa saía do solo úmido e deslizava como uma cobra fantasma por meio da floresta.

Enfim, não é como se existisse um perigo real. A casa era meio assombrada, meio assustadora, mas sempre foi assim.

Ele viu alguém movendo-se pelo jardim abaixo. A pequena silhueta parecia uma criança, mas Perry reconheceu o casaco rosa e o gorro de ski de bolinhas.

Sra. Dembecki?

Algo nos movimentos furtivos da senhora chamaram sua atenção, aumentaram sua desconfiança e, por que ele não tinha mais nada para fazer, - por que precisava esquecer dos problemas - Perry pegou sua jaqueta e correu para baixo.

Jane e o Sr. Teagle penduravam uma guirlanda suja no corrimão da escada. Sr. Teagle reclamava dos Democratas que Roubaram o Natal, e Jane, com um humor raro e indulgente, o provocava.

_ Qual foi o melhor presente de Natal que você já ganhou, Sr. Teagle?

_ Bem, quando eu era um garoto, não tínhamos muito dinheiro. Não como essas crianças de hoje em dia...

Nenhum dos dois prestou atenção em Perry enquanto ele escapava pela saída dos fundos que o levou até o jardim abandonado. O vento arrancou a porta de suas mãos e ela bateu contra a casa. Ele esperou para ver se o som iria assustar sua presa, mas a Sra. Dembecki flutuava pelo mato alto e pelas ervas daninhas como uma toupeira rosa. Ela parecia conhecer bem o caminho lamacento, mas, até onde podia lembrar-se, ela havia morado em Alston Estate por quase todo o sempre.

Enquanto Perry seguia Sra. Dembecki, ocorreu-lhe que ele estava agindo mais suspeitosamente do que ela. O que ele estava fazendo espionando uma senhora? O que ele achou que iria descobrir? Quais segredos ela poderia ter? Talvez ela tivesse plantado uma horta secreta de tomates, ou estivesse visitando o túmulo do seu periquito falecido.

Ainda sim... havia algo no modo furtivo e secreto de como ela movia-se pelas árvores - e as coisas estavam tão estranhas agora. Perry, automaticamente, aumentou a velocidade, tentando mover-se quietamente pelos arbustos molhados sem chegar muito perto de sua presa.

Parou atrás de um bordo-açucareiro, ele igualou-se à escuridão sombria que cheirava a terra molhada e mofo. Ele podia ouvir a Sra. Dembecki, a cidadã sênior sinistra, alguns metros à frente, esmagando as folhas mortas.

Não muito distante, ele podia ouvir a correnteza do rio. O gazebo, ele pensou. Ela estava indo em direção ao gazebo. Por quê? Ela encontraria alguém? Um galho quebrou embaixo dos seus pés. Ele agachou-se atrás de um toco de árvore morto.

Cautelosamente, ele espreitou pelo toco.

A Sra. Dembecki havia parado e olhava para os lados com medo. Perry abaixou-se, esperando, cobrindo sua boca com a mão, caso a fumaça de sua respiração com o ar frio o delatasse.

Passou um longo momento. Perry esperava enquanto os joelhos de sua Levi's ficavam encharcados. A alguns centímetros de seu nariz, formigas rastejavam para dentro e para fora da casca morta.

Ouvia-se um barulho de dobradiças rangendo e o bater de uma porta de madeira. Ao olhar, ele viu que a Sra. Dembecki havia sumido dentro do gazebo.

Ótimo. E agora? Seria difícil chegar até o gazebo sem que ninguém o visse por alguma das janelas. Seus olhos encontraram uma bétula com galhos amarelos que se espalhavam pela construção octagonal.

Escondendo-se atrás de arbustos de rosas, Perry alcançou a árvore e escalou pelos galhos, seus sapatos escorregavam na casca lisa, até encontrar apoio.

Do seu galho ele tinha uma visão desobstruída das janelas encardidas do gazebo. Um raio de luz sem brilho pairava sobre o quarto gentilmente angular.

Era impossível ver mais do que isso na escuridão. O que ela poderia estar fazendo ali? Perry tentou escutar, mas também era impossível por causa do barulho distante do rio, das folhas voando na brisa gelada.

Minutos se arrastaram.

Ela estava escondendo algo? Não demoraria tanto. E, se ela estivesse procurando por algo, bem... o mesmo argumento é válido. Afinal, ela mora por aqui há anos. Pelo quê ela estaria procurando em vinte minutos que ela não tenha encontrado na década passada?

As mãos de Perry estavam dormentes por causa do frio. Sua perna começava a dormir. Começou a se perguntar se já fora mais miserável em sua vida quando a chuva voltou, caindo em sua nuca. Ele começou a pensar sobre o frio e a umidade que agravariam sua asma – não foi algo com que Sam Spade precisou preocupar-se.

Ele massageava sua perna adormecida, observando a luz pálida mover-se pelo quarto mais uma vez. Talvez ele devesse tentar descer e espreitar por uma das janelas. Ou talvez ele devesse apenas entrar e fingir estar surpreso ao encontrar a Sra. Dembecki – ver como ela iria reagir.

A porta acima dele abriu-se, e a Sra. Dembecki saiu do gazebo, assustando Perry – que quase caiu de sua árvore.

Ele estabilizou-se. Pelo espalo entre as folhas, ele pode ver a figura anã de Sra. Dembecki ir embora às pressas. Ele pôde ver que ela segurava alguma coisa, mas ele tinha certeza de que era sua lanterna.

Perry deixou que vários minutos passassem. Ninguém mais havia saído do gazebo, então ele pensou certo. Não foi um encontro; A Sra. Dembecki estava procurando por algo.

O que?

Quem usaria um lugar abandonado para esconder algo? Por quê?

Descendo pelos galhos e ramos enrolados, Perry caiu no chão molhado. Ele foi até o gazebo.

Era pequeno. As oito janelas eram marrons por causa da sujeira, havia uma camada de pó no chão e evidência de esquilos e pássaros. Perry pegou um lenço limpo para tampar sua boca e nariz.

Ao andar pelo quarto, ele teve de admitir que havia uma notável falta de esconderijos – um móvel velho de vime, as almofadas gastas e rasgadas. Era isso.

Nenhuma tábua solta fazia barulho. Ele bateu nas paredes, mas elas pareciam e soavam sólidas o suficiente.

Depois de aproximadamente dez minutos, Perry desistiu e voltou para a casa.

* * * * *

A casa estava escutando.

Esperando.

Perry podia sentir isso no silêncio por trás dos risos falsos e animados de *Scooby-Doo*. Ele sentou-se no sofá de couro do falecido Sr. Watson, comendo uma tigela de cereais e assistindo a televisão do

Watson.

De vez em quando, ele se tranquilizava olhando para as novas e brilhantes fechaduras nas portas. Fechaduras sérias. Difíceis de arrombar. Ninguém entraria por aquela porta – a menos que alguém a quebre. Ele segurou as únicas chaves; havia instruído o chaveiro para fazer uma chave falsa, que ele deu para a Sra. MacQueen.

Então ele estava perfeitamente salvo. Perfeitamente seguro. E, ainda sim, ele não podia livrar-se do sentimento de que ele não estava sozinho.

De que ele estava sendo vigiado.

A casa estava quieta. Muito quieta. Nos quartos isolados da torre, o silêncio era normal; aqui, no segundo andar, Perry esperava sinais de vida. Onde estava o cheiro de comida caseira? Onde estavam os barulhos confortáveis das atividades de qualquer um dos outros quartos? Pelo som das coisas, ele deveria ser a única pessoa nesse andar ou na casa toda.

Ao terminar a segunda tigela de cereal, ele colocou o prato na pia e deu outra volta nos aposentos de Watson. Ele quase desejou estar de volta em seu ambiente familiar, com suas próprias coisas - exceto por que ele nunca mais conseguiria usar o banheiro de seu apartamento novamente.

Ele olhou a estante de vinho perto do aparelho de som do Watson: vários *merlots* e *cabernets*. Marcas conhecidas, a maioria da Califórnia. Nada importado ou sem valor, até onde pôde notar. Não que ele fosse um especialista; ele não era de beber. Vinho tinto geralmente o dava dor de cabeça, e vinho branco – de acordo com seu pai – era para maricas. Seu próprio armário estava vazio, mesmo que ele quisesse aventurar-se no deserto terceiro andar. Então, por que não? Watson não ligaria, e os parentes desconhecidos não notariam uma garrafa ou outra faltando. Ele poderia deixar dinheiro para a garrafa em cima do balcão.

Foi até o banheiro, esfregou a banheira de Watson, então desenvolveu uma garrafa de *cabernet* enquanto a água corria.

Duas taças de *Salmon Creek* e um banho longo e quente foram o suficiente para relaxá-lo e, assim que Perry saiu da banheira, ele sentia-se agradavelmente limpo e tonto.

Ao puxar os cobertores da cama à pouco arrumada, ele rastejou entre os lençóis. Watson tinha um lençol elétrico. Perry aumentou a temperatura.

Ele folheou um dos quadrinhos que estava empilhado ao lado da cama. Mais mulheres vestidas com pouca roupa, dessa vez lutando contra alienígenas do espaço. Ele olhou a data na capa da revista. Setembro de 1950. Watson deve ter sido um colecionador.

Não dá para adivinhar como as pessoas são. Das poucas vezes em que Perry conversou com Watson, ele havia falado somente sobre esportes e o mercado de ações - nenhum dos tópicos eram de grande interesse para Perry. Mas ele teria ficado fascinado em ouvir sobre os quadrinhos e as *graphic novels*. Ele adorava as artes, mesmo que moças seminuas não fossem sua praia.

Curiosamente, ele voltou para a guerra intergaláctica.

Depois de um tempo, os seios e os balões de fala ficaram borrados. Ele levantou a mão e desligou as luzes.

* * * * *

O que o acordara? Ele não tinha certeza. Por um minuto, Perry ficou deitado na escuridão nada familiar, tentando reorientar-se.

Perto da cama ele ouviu o barulho suave de números iluminados sendo virados. Da sala de estar vinha o tic-tac do relógio. Mais perto estava o arrastar dos galhos na janela. Identificados, ele pôde desconsiderar três sons. Mas ainda havia algo...

E então ele ouviu. Um som estranho como... uma escovação. Não, era como se alguém carregasse algo pesado pelo corredor.

Atirou as cobertas no chão, tropeçando pela escuridão até a porta da frente, olhou pelo olho mágico. Ele tinha uma visão distorcida do carpete discolorido, painéis sombrios, uma luz antiga e fraca. Até as partículas de poeira pareciam velhas.

O corredor estava vazio.

Ele ouvia, tenso. O som parecia ter parado.

Perry ficou em pé, tremendo por alguns minutos, e então ele desistiu e volrou para os lençóis ainda quentes.

Vagarosamente, a adrelalina se foi e ele afundou em uma escuridão aveludada – só acordou quando algo bateu contra a parede do quarto.

_ Quem está aí? ele disse.

Silêncio. Ele começava a reconhecer aquele silêncio.

Perry ligou o abajur.

O quarto parecia ter cantos e sombras escuras.

Seu olhar parou nos romances policiais que ele havia trazido de seu quarto. Um homem que usava um chapéu olhava para um trio de capangas. O homem de chapéu parecia-se vagamente com Nick. *Não seja um babaca*, Perry dizia a si mesmo. *O que Nick faria nessa situação?*

Nick sairia para verificar.

Perry considerou com tristeza. Ele ficou feliz quando pensou que Nick provavelmente diria que o barulho era apenas imaginação, e que ele deveria voltar a dormir.

Ele desligou a luz e escutou.

Nada.

Talvez *ele* tivesse sonhado.

Ele virou-se de lado. Devagar, ele deixou-se ir.

Quando os barulhos de algo sendo arrastado começaram novamente, Perry estava dormindo de forma muito profunda para notar.

* * * * *

Na segunda à tarde era possível encontrar Perry sentado em um quatinho na *Fox Run Gazette*, estudando as imagens projetadas de edições anteriores, enquanto elas apareciam e desapareciam nas paredes sujas.

ESTUDANTES NEGROS SENTAM-SE NO BALCÃO DA WOOLWORTH, dizia a manchete da edição do dia 2 de Fevereiro de 1960.

Perry suspirou. Ele desligou o projetor. Não tinha mais nada para fazer. Ele estava oficialmente de férias e sem ter para onde ir. O sonho em que ele havia planejado seu futuro, havia acabado. A memória dos imagináveis cafés da manhã de Domingo e passeios pela praia, as viagens antecipadas até museus e galerias de arte... relembrar dessas preciosas fantasias era mais doloroso do que a humilhante realidade.

O que dizia algo.

Na verdade, ele nunca havia se sentido assim em um feriado. Ele não podia nem encontrar entusiasmo para pintar – o único refúgio que jamais o falhara. Ele estava muito ansioso para trabalhar. Muito inquieto. Entre Marcel e suas finanças... ele precisava de algo para ocupar a mente, e, de forma estranha, as misteriosas ocorrências do estado providenciavam uma distração útil.

Jane havia passado em seu quarto para tomar café da manhã. Supostamente, ele foi lá para pedir emprestado uma xícara de leite, mas ele suspeitou que ela achava que ele precisava de companhia. Na verdade, talvez Jane precisasse de companhia, por que assim que ela acomodou-se no sofá, ela parecia não ter nada a dizer, inquietamente passando pelos canais com o controle remoto.

_ Você não vai trabalhar hoje? Ele perguntou, surpreso. Ele não havia visto Jane ligar para a imobiliária dizendo que não iria trabalhar.

Ela deu de ombros. _ Eles podem se virar sem mim por um dia ou outro. Não gosto de como as nuvens estão. Odiaria ficar presa do outro lado da ponte. De fato, se eu fosse você, eu pensaria duas vezes antes de ir para a cidade se não for necessário.

Ela tinha razão. A ponte enchia às vezes, mas a ideia de ficar sentado o dia inteiro no quarto de Watson... não, obrigado. Ele preferiria dormir no carro.

Ao assistir Jane impacientemente apertar os botões no controle, ele perguntou, num impulso: _ Você já ouviu falar no fantasma de *Witch Hollow*?

Jane tirou os olhos da TV. _ Fantasmas antes do almoço? Ah, querido!

_ Mas você não me disse alguma coisa sobre esse lugar ser mal assombrado?

_ Como fui irresponsável, - Jane murmurou. _ Você não acredita em tudo o que eu digo, acredita?

_ Um terço.

Jane riu. _ Garoto espero. Ela pegou o controle de novo, um canal explodia com ideias para presentes de Natal. Ela olhou para Perry. _ Eu acho que me lembro de ter lido algo no jornal ano passado. Em um daqueles artigos locais, - ela admitiu.

_ E ele mencionava especificamente Alston Estate?

Jane estreitou os olhos, como se estivesse procurando no passado. Ou talvez ela estivesse de ressaca. Ela não parecia estar bem, agora que ele notou. Talvez ela estivesse doente, mas não pudesse admitir. Há pessoas assim; pessoas cansativas que nunca saem de licença médica e acabam infectando todos os colegas de trabalho. Perry era sensível a isso, ele era uma das pessoas que sempre pegava as doenças.

_ Quero dizer que sim, - Jane ponderou. _ Foi na década de vinte. Ou talvez quarenta. Foi um assassinato ou algo assim. Mas é uma casa antiga; naturalmente, tem história.

_ Nunca ouvi falar de assassinato, - Perry disse, suspeitando.

_ MacQueen nunca fala sobre isso. Com medo de que afaste novos inquilinos, eu acho. Você conhece a geração mais velha.

Se a Sra. Mac fosse um modelo, as gerações mais velhas seriam capazes de puxar o saco das gerações mais novas com os olhos vendados e com um braço amarrado nas costas.

_ É diferente para pessoas da geração dela, - Jane explicou. _ Assassinato era um grande escândalo na época.

_ Certo, - Perry disse, pensando na ideia de que um assassinato não seria um grande escândalo hoje em dia. _ Então esse fantasma era a vítima de um assassinato?

Jane apertou os botões do controle remoto de novo. _ Você teria de procurar isso, querido. Minha memória é meio vaga.

E foi isso o que Perry decidiu fazer. Procurar. Afinal, ele havia lido muitos romances policiais para saber que ninguém resolve um mistério sentado, assistindo a chuva arrancar as folhas das árvores.

Ele pressionou o botão do projetor e outra página um pouco confusa apareceu na parede. Poderia levar horas ou até mesmo dias para encontrar o que ele estava procurando; se é que existe. A memória de Jane era notoriamente ruim. Ele procurou pela imagem ampliada por qualquer menção de Alston Estate, ou outras casas históricas da área, e então apertou o botão novamente.

Era um trabalho chato, mas era algo a se fazer. Algo para pensar, além de Marcel.

Ele imaginava como Nick estaria em Los Angeles. Será que ele já havia feito a entrevista? Pensava se Nick iria conseguir o emprego e mudar-se para a Califórnia.

Ao chegar no fim do carretel, Perry levantou-se, amarrou a próxima tira de microfilme no projetor. Sentou-se, focou o projetor na parede e fez uma careta. O trabalho de um detetive era muito mais interessante nas páginas de autores como Dashiell Hammett e Raymond Chandler. Ele estava contente de

não ter de lidar com caras durões batendo nele como uma polpa, ou damas astutas tentando dar-lhe um Boa noite Cinderela.

Ele apertou o botão.

Começava a parecer que o último evento interessante na Fox Run foi a Guerra Revolucionária. Ele apertou novamente.

E, quando ele estava ficando de saco cheio, Perry encontrou um artigo sobre os esforços da Sociedade de Preservação local para renovar as casas da área. No mesmo texto havia uma história sobre *yuppies* que mudavam-se para o vale e compravam casas antigas. O jornal tinha uns cinco anos.

Perry apoiou-se nos cotovelos, lendo ansiosamente.

A história completa e colorida pode ser encontrada no microfilme da Fox Run, localizada no Northeast Kingdom. Alguns dos prédios da área estão preservados para a posteridade na propriedade conhecida como Hennesey Farm. Agora parte do Alston Estate, a casa de campo do século dezoito ostenta uma icehouse^[1], um pombal e um solário.

Bingo, Perry pensou. Ele começou a tomar notas.

A casa foi construída em 1780 pelo Coronel Geoffrey Hennesey como presente de casamento para sua noiva. Hennesey, um comandante da Continental Army, faleceu um mês antes da casa ter sido terminada. Sua viúva vivei lá sozinha até sua morte em 1800. É dito que o espírito solitário da amável e jovem viúva está confinado à estrutura original.

Qual parte da casa é a estrutura original? Perry pensou.

*Durante a Lei Seca, a casa foi vendida para o banqueiro de investimentos, Henry Alston, que renovou a estrutura extensivamente. A casa foi o cenário de vários encontros sociais de gala. Em 1923, Alston casou-se com uma das garotas do musical *Glorifield Girls*, produzido por Ziegfeld, a lenda das telinhas, *Verity Lane*, e o velho encontrou o novo em uma fúria de titãs. Tipicamente, os entretenimentos da maiorida das tardes incluíam jazz, álcool contrabandeado, e apostas ilegais pela riqueza de Alston e seus amigos. A casa ganhou notoriedade durante o inverno de 1932, quando o famoso gangster Shane Moran e sua gangue invadiram uma festa particular, roubando mais de um milhão de dólares em jóias e objetos de valor dos ricos foliões.*

Perry assobiava. Era difícil acreditar que as paredes empoeiradas e escuras da antiga casa já estiveram vivas com risos e música.

Moran foi morto por G-men em um tiroteio a menos de uma semana após o assalto. O parecer do roubo é um mistério até hoje.

Perry pensou na Sra. Dembecki perambulando pelo gazebo. Por que não? Moran havia escapado com seus bens e só encontrou seu destino violento alguns dias depois. E ainda sim...? Ela estava procurando por alguma coisa, com certeza – e procurava de modo que não queria que ninguém soubesse disso.

*Como era de se esperar, o fantasma de Shane Moran também foi visto perambulando pelos corredores de Alston Estate. Para mais informações nesses e em outros fantasmas, verifique o *New England's High Spirits e Gay Ghosts*.*

Perry anotou as datas em seu caderno e leu o artigo novamente.

Então... a casa era, provavelmente, assombrada? Mas, apesar do que David Center pensou, aquilo não foi uma manifestação ectoplásmica na banheira de Perry. *Center*. Perry tremeu um pouco ao pensar nas mãos úmidas e frias do outro homem, tentando alcançá-lo.

Ao sair do quarto, ele foi atrás de um chocolate e um lanche em um café na mesma rua.

Ele estava terminando de comer um sanduíche de queijo grelhado e batatas fritas, quando notou um homem grande com uma jaqueta azul, mostrando uma foto para a garçonete. A moça balançou a cabeça e Perry olhou para a foto com um interesse casual. Ele estava muito longe para ver algo.

O homem no blazer azul olhava com os braços cruzados ao redor do café, quando notou o olhar interessado de Perry. Seus olhos estreitaram, sua expressão endureceu.

Algum problema?

Ele não precisava dizer as palavras em voz alta. Sua expressão dizia tudo. O olhar de Perry voltou-se para seu prato. Ele selecionou uma batata frita com cuidado, como se fosse entregar um prêmio de melhor fatia de batata.

Ele era um policial? Perry considerou essa possibilidade, mas a dispensou. O homem não parecia um policial. Ele parecia com um ex jogador de futebol. O nariz de ninguém tinha aquela forma amassada, seus olhos estreitos tinham um ar de não-sei-lidar-com-outras-pessoas. Esqueça o jogador de futebol, ele parecia um bandido - um bandido com um senso péssimo de moda. O casaco dele era tão feio quanto o que o cadáver na banheira de Perry usava.

Uma luz. *Talvez ele fosse um detetive particular.*

Mas, de novo, talvez fosse apenas uma ideia na linha de pensamento de Perry. Embora o homem parecesse um detetive particular como os dos romances que ele lia, era duvidoso que detetives tivessem um estereótipo. Todos iguais, *podia* existir uma conexão entre o homem com o blazer feio? Esse cara poderia estar procurando pelo homem morto que desapareceu da banheira de Perry?

Alguém deve estar procurando por ele.

Ou isso estava ficando muito fantasioso? Não há motivos para acreditar que o cadáver fosse um policial ou um bandido. E o brutamonte de blazer azul, a explicação mais sensata, é a de que ele era um possível comprador para um casa específica da área.

Todo o resto era muito improvável, certo? Nem todo mundo com um gosto criminalmente ruim era um bandido. Perry pensava na ideia de uma possível conexão, enquanto continuava encarando seu prato como se estivesse contando as batatas fritas.

Finalmente, o brutamonte de blazer azul terminou de pagar a conta e saiu pela porta de vidro acompanhado do tilintar dos sinos. Perry virou-se para olhar pela janela, e viu o forasteiro desaparecer em seu caminho.

_ Ele está longe de casa, - a garçonete comentou sozinha.

_ De onde ele é? Perry perguntou.

Ela deu de ombros. _ Parecia ser de Nova Iorque. Buffalo, talvez?

_ Ele procurava pelo que?

_ *Quem*, - a garçonete corrigiu. _ Uma garota que fugiu do marido. Ninguém daqui, isso é certo.

Capítulo Seis

Ao voltar para o jornal, Perry pediu para o asiático entediado do balcão, o microfilme de 1930.

O garoto disse, embora Perry já devesse saber antes de perder tempo perguntando: _ Ele já está usando.

_ Ele quem?

Com um suspiro, o garoto passou a prancheta para as mãos de Perry. Ele leu as letras altas e inclinadas: *R. Stein*.

O dia estava ficando cada vez mais estranho. Sr. Stein não parecia, para Perry, ser um fã de história – e nem alguém que acredita no sobrenatural. O fato de ele estar olhando microfilmes de 1930 teria de ser mais que uma coincidência.

Então, talvez a linha de pensamento de Perry não estivesse tão errada.

Ele perguntou para o garoto, que já havia voltado para seu *Game Boy*: _ Você sabe se os originais dessas coisas ainda existem?

_ Você quer dizer... os jornais velhos?

_ Sim.

O garoto deu de ombros. _ Aqui não. Sem paciência ele disse: _ É por isso que temos os microfilmes.

_ Você sabe se os originais foram doados para a biblioteca? Ou talvez alguma faculdade?

_ Não. Não faço ideia.

Perry pensou. _ Você poderia perguntar para alguém?

_ Não há ninguém aqui. Todos estão *ocupados*. Balançando a cabeça para a falta de sensibilidade de algumas pessoas, ele voltou para o resgate dos heróis de *Golden Sun*.

Perry murmurou um “obrigado” e partiu. Atravessando o estacionamento quase vazio, tentou pensar no que ele aprendeu. Rudy Stein era um ex-policial, então teria algum motivo para ele verificar uma história relacionada a um crime, mas, certamente, a época do crime colocava suas suspeitas fora da categoria de coincidências.

Mas o quanto isso não seria uma coincidência? Talvez Stein *fosse* um fã de história. Talvez ele estivesse escrevendo um livro sobre a história de Fox Run. A verdade é que Perry não sabia quase nada dos seus colegas de pensão. Desde que ele chegou em Alston Estate, há menos de um ano, sua vida era apenas a pintura e seu romance pela Internet com Marcel.

Stein poderia estar escrevendo um livro sobre a história dos negros no local. A Sra. Dembecki poderia estar procurando por um brinco perdido. Ou talvez *ambos estivessem* procurando pelo tesouro de Shane Moran.

Ou talvez Perry tivesse lido muitos romances policiais. Talvez Stein estivesse fazendo um curso à noite. Talvez estivesse curioso sobre as histórias de fantasmas também. Talvez, por ser um ex-policial, seus instintos estivessem aguçados. Por que, certamente, algo estranho está acontecendo em Alston Estate.

Ele parou quando percebeu que Sten veria o nome de Perry na prancheta, quando fosse devolver o microfilme.

Não que houvesse algum motivo lógico para que Perry escondesse seu interesse na história da casa. Depois de sua própria experiência ele teria todo o direito de estar curioso sobre histórias de fantasmas

em sua casa atual.

Ao mesmo tempo, Perry não queria que ninguém no Estate soubesse que ele estava vasculhando o passado da casa.

Como a presença de Stein havia parado sua investigação, ele entrou em seu carro e dirigiu até a biblioteca.

Como ele deveria estar curtindo as férias em São Francisco, sua aparição repentina foi motivo de surpresa. Perry foi obrigado a inventar uma história sobre uma doença na família de um amigo, e seus colegas de trabalho foram bem simpáticos por alguns minutos, até que as demandas do trabalho os distraíram. Perry ficou feliz por não ter dito a ninguém o propósito romântico de sua viagem. Era doloroso o suficiente sem que todos soubessem que ele havia levado um pé.

Ele recusou a proposta de remarcar as férias para outro mês e foi até o escritório verificar seu e-mail. Ele ligou o computador dos funcionários com um sentimento nauseante.

Como era esperado, havia um e-mail de Marcel.

Perry leu pelo monitor do computador, seu coração pulava, suor frio escorrendo por todo seu corpo como se ele estivesse pegando uma gripe.

Desculpe-me, foi o que Marcel escreveu. Não sei mais o que dizer. Pensei que Gerry e eu tivéssemos terminado – talvez tenhamos, mas preciso dar mais uma chance. Espero que ainda possamos ser amigos. Você é uma pessoa especial em minha vida, e eu sei que em breve você encontrará alguém tão especial quanto você.

Perry sentou-se, respirando devagar e quieto, abstraído de tudo ao seu redor.

Havia acabado. Ele já sabia disso, mas, de alguma forma, ler isso escrito em Times New Roman número 10 fazia com que fosse mais real. Ele esperava que, assim que passassem da fase do sexo de reconciliamento, Marcel e Gerry veriam como eles não foram feitos um para o outro. Mas, claramente, não era o caso. Agora mesmo eles deveriam estar tomando café da manhã, antes de sair para uma longa caminhada na praia, em direção ao Museu de Artes de São Francisco.

É incrível quanta dor podemos sentir e ainda respirarmos...

De repente, Perry viu que o dia já havia acabado para ele. Ele desligou o computador, despediu-se dos seus colegas indiferentes e entrou no carro.

O crepúsculo vespertino aparecia enquanto ele dirigia pela floresta. Ele geralmente gostava dessa parte do dia, o crepúsculo da tarde. As árvores jogavam uma silhueta escura no céu que era frio e, misteriosamente, sem cor. O contorno das folhagens ardentes era preto e irregular à luz que falhava.

Pela primeira vez, Perry notou o quão isolado Alston Estate era. A Floresta de Witch Hollow separava a mansão e seus arredores da fazenda mais próxima, e a vila de Fox Run ficava há 32 quilômetros.

A névoa subia pelas águas sombrias enquanto ele passava pela ponte longa e coberta. Os pneus batiam no silêncio fúnebre.

* * * * *

Por que seus pensamentos estavam com Marcel o dia todo, Perry ficou surpreso ao notar que ele sentia falta de Nick quando chegou na porta da casa antiga.

Ele pensou de novo se Nick aceitaria o trabalho na Califórnia. Ele não conseguia imaginar Nick sendo reprovado na entrevista, qualquer que seja. Era difícil pensar em alguém mais capacitado do que Nick Reno. Claro que isso não importava – não deveria importar - para ele, de qualquer forma, mas o pensamento da partida de Nick era deprimente.

Ele fechou a porta e virou a tranca. A guirlanda verde e esfarrapada estava pendurada desastrosamente no corrimão. Mais guirlandas mal colocadas no lustre. Provavelmente causaria um

incêndio, mas o lustre, assim como as outras luminárias originais, não funcionava. Em vez disso, luzes feias e modernas foram instaladas. Elas brilhavam intensamente no quarto vazio, iluminando a poeira, o estofamento puído das cadeiras gastas, a escada descartada ainda parada ao lado da escadaria.

Do saguão ele poia ouvir a televisão da Sra. Mac, gritando as notícias locais: acidentes de trânsito e o resultado de esportes - às vezes era difícil notar a diferença. As luzes iluminava a porta de Jane, e ele considerou por um instante, para para uma visita.

Ao lembrar do Sr. Fluffy, perdeu a coragem, seu peito fechou enquanto pensava em todo aquele pelo de gato. Além disso, ele não tinha forças para ficar de conversa. Ele continuou subindo as escadas, pensando que antes do final de semana desastroso, ele tinha planos prontos para o futuro.

Agora, não havia mais nada.

Mesmo que o pensamento se acomodasse, ele o rejeitou impacientemente. Ele ficaria bem assim que voltasse a pintar. Era apenas a casa o afetando. Ela parecia mais quieta, mais vazia do que o normal.

Assim que ele chegou no segundo andar, ele ouviu alguém batendo na porta no andar de baixo. Espreitando pela escuridão, ele viu Jane, usando jeans e um suéter azul claro, batendo na porta de David Center. Como se ela tivesse notado, virou-se e pulou visivelmente.

_ Eu não te ouvi! Ela disse, acusadoramente.

_ Desculpe. Eu estava indo para o apartamento do Wat – meu apartamento. Ele a fitou, com dúvida. Ela parecia... agitada. Não exatamente brava, mas... também não estava relaxada como sempre. Talvez não ter ido ao trabalho tenha sido um erro. A atmosfera parecia estar afetando-a também, embora antes Jane tenha aparentado impenetrável pela atmosfera.

Ela bateu novamente na porta de Center e perguntou: _ Onde *está* todo mundo?

_ A televisão da Sra. Mac está ligada. Eu pude ouvir pelo saguão.

_ Eu quis dizer “humanos”, - Jane respondeu sordidamente. _ Eu não vi Dembecki ou Teagle. Stein saiu o dia todo. Eu acho que David – Sr. Center – ainda está no trabalho.

_ Se você considerar jogar tarot como sendo um trabalho.

Jane bufou, mas ela não fez a piada esperada. Perry notou que, nas últimas semanas, a atitude de Jane quanto à David Center havia suavizado. Jane era tão autoconfiante e contida, que ele nunca considerou que ela pudesse desenvolver sentimentos românticos – especialmente por alguém como David Center, a quem Perry não gostava. O fazia sentir-se mais sozinho ainda.

_ Paga as contas, o que é mais que o meu trabalho faz. Abandonando seu posto, Jane juntou-se a ele na frente da porta do Watson. _ *Maldito* lugar, - ela disse, com certa veemencia.

_ Está tudo bem? Perry perguntou. Claramente nada estava bem, mas ele não gostava de se intrometer.

Ela deu uma olhar meio de lado e murmurou: _ Sim, bem. É esse lugar. Me dá nos nervos.

Ele não conseguia entender aquilo. Mas essa Jane cansada e tensa era tão diferente da Jane que ele conhecia. Todos pareciam diferentes ultimamente. Desde que Perry voltou de suas férias abortadas.

Ou ele não havia notado o quão estranhos todos eram, durante as semanas que ele estivera felizmente envolto nos sonhos de um futuro com Marcel?

Jane adicionou, como se fosse a gota d'água: _ E Tiny foi embora de novo. Quando seu novo amigo, G.I Joe, volta?

_ O que faz você pensar que Tiny foi embora?

Ela fez um som enojado. _ Ele se foi. Ninguém o vê desde ontem.

Ontem, depois que ele abriu o apartamento do Watson, livrou-se dos peixes mortos e esquivou antes que Jane pudesse lançá-lo para consertar as janelas? Isso poderia ser relevante para os outros acontecimentos misteriosos na casa? Perry não conseguia ver como. _ Não é a primeira vez que ele vai embora, - ele apontou.

_ Eu não disse que era incomum; Disse que era irritante.

Jane seguiu Perry até o apartamento de Watson, bisbilhotando curiosamente pela coleção de CDs e DVDs do falecido. Perry já havia visto ambas. Watson gostava de filmes clássicos como *Atrás da Porta Verde* e a música do Bread, The Turtles e Bee Gees.

Jane perguntou: _ Você não acha assustador ficar aqui? Até o cheiro é assustador.

_ A casa toda tem o cheiro assustador.

_ Verdade. Jane examinou o quadro da loira voluptuosa e nua que andava em um dinossauro com um sorriso malicioso.

_ É mais assustador no meu apartamento.

O olhar de Jane passeava pelas decorações das paredes. _ Querido, você não acha que viu um cadáver na sua banheira, não é? Ela ria dele, mas não deixava de ser gentil.

_ Eu não acredito que tenha visto um fantasma.

_ Um *fantasma*? Jane parecia pensar. _ Um fantasma, - ele repetiu devagar. Então, livrando-se de sua preocupação, ela disse: _ Então, o que você fez hoje?

Perry deu de ombros. _ Li alguns jornais velhos. Fui até a biblioteca.

_ Se você for até a biblioteca, é melhor que volte ao trabalho. Ela o observava curiosamente. Ele havia contado para Jane um pouco sobre Marcel, mas nem Jane sabia o quanto ele tinha apostado naquele relacionamento virtual.

Ele foi até a cozinha de Watson e balançou a caixa de *Froot Loops* que estava sobre o balcão. _ Você queria um pouco?

_ Esse é seu jantar?

Claro. Fortificado com ferro.

_ Querido, você precisa comer bem. Isso é para quem quer encontrar um anel decodificador. Ela assistia Perry jogar leite em uma tigela. _ Então, o negócio da Califórnia acabou?

Ele balançou a cabeça.

_ Sinto muito.

Perry deu de ombros.

Jane passeava pelo quarto, bisbilhotando os pertences de Watson. Ela disse: _ Você deveria reconsiderar conversar com o David – Sr. Center. Afinal, é a especialidade dele. Talvez ele possa fazer uma sessão espírita.

Com a boca cheia de cereais, Perry disse: _ *Ahn?*

_ Uma sessão espírita, – Jane repetiu. _ Você nunca viu -

_ Como uma sessão espírita me ajudaria com Marcel?

_ *Marcel*? Ah. Jane mudou de expressão rapidamente. _ Eu não estava pensando no Marcel. Estava pensando se a casa é realmente assombrada...

_ Mas eu não acho que a casa seja assombrada!

_ Eu acho.

Perry ficou boquiaberto. _ Você acredita?

_ Claro, - ela disse, desafiadora.

Jane sempre pareceu ser tão realista. Tão sensata. Ele não podia acreditar nisso. *Por quê?*

Ela disse – ainda defensiva – _ Eu ouvi coisas. Eu vi coisas. Por que não poderia ser um fantasma?

_ Porque isso não existe?

_ Você está sendo mente fechada. Ao ver sua expressão de surpresa, ela pareceu mudar de ideia sobre dizer mais alguma coisa, em vez disso, foi em direção à porta. _ Bem, tenha um bom jantar.

_ Você não precisa ir embora. Ele não queria ficar sozinho, e a ideia de Jane interessando-se pelo sobrenatural era um pouco fascinante.

O sorriso de Jane foi vago. _ Gostaria de ficar, mas eu tenho coisas para fazer. Boa noite, querido.

Ela vai tentar a porta de Center novamente, Perry pensou. Quando isso havia começado? Talvez sempre fosse assim. Ele esteve tão enrolado em seus próprios sonhos que não havia notado o que estava acontecendo bem debaixo de seu nariz.

Sentou-se em frente à televisão com sua tigela de cereais e começou a mudar os canais. Ele não tinha uma televisão, então era como se fosse um luxo. Ele notou, um pouco chocado, que ele não assistia televisão desde que saíra de casa, há nove meses. Ele deixou no filme *Little Caesar*, de 1931.

O filme foi feito no começo da Crise de 1929, por volta do mesmo tempo em que Henry Alston e Ziegfeld davam festas para os amigos ricos da sociedade, enquanto o resto do país morria de fome. Não é de se admirar que gangsters como Shane Moran, não foram sempre vistos como os vilões.

Absorto, Perry assistiu a ascensão e a queda de Rico Bandello, como se fosse história, rindo alto quando Edward G. Robinson resmungou: _ É, é isso o que eu ganho por gostar tanto de alguém!

Quando Rico morreu com uma chuva de balas, Perry sentia-se muito mais animado. Ele decidiu que queria um pouco de ar fresco antes de dormir, e uma caminhada o ajudaria a cansar o corpo antes de ir para cama. A última coisa que ele queria era deitar-se, ainda acordado, ouvindo a casa velha ranger com passos invisíveis.

Pegou a jaqueta e desceu as escadas, saindo na noite úmida de inverno. Acima do jardim encharcado, nuvens brancas transformavam-se vagarosamente em cavalos espectrais, montanhas e dragões, e então separavam-se como algodão, mostrando o brilho de estrelas distantes.

Perry pensou como seriam as estrelas em Los Angeles – seria possível vê-las nos céus poluídos de Los Angeles? Ele perguntou-se por quê estaria pensando em Los Angeles. e Nick – mais uma vez. Provavelmente porque ele não conseguia pensar em São Francisco e Marcel.

Ele seguiu o caminho estreito e de tijolos, pelo labirinto de matos altos e arbustos que eram agora um espinheiro, até que o caminho o levou para degraus quebrados, sujeira e lama.

A torre torta e velha do pombal estava diante dele. Na luz irreal das estrelas, parecia uma casa de bruxa. Era um de seus temas favoritos. Ele havia feito vários rascunhos e pintado duas vezes – até vendeu uma das pinturas. Ele pensou na estrutura.

Era um ótimo lugar para esconder-se, realmente, a torre cilíndrica e pequena com paredes feitas de escaninhos – assumindo que ninguém tivesse alergias ou asma. Apenas a ideia daquela escuridão úmida fez com que seu peito apertasse.

Mas não havia motivos para acreditar que Shane Moran e sua gangue deixariam seus bens ilícitos antes de fugir pela floresta – que sentido teria isso?

Os arbustos farfalhavam atrás dele, e ele virou-se, com o coração palpitando de terror. Quando seus olhos viram que *havia* alguém lá - uma forma sombria e volumosa na escuridão - ele pensou que fosse desmaiar.

_ O que você está fazendo aí? Rudy Stein perguntou. Ele parecia tão abatido quanto Perry.

O coração de Perry voltou ao normal quando ele reconheceu o outro homem. _ Andando.

Stein disse gressivamente, tentando esconder o próprio medo: _ Hora estranha para uma caminhada, se quer saber!

Perry deu de ombros. _ Digo o mesmo de você.

Havia surpresa no silêncio de Stein. Por fim, ele riu de forma engraçada. _ É, bem, você deveria olhar por onde anda, - ele disse, apontando para frente.

Perry olhou para baixo e percebeu que estava em cima de uma poça.

Stein deu outra risada curta. Tenha uma boa noite, - ele disse e foi embora, em direção ao rio.

Perry ficou olhando, mas a silhueta de Stein foi logo engolida pelas sombras.

A noite fechava-se ao seu redor e ele tremeu. Era o suficiente de ar fresco para a noite.

Voltou para a casa, foi até o apartamento de Watson - novamente consciente do silêncio tenso das paredes vazias - e preparou-se para dormir.

Ao escovar os dentes, Perry pensou nas opções que teria no dia seguinte. Ter encontrado Stein parecia ter confirmado sua suspeita de que algo estava acontecendo na velha casa, e, como não era da conta dele, o fato de um cadáver ter sido colocado em sua banheira, despertava seu interesse.

Decidiu visitar a sociedade histórica no dia seguinte, e ver o que encontraria sobre a casa. Ele poderia procurar nos arquivos da igreja também. Eles eram sempre úteis em romances policiais, embora ele não soubesse o que procurar nesse caso. Registros de nascimentos e mortes eram o comum; talvez Shane Moran fosse um morador local. Isso daria ideias de onde Moran poderia ter guardado os itens do roubo.

Perry pensou um pouco sobre o rumo de seus pensamentos.

Os itens do roubo de Shane Moran? Ele não planejava passar o resto das férias fazendo uma caça ao tesouro, planejava? Como ele foi da curiosidade sobre a história da casa para o último assalto de Shane Moran?

Ele enxagou as mãos e jogou água na pia, fechou as torneiras e retornou para o quarto nada familiar, subindo na cama enorme. Ligou o cobertor elétrico, desligou as luzes e fitou o teto. As sombras piscavam pela superfície branca quando os galhos das árvores fora da casa eram balançados por rajadas de vento.

A próxima tempestade aproximava-se.

Por um tempo, ficou deitado no escuro, ouvindo o vento e a casa velha ranger, enquanto preparava-se para a noite.

Inevitavelmente, seus pensamentos foram até Marcel – Marcel, que não havia pensado *nele* nem um pouco desde o e-mail de desculpas e adeus. Como ele pôde estar tão errado sobre Marcel? Ele acreditava que os dois se conheciam verdadeiramente, que eles pudessem se conhecer ainda melhor, pois suas relações eram livres do físico. Suas conversas eram abertas, uma manifestação honesta da mente e do coração. Por meses eles compartilharam tudo – das coisas mais mundanas às mais pessoais. Ele sabia que Marcel sentia que estava sendo sexualmente discriminado no trabalho, e que ele não gostava de sua chefe “megera”; que ele era alérgico a mariscos e ambrósia; que ele amava as roscas de maçã e passas da padaria da esquina, mas que ele não as comia com frequência, pois ganhava peso facilmente; que ele tinha dezessete na primeira vez que fez sexo com um homem.

Perry era um especialista em Marcel. Mas ele não sabia da coisa mais importante: que Marcel ainda estava apaixonado por Gerry.

Não era somente o constrangimento de todas as coisas que ele havia revelado para Marcel – todas as confidências construíram a crença de que eles compartilhavam um intimida única. Ele havia contado para Marcel coisas que ele jamais havia dito a ninguém. Mas também não era perceber que ele foi um tolo – embora isso doesse muito.

Ele estava de luto – verdadeiramente – pela morte daquele sonho. Às vezes, agarrar-se àquele sonho era tudo o que o mantinha à tona. E agora tudo estava acabado: a fantasia tola da vida doméstica e aconchegante, ele e Marcel vivendo juntos. Era muito doloroso pensar nisso agora, as cenas que anteriormente traziam conforto e felicidade: fazer as compras juntos na *Whole Foods*, esbarrar um no outro na pequena cozinha enquanto preparavam uma maravilhosa refeição *gourmet*, acordar juntos... sorrir com os olhos enquanto começavam a fazer amor...

Ele sabia pelas fotos que Marcel era bonito, e ele era. Alto e jovem, talvez um pouco gordinho – mas de um jeito atraente – cabelo indisciplinado e castanho. É verdade, seu cabelo era mais fino na vida real, e Marcel era um pouco mais velho do que na foto. Ele tinha olhos azuis brilhantes – um azul bem diferente do azul sombrio de Nick Reno. Perry soube que amaria Marcel do minuto em que ele o viu, esperando no portão de desembarque, com um ar apologético e envergonhado, na sua maneira bonita de ser.

Perry fitava os quadros de Armando Drechsler com princesas Maias e dançarinas tribais na parede do quarto de Watson. À luz da lua, eles pareciam cartas de tarot gigantes, ou cartazes de viagem para um

destinho desconhecido.

Havia acabado agora. E embora ele soubesse que era bobo e melodramático, Perry sentia que sua vida havia acabado também. Ele nunca mais encontraria alguém. Ele viveria em Alston Estate assim como a Sra. Dembecki, até que ele se tornasse um dos fantasmas.

* * * * *

Tic. Tic. O despertador marcava 12:01 com seus números verdes e brilhantes. Perry abriu os olhos.

Onde ele estava? E então ele lembrou-se. Ele estava no apartamento do Sr. Watson.

Ele estava colocando na balança, ainda com sono, se ele precisava mesmo fazer xixi, pois teria de fazer a caminhada pelo quarto sem aquecimento, quando ouviu: um gemido baixo.

O que..?

Ele deveria ter ouvido errado. Ou estar imaginando. Seus ouvidos captavam o silêncio.

Nada, apenas o som do sangue passando pelas orelhas.

Ele continuou ouvindo com atenção.

Ele desejava não ter acordado. Agora ele ouvia todos os sons da casa: os barulhos estranhos de tábuas rangendo sob pés incertos, o sussurro do vento pela chaminé, como uma voz murmurante.

Ele conseguia pensar no que Nick diria sobre sua imaginação. O pensamento sobre Nick reforçaram sua coragem frouxa. Nick não acreditava em fantasmas e Perry também não.

Claro, se algum humano estivesse do lado de fora do quarto fazendo barulhos assustadores, também não era tranquilizador. Alguém estaria tentando assustá-lo para que saísse de Alston Estate?

Tudo o que eles precisavam fazer era pedir.

Bem, na verdade não. Ele não tinha para onde ir, e poucos lugares era tão baratos quanto os quartos da casa isolada. E ele não era *tão* covarde, embora ele soubesse que ninguém o confundiria com um cara durão.

Algo moveu-se dentro do guarda-roupas.

Perry ficou tenso. Ele disse a si mesmo que era sua imaginação.

Mas então, a porta do guarda-roupas abriu violentamente, como se alguém a tivesse chutado. Perry sentou-se ereto. Ele bateu tentando achar o abajur, derrubando o despertador de cima da mesa.

Arrastando-se para fora da cama, seus pés se enroscaram no lençol e ele quase caiu. Seus olhos nunca deixaram a porta branca e imóvel do guarda-roupas.

Descalço, ele alcançou o armário. Seu peito subiu e desceu, sua mão tremia, e, ainda sim, algo o fez estender a mão, os dedos roçavam a maçaneta de vidro.

Ele abriu a porta com força.

Capítulo Sete

Nick jogou fora o resto do seu *Seven and Seven* e entregou o copo plástico para a comissária de bordo enquanto ela passava pelo corredor, com uma sacola nas mãos. Ela sorriu para ele, e Nick deu um sorriso largo e insignificante em retorno.

Eu devo estar louco, ele pensou, olhando para o céu negro como ardósia, pela janela quadrada e pequena.

Roscoe queria que ele ficasse e comemorasse – e, finalmente, ele tinha algo para comemorar. Depois de Marie, depois da sua dispensa, depois da monotonia de uma vida sem emprego, finalmente havia algo para ser celebrado.

E o que Nick fez? Ele pegou o primeiro voo para Vermont - que ele odiava e mal podia esperar para sair de lá para sempre. Qual era o problema dele?

Mas ele continuava pensando em Foster. Perry. Havia algo de errado no Estate, e aquele garoto frágil não estava preparado para lidar com isso. Não que fosse problema de Nick – embora agora ele estivesse oficialmente no serviço de investigador particular. Bem, em breve. Depois que terminasse seu treino.

À sua volta, no avião lotado, os passageiros preparavam-se para dormir ou ler. Nick esticou suas pernas longas o máximo possível, passando embaixo do assento da frente - que não era muito longe. Ele gostaria de levantar-se e andar, mas havia uma mulher com um bebê no assento do corredor, e ele preferia açoitamento mútuo ao risco de acordar o bebê que tinha gritos estridentes. Era incrível o poder do pulmão em algo tão pequeno.

Ele acomodou-se em seu assento, tentando ficar mais confortável, e olhou para seu relógio. Mais duas horas até a aterrissagem. Ele teria de passar mais uma hora para pegar as malas e encontrar seu carro, e depois mais uma hora até o *Kingdom*. Ele suspirou e fechou os olhos. Devo tentar descansar. Já seria mais de meia noite até chegar no hotel assombrado.

* * * * *

Havia um caminhão de bombeiros parado do lado de fora da mansão Alston quando Nick chegou. Os carros do departamento do xerife estavam pelo estacionamento e pela grama. As luzes azuis e vermelhas cortavam a noite enevoada como se fossem lasers. Uma ambulância estava estacionada a alguns metros da porta de entrada.

Nick saiu de sua *pickup*, ajeitando-se em sua jaqueta de couro. O mal-estar que o rodeava desde que ele saiu do Estate, voltava com toda a força.

Ele andou rapidamente pela grama molhada. Um policial tentou pará-lo. Nick passou, dizendo uma única palavra de explicação. Seu coração batia de forma desagradável; um arrepio premonitório passou por sua coluna.

No saguão frio, os moradores estavam todos reunidos em seus pijamas - aquela coleção multicolorida de pijamas e camisolas, as quais as pessoas sempre vestem para um desastre.

_ O que aconteceu? ele exigiu.

A Sra. MacQueen, que mais parecia com James Cagney em seu roupão de lã grossa e chinelos masculinos, balançou a cabeça.

Ele olhou para os outros. Stein estava mastigando o interior de sua bochecha, nervoso. Teagle estava sentado em uma poltrona ao lado da lareira apagada, sua cabeça balançava, suas mãos grandes e brancas embaixo das sardas. O cadáver ambulante, David Center, estava ao lado de Bridger, sua mão magra repousava na manda esmeralda do quimono verde dela. Bridger parecia estóica, mas Nick a conhecia. O céu poderia estar caindo; ela não se abalaria.

Paramédicos apareceram no segundo andar, com uma maca. A pessoa na maca estava coberta.

Sra. Dembecki sussurrou: _ Perry.

O mundo pareceu parar.

Nick precisou limpar a garganta para falar. Sua voz era rouca e engraçada. _ Perry está morto?

Então sua intuição estava certa. Problema. Muito problema.

Jane Bridger quebrou o silêncio. _ Perry não está morto! O que você está dizendo, Sra. Dembecki?

Aquele é o *Tiny*. Perry encontrou *Tiny* morto no guarda-roupas de Watson.

_ *Tiny*? A Sra. Dembecki murmurou perplexa. Ela olhou para o círculo de rostos que a observavam. _ Mas então...?

A maca e os paramédicos tomavam cuidado ao descer a escada estreita, batendo contra o corrimão. A carcassa pesada de *Tiny* não era fácil de carregar.

_ Onde está Perry? Nick perguntou a Jane.

Ela tirou seu olhar da visão cruel na escada. _ Lá em cima, sendo interrogado, eu acho.

Nick esperou até que os paramédicos chegassem até o final da escada, e então subiu correndo, dois degraus de cada vez.

Um policial o parou do lado de fora do apartamento de Watson. Pela porta aberta ele pôde ver Perry conversando com um homem mais velho, de uniforme. O xerife? Perry estava sentado no sofá. Ele usava jeans e uma camisa de pijama listrada, seu cabelo pálido bagunçado pela cama. Ele falava com uma voz tão baixa, que Nick não conseguia escutar o que era dito. Ele pôde ver que o garoto segurava a bombinha.

_ Ouça, você precisará descer com os outros, - o policial disse.

Nick pensou nisso, enquanto o policial o encorajava. Não parecia ter nada a ganhar se ele ficasse - Perry parecia abalado, mas não estava machucado, e ele duvidava que a polícia local fosse tão burra a ponto de considerá-lo um suspeito de homicídio.

Nick voltou para o térreo com os outros.

_ O que raios está acontecendo lá em cima? MacQueen perguntou, encolhida na cadeira do outro lado da lareira. _ *Cale a boca!* Ela gritou de repente.

Havia um silêncio abismado, e então, do fim do corredor veio o som dos cachorros choramingando e arranhando a porta fechada do apartamento.

_ Eles ainda estão interrogando Perry? Jane Bridger perguntou depois de uma pausa educada de alguns segundos.

_ Parece que sim.

_ Não faz sentido, - David Center disse preocupado. _ Os espíritos não fariam mal a uma alma simples como a de *Tiny*.

Falando em almas simples. Nick o olhava friamente. Center usava um robe incrível com estampa *paisley*, azul e roxo, o que provava, na opinião de Nick, que ele era mesmo cego.

Bridger afagou a mão de Center como se o reafirmasse.

_ Bem, vou voltar para a cama, - a Sra. MacQueen anunciou, colocando-se de pé.

Stein riu. _ Boa sorte.

_ Senhora, o xerife vai querer questionar todos na casa, - disse o policial parado na porta de entrada.

_ Então ele pode me acordar! Sra. MacQueen saiu, e o policial olhou à sua volta sem esperanças, antes de seguí-la pelo corredor.

Perry apareceu no topo da escada. _ Eles querem você, Janie, - ele disse, sem emoções.

_ Eu? Por que *eu* sou a próxima? Bridger protestou, e foi a vez de Center de acalmá-la com sussurros e afagos.

_ Eles querem falar com todos, - Stein disse, Dembecki começou a limpar a garganta, ansiosa.

Murmurando em voz baixa, Jane subiu as escadas, com sua camisola de seda insinuando-a, passando Perry enquanto ele descia.

Nick ficou sem jeito com o turbulência de seu coração enquanto os olhos pesados de Perry encontraram-se com os dele. *Apenas alívio pelo garoto estar bem*, ele disse a si mesmo. Ele sentiria-se muito culpado caso algo acontecesse com Foster durante sua ausência.

Perry foi até o lado dele. _ Você voltou. Ele cumprimentou Nick, pálido, e conseguiu dar um sorriso torto.

Nick balançou a cabeça rapidamente. _ Como você está?

_ Bem. Ele usou o olhar inoncente em Nick. _ Eles disseram que eu posso voltar para o meu apartamento. *Meu apartamento*. Eles vão vender o apartamento de Watson. Engoliu seco.

_ Você pode ficar comigo, - Nick disse. Perry parecia esforçar-se para manter sua expressão firme, mas a gratidão ardente estava na cara, e se eles estivessem sozinhos, Nick provavelmente teria feito algo imprudente, como colocar um braço sobre os ombros magros.

O policial voltou. _ Aquela mulher está louca, - ele anunciou.

_ Sem argumentos, - Stein disse, e Teagle mostrou sua preocupação fazendo um barulho de desaprovação.

Dembecki limpou ainda mais a garganta. Nick não ficaria surpreso se a visse alçar voo para fora desse ninho de doidos.

Para o policial, ele disse: _ Estive fora por quarenta e oito horas. Sou um suspeito ou posso ir para a cama?

_ O xerife quer falar com todos que moram aqui.

Nick deu suas chaves à Perry. _ Vá descansar.

Sem dizer uma palavra, Perry pegou as chaves e desapareceu na escada.

Nick o viu partir – um pequeno traseiro apertado e as calças longas e joviais – até que Perry sumiu na curva da escada.

Ele enconstou-se na parede para esperar, discretamente observando os outros. Jane Bridger desceu com o humor pior do que quando ela havia subido. David Center era o próximo. Bridger voluntariou-se para ajudá-lo, mas ele recusou bruscamente.

Bridger retornou ofendida para seus aposentos.

Um pouco depois, o nome de Nick foi chamado.

Ele encontrou o xerife no quarto de Watson. O xerife Butler era um home baixo e magro, com um bigode grisalho e olhos verdes penetrantes. Nick achou que ele tivesse entre cinquenta e cinco e sessenta e cinco anos; ele era do tipo que envelhecia bem.

_ Ex-marinheiro da SEAL, hã? É um papel difícil.

Os olhos de Nick estreitaram. Isso poderia tomar qualquer rumo. Algumas pessoas admiravam a dedicação e disciplina requeridas para ser um SEAL. Outros tinham medo disso e tentavam provar o contrário.

Indicando que Nick deveria sentar-se, Butler coontinuou, perguntando seu nome, idade, profissão, detalhes do voo e o motivo da sua viagem recente, antes de ir direto ao assunto.

_ Então, se eu bem o entendi, Sr. Reno, você esteve fora da cidade desde, - ele não precisou olhar as anotações - domingo, dia oito.

Nick disse, seco: _ Você entendeu perfeitamente.

_ Quando foi a última vez que você viu Jasper Bryant?

_ Quem?

_ O zelador. Tiny.

_ Domingo de manhã. Ele deixou que Perry Foster e eu entrássemos nesse quarto.

_ E?

_ E o quê? Ele tirou alguns peixes mortos do aquário e depois saiu. Desde então não o vi mais.

_ Para onde ele foi quando saiu desse apartamento?

Nick disse bruscamente: _ Você deve estar me confundindo com o médium do quarto ao lado. Ele olhou para as anotações do xerife – Butler escrevia com letras pequenas e pretas que poderiam ter sido impressas por uma máquina. _ Não tenho ideia do que ele fez quando saiu daqui. Eu acredito que ele não tenha morrido de causas naturais.

_ Ele foi morto a tiros.

Nick pensou no pistola de calibre .45 que estava presa - com esperança, ainda presa - na parede do balcão, embaixo da pia da cozinha. _ Ele não foi morto a tiros nesse apartamento, disse eu sei. Ele com certeza não estava no armário quando eu saí daqui.

_ Você tem certeza disso?

_ Sim, tenho. Eu ajudei o garoto a carregar algumas coisas para esse quarto. Ele pendurou algumas camisetas no guarda-roupas. Eu o vi. Não havia nada naquele armário, além de roupas, sapatos e quadrinhos.

_ Como você sabia que o falecido foi encontrado no guarda-roupas?

_ Bridger mencionou. Os olhos de Nick encontraram o brilho dos olhos do xerife. Ele disse, seco: _ Você não acha mesmo que aquele garoto tenha passado a noite nesse quarto sabendo do cadáver no armário.

Os lábios finos do xerife franziram, mostrando algo que parecia humor negro. _ Não parece provável.

Nick estava quieto, pensando nos comentários de Tiny sobre o fantasma com meias amarelas - pensando nas chaves perdidas. O xerife o observava cuidadosamente.

_ Você tem uma teoria? Ele perguntou.

Nick disse: _ Tenho certeza de que Foster contou sobre o corpo que ele achou na banheira.

_ Nós todos ouvimos falar do cadáver na banheira, - o xerife disse, com um sorriso.

_ Talvez agora você acredite nisso.

Butler fez uma careta. _ Não vejo uma conexão automática entre esse homicídio e a história do garoto.

_ Talvez não, - Nick disse. _ Mas sua vítima falava sobre o fantasma com meias amarelas, assim que alguém decidiu matá-lo.

O xerife o inspecionou com os olhos brilhantes. _ Não me diga, - ele disse, finalmente.

_ O garoto deve ter falado sobre isso.

O xerife suspirou. _ É< ele disse algo parecido e contou uma história distorcida sobre umas chaves perdidas. Mas eu não sei o quão confiável ele é. Ele levantou as sobrancelhas. _ Ele é meio avoado, se é que você me entende.

_ Você só pode estar brincando, - Nick disse, pausadamente. _ O que eu notei é que ele tem um bom olho para detalhes. Ele é um pintor. Ele nota as coisas.

_ talvez, - o xerife Butler disse, não convencido. _ O que importa é que quem está morto é o zelador. Ainda não há sinal desse cadáver da banheira.

Quando Nick não respondeu, o xerife adicionou: _ Obrigado, Reno. Se tivermos mais perguntas, entraremos em contato. Enquanto isso, faça um favor e não saia da cidade sem que saibamos.

* * * * *

Perry estava caído no sofá, quando Nick abriu a porta do apartamento, mas ele levantou-se, cabelo bagunçado, olhos entreabertos.

_ Nick?

_ Está esperando por outra pessoa?

Perry deu um leve sorriso e esfregou os olhos. _ Não pensei que eles fossem te segurar por tanto tempo.

Nick foi em direção à cozinha. _ Quer algo para beber?

_ Ah. Eu já escovei os dentes...

Nick revirou os olhos e pegou uma cerveja na geladeira. Ele olhava da cozinha, bebendo, quando o reflexo de Perry apareceu na janela escura - um fantasma um pouco amarrotado atrás dele.

_ Estou feliz por você ter voltado, - Perry disse. _ E não apenas por que eu prefiro dormir no gazebo do que no meu quarto.

Nick balançou a cabeça na direção da geladeira. _ Sirva-se.

Perry foi descalço até a cozinha - e Nick resistiu a tentação de dizer para ele colocar meias. Ele nunca foi do tipo paternal, mas... alguém precisava cuidar desse garoto. Novamente ele pensava o que teria dado errado com o amigo em São Francisco.

Perry pegou uma cerveja, achou o abridor e tirou a tampa. Ele observou o desenho da tampa, franzindo a testa, e então tomou um gole.

_ Então, o que aconteceu? Nick perguntou. _ Você achou Tiny no armário do Watson?

_ É isso mesmo. Eu ouvi um barulho estranho. E então uma pancada. Eu abri o armário e ele... caiu.

Nick olhou para ele. Os dedos na tampa da garrafa eram brancos, seus olhos focavam no que ele tinha visto no armário do Watson. Abrir o guarda-roupas deve ter exigido muita coragem. Conta a própria vontade, Nick estava impressionado. Claro que a coisa mais sensata seria correr para pedir ajuda.

Não que haja lugares para pedir ajuda nesse hospício.

_ Nós dois o vimos sair do apartamento no domingo, - Nick disse. _ E você trocou as fechaduras para que ele não pudesse voltar.

_ De alguma forma, ele voltou. Nós o vimos sair, mas ninguém o viu depois disso, lembra? Jane estava procurando por ele. Ele nunca desceu.

Nick engoliu a cerveja, pensando nisso.

_ Mas não havia ninguém lá na noite passada, - Perry disse - por que eu olhei o armário. Digo, a porta estava aberta, então eu a fechei - mas antes de fechá-la eu olhei para dentro.

Por quê?

Cores delicadas apareceram no rosto de Perry. _ Ah, você sabe, - ele disse, vago.

E Nick sabia. Perry retrucou com um sorriso. Felizmente, Foster não assistia a muitos filmes de terror. _ Então ele desapareceu no domingo de manhã e reapareceu, morto, no armário do Watson na terça à noite?

_ Certo.

_ Então alguém o matou e, de alguma forma - por algum motivo desconhecido - arrastou o corpo dele para o quarto de Watson.

Perry disse: _ Ele não estava morto.

O olhar de Nick foi aguçado. _ O que você quer dizer com "ele não estava morto"?

_ Quando eu o encontrei ele ainda estava vivo, - Perry disse, inseguro. _ Ele... morreu enquanto esperava pela ambulância.

Nick deixou de lado o desejo inapropriado de oferecer conforto, e focou-se nos fatos. _ Ele disse algo? Ele disse quem o matou?

Perry balançou a cabeça. _ Ele disse "somos os mocinhos".

_ Nós somos os mocinhos? Você e eu? Ou ele e outra pessoa?

_ Ele não especificou.

_ Mas o que isso quer dizer?

Perry deu de ombros.

_ Parece uma fala de um filme ruim.

Perry deu uma risada cansada. _ Eu sei. Mas isso é o que ele disse. Pelo menos é a única coisa que eu pude entender. Ele disse outra coisa, mas eu não consegui entender as palavras.

_ Nenhuma? _ Parecia com o que?

Perry fez um som violento de algo borbulhando, e Nick quase engasgou-se com a cerveja. _ Você está tirando uma com a minha cara.

Perry deu um sorriso engraçado, mas disse sério: _ Não pareciam palavras. Eram apenas... sons de alguém morrendo.

_ É. Bem... - mais uma vez Nick teve vontade de oferecer conforto. Se ele não soubesse que seria um erro fatal encorajar o garoto, ele teria...

Mas *seria* um erro – então ele não o fez.

Foster esfregou os olhos com os pulsos. _ Eu estou morto. Não durmo há duas noites.

Nick ouviu as palavras, mas sem escutar. Ele disse devagar: _ O que eu não entendo é como alguém colocou o corpo de Tiny dentro do armário, mesmo com as fechaduras trocadas.

_ Talvez exista uma passagem secreta, - Perry adicionou.

_ É, certo. Mas quando Nick pensou nisso, suas sobrancelhas juntaram-se. _ Isso é possível?

_ Eu não sei. Nunca ouvi falar de passagens secretas. Perry bocejou, tardiamente cobrindo os dentes e as amígdalas saudáveis.

_ Há alguma planta da casa em algum lugar?

Perry piscou, como se a pergunta não tivesse sido computada.

_ Vá para a cama, - Nick aconselhou. _ Você parece prestes a cair de sono.

Perry disse: _ Boa noite, então, - e cambaleou até o sofá.

Ele estava quase dormindo quando um pensamento ocorreu. Ele levantou-se com os cotovelos e disse: _ Como foi a entrevista?

_ Ótima, - Nick disse. _ Consegui o emprego.

_ Uau, isso é mesmo ótimo, - Perry disse e enterrou seu rosto no travesseiro.

Nick terminou a cerveja, jogou a garrafa fora e foi para a cama.

* * * * *

Perry acordou e olhou para as gotas de chuva que batiam no telhado. Mais um dia no Paraíso, como seu pai costumava dizer.

Ele esticou-se e os lençóis levantaram-se, deixando seus pés descalços expostos ao frio. Tremendo, ele encolheu-se novamente. Nick mantinha o termostato muito baixo; Perry sentia frio e estava dolorido depois de uma noite no sofá.

Na verdade, ele não conseguia lembrar da última vez que teve uma boa noite de sono. Antes de Frisco. Antes de Marcel tornar-se apenas uma parte de sua imaginação.

Ao levantar-se, encontrou uma panela no balcão de Nick, encheu-a de água e a deixou esquentando no fogão, enquanto ele corria para seu próprio apartamento para trocar de roupas e pegar uma lata de chocolate quente.

Ao olhar por cima do corrimão, viu o xerife subindo as escadas. Ele o reconheceu como sendo um dos dois que haviam aparecido na noite que ele descobriu o cadáver na banheira. Esse era o homem mais novo. "Abe", era como o mais velho o chamava.

_ Bom dia, - o policial Abe disse laconicamente. Sua expressão indicava que ele lembrava bem de Perry – e estava igualmente pouco impressionado.

_ Bom dia,, - Perry retrucou, recuando. Ele tinha uma ideia vaga de ter tirado algumas coisas do apartamento de Watson, mas isso teria de esperar.

Ao entrar em seu próprio apartamento, usou seu medidor de fluxo de pico e anotou os resultados na tabela de asma pendurada na geladeira - feliz em ver que, apesar do estresse e da tensão da semana passada, ele ainda estava na zona verde e segura - pegou roupas limpas e a lata de chocolate da Nestlé, e voltou para o apartamento de Nick.

A porta do quarto de Nik estava fechada, Nick aparentemente ainda descansava após a viagem longa e repentina de ida e volta para Los Angeles. Perry tomou banho, barbeou-se e colocou roupas limpas da Levi's e uma camiseta verde da Henley. Ele sabia que a cor caía bem para ele; ele havia comprado para usar nas férias com Marcel. Ele olhou-se no espelho. Apesar da noite turbulenta, ele parecia melhor do que antes. Mas ele sentia-se melhor - sobretudo por que Nick estava de volta.

Na noite passada ele estava muito cansado para contar o que ele havia aprendido sobre a história da casa - na noite passada nada disso parecia relevante - mas nessa manhã ele mal podia esperar para ouvir as ideias de Nick.

Servindo uma xícara de chocolate, ele sentou-se à mesa e olhou as anotações que ele havia feito na biblioteca um dia antes. Ele ainda estava lendo quando Nick apareceu.

Com a barba por fazer, os olhos embaçados, ele andou até o fogão a gás. _ Bom dia, - ele rosnou.

_ Bom dia, - Perry disse, animado. _ Tem água quente.

_ Estou vendo. Tomo café com água quente. Ele fez uma careta para a caneca de Perry. _ Me diga que esses não são mashmallows em formato de coelhos.

Perry corou.

_ Você não toma café? Nick soou desacreditado. _ Você não poderia ao menos fazer café para aqueles que não gostam de coelhos na bebida matinal?

_ Não sei fazer café, - Perry confessou.

Nick olhou na direção de Perry. _ Você não está brincando, - ele disse, afinal.

_ Não. Eu não bebo café, por isso nunca aprendi.

Nick estremeceu. Ele abriu as torneiras e encheu a chaleira. _ Como você dormiu? Ele perguntou enquanto a água corria.

_ Bem, - Perry disse, tentando reprimir um sorriso. Ele gostava da companhia de Nick – mesmo quando Nick estava aborrecido.

Nick terminou de encher a chaleira e sentou-se à mesa. Ele balançou a cabeça para as anotações de Perry. _ O quê você está fazendo?

_ Eu estive nos arquivos do jornal ontem. Descobri coisas sobre a casa.

_ Tipo o quê?

_ Bem, que ela é assombrada... - ao ver a expressão de Nick, adicionou rapidamente: _ Mas essa não é a parte interessante.

Nick esfregou o rosto com as mãos. _ Me fale da parte interessante.

Ele tinha mãos largas e hábeis. Elas eram bronzeadas – Nick estava todo bronzeado, até onde Perry podia ver, mesmo sendo o final do outono agora. Ele gostaria de ver se Nick era bronzeado embaixo da camisa e calça de flanela; ele gostaria de sentir as mãos hábeis e largas em seu corpo. Ele pensou brevemente, um pouco chocado com sua superficialidade. Aqui estava ele, apenas dois dias depois de perder o amor de sua vida, e ele estava fantasiando sobre outro homem.

Um home hétero.

Embora... às vezes o modo como Nick o olhava, o fazia pensar. Perry não era muito experiente, mas ele sabia o que aquela vigilância, aquela consciência, significavam no olhar de outra pessoa. Começou na

pré-escola e nunca parou, até onde ele sabia.

Ele notou que Nick olhava para ele, esperando para ser atualizado, e disse bruscamente: _ Na década de trinta, houve um grande assalto no Estate e muitas jóias e dinheiro foram roubados dos convidados por um gangster chamado Shane Moran. Ninguém nunca encontrou o saque.

_ Então... os fantasmas dos convidados que foram roubados estão assombrando as paredes da Alston Manor?

_ Não. Shane Moran assombra a área. Ele foi morto em um tiroteio em *With Hollow Woods*.

Nick murmurou. _ Deixe-me adivinhar. Ele foi morto por que usava um blazer amarelo?

Perry riu. _ Talvez. Mas o cara da minha banheira não estava usando uma fantasia. Aquele casaco veio da *Big and Tall World*, eu aposto.

_ A coleção dos Sopranos, - Nick disse.

_ Ei. Perry parecia pensar. _ Ele *realmente* se parecia com um gangster.

_ Nem todo mundo que gosta de xadrez e estampas é um criminoso, embora eu entenda por que você pense assim.

Perry riu.

_ Jesus, você é tagarela pela manhã, - Nick reclamou, mas ele não parecia estar chateado com isso. Ele levantou-se. _ Ovos e bacon, certo?

Perry estava pensando no primeiro comentário de Nick. Sua mãe costumava dizer que ele era "de natureza alegre", e ele achava que era verdade. Os últimos dias passaram em uma névoa de miséria depois do fiasco com Marcel, mas seu otimismo natural estava começando a se acertar. Ele estava maravilhado ao perceber que ele mal havia pensando em Marcel até agora.

_ Acho que sou uma pessoa da manhã, - ele informou Nick.

_ Vou lembrar disso, - Nick disse. _ Mexidos ou fritos?

_ Acho que vou comer cereal.

_ Eu não acho, - Nick disse. _ Você precisa comer comida de verdade. Não é de se espantar que você tenha asma.

_ Asma não tem nada a ver com comida. Perry estava um pouco maravilhado e um pouco defensivo.

_ Não? Bem, não sou médico, mas parece que quanto melhor a forma física, menos problemas você tem com a respiração. Você se exercita?

_ Eu ando bastante. Na floresta.

_ Você precisa se exercitar, - Nick disse. Pesos. Construir seus músculos. Você precisa ser capaz de cuidar de si mesmo nesse mundo.

Enquanto Nick fazia sua palestra sobre boa forma, ele quebrava ovos, cortava cebolas, ralava queijo. O bacon estourava no fogão. O café cheirava. Era caseiro. Aconchegante. Perry avisou a si mesmo para não aproveitar muito isso.

_ Você contou para os policiais sobre isso? Nick perguntou.

_ Não pensei em uma passagem secreta até conversar com você.

_ Não *isso*, - Nick colocou de lado a ideia de uma passagem secreta. _ Digo, as coisas sobre o roubo de jóias. É isso que você acha que está acontecendo aqui, certo? Alguém está procurando pelo saque de Shane Moran.

Ele levantou as sobrancelhas quando leu qualquer coisa na face de Perry. _ Garoto, não foi tão difícil entender aonde você queria chegar.

Perry não conseguia evitar. Nick era tão perspicaz e experiente. Ele não conseguia imaginar como seria ser alguém assim. Alguém que sempre soubesse o que fazer - e o melhor jeito de fazer.

_ Eu tentei, - Perry disse. _ O xerife continuava me interrompendo e perguntando sobre o Tiny.

Nick colocou o prato na frente de Perry. _ Coma.

Perry colocou suas anotações de lado e pegou o garfo. _ Você é um bom cozinheiro.

_ Minha avó me ensinou a cozinhar. Ela achava que era importante para um homem saber fazer uma refeição caseira quando quisesse. Ainda bem que ela achava isso. Minha esposa era a pior cozinheira. Ela fazia com que a comida da marinha parecesse boa.

_ Eu não sabia que você era casado.

_ Divorciado. Nick adicionou brevemente: _ Peguei os papéis no sábado.

_ Por quanto tempo você foi casado?

_ Muito tempo. Seu tom indicou que o tópico havia encerrado.

Perry comeu seu café da manhã em silêncio enquanto Nick olhava pela janela. O telefone tocou e Nick foi atendê-lo. Perry ouviu ele atender, e, depois de um momento de silêncio, ele disse: _ Logo estaremos aí.

Nick colocou a cabeça na cozinha.

_ Era o Stein. Ele disse que ouviu alguém andando em seu apartamento e então tocou a campainha. Ninguém respondeu. Ele ligou aqui para saber se você tinha ou não voltado para lá. Disse que o encontraríamos lá.

_ Por que ele não contou para o policial?

_ Ele disse que o policial já foi embora.

_ Ele provavelmente está no meu apartamento. Os olhos de Perry arregalaram quando viu Nick agachar, abrir a porta debaixo da pia e pegar uma pistola. Nick colocou a pistola na parte de trás de sua Levi's, com a casualidade de quem tem familiaridade com armas. O pai de Perry manjava as armas da mesma forma.

Nick olhou para ele, as linhas do rosto eram duras e sérias. _ Por que ele estaria lá?

Perry levou um segundo para lembrar do comentário sobre o policial. _ Provavelmente eu sou um suspeito.

_ Eu dou à polícia mais crédito do que isso. Dito isso, Nick estava a caminho.

Perry afastou-se da mesa para segui-lo, relutante.

Capítulo Oito

A viagem to quarto de Nick para o de Perry levou um minuto. Ao chegar no apartamento de Perry, eles encontraram a porta entreaberta.

Nick pegou a arma, colocou uma das mãos no peito de Perry e sussurrou: _ Fique aqui.

Perry estava feliz em obedecer. Ele viu Nick entrar. Nick olhou para ele, uma expressão de irritação passou pelo seu rosto definido. Ele fez um gesto com a cabeça, indicando que Perry deveria ficar fora da linha de um possível fogo.

Ele colou na parede oposta a Nick, seu coração batia intensamente. Tinha a sensação que seu peito estava apertando, uma sensação de coceira. *Deus, não agora...* Ele reprimia o desejo de tossir.

Nick chutou a porta e entrou no primeiro quarto, arma em punho. Ele virou-se em alerta para a esquerda, depois para a direita – esqueça a pistola, ele mesmo era uma arma, Perry pensou, vendo seu progresso pela fresta da porta.

Nick desapareceu da linha de visão de Perry.

Perry esperou. Seus olhos pararam em algo que ele havia perdido enquanto via Nick. Um par de pés estava atrás do balcão da cozinha. Alguém estava deitado no chão da cozinha.

Uma onda de tontura o atingiu; ele fechou os olhos e apoiou-se na parede.

Outro corpo. Eles precisam mudar o nome desse lugar para Casa do Homicídio.

Quando ele abriu os olhos e viu novamente, Nick passava furtivamente do corredor até o quarto.

Um momento depois ele colocou a cabeça para fora.

_ Venha cá, Foster. Alguém bateu no Stein.

_ *Stein?* Como ele chegou aqui tão rápido?

_ Eu não sei. Só sei que ele está aqui e está inconsciente.

Stein esforçava-se para sentar quando Perry e Nick juntaram-se à ele no chão da cozinha.

_ O que aconteceu? ele murmurou.

_ Alguém bateu em você, - Nick respondeu. _ Você viu quem foi?

Stein sentiu o topo de sua cabeça. _ Droga, ele me acertou com o quê? Um taco de beisebol?

Um galo visível crescia na parte grisalha da cabeça.

_ Provavelmente isso, - Perry disse, apontando para o atizador de brasa, que estava envolto em um pano sujo de tinta.

_ Acho que devo ser grato por ele não tentar me matar.

_ Ele? Nick perguntou.

_ Ele ou ela.

_ O que aconteceu?

_ A porta estava aberta, então eu entrei.

Por quê? Perry perguntou.

Stein admitiu: _ Acho que eu pensei que fossem vocês dois. Enfim, ouvi um movimento atrás de mim. Ele deveria estar atrás da porta. Eu virei e ele me acertou na cabeça.

Nick perguntou: _ Mas você não viu quem era?

Stein balançou a cabeça e estremeceu.

_ A janela do quarto estava aberta, - Nick disse.

_ Ele deve ter saído por lá, - Perry disse, encontrando os olhos de Nick. _ Caso contrário, teríamos o visto descendo as escadas.

Nick balançou a cabeça devagar. _ A menos que ele tivesse descido antes de sairmos do meu apartamento. Ele teria de estar correndo. Veja se você consegue achar o policial. Ele deve estar aqui em algum lugar.

_ Talvez ele tenha desaparecido, como o Tiny, - Stein murmurou.

Com os olhos arregalados, Perry virou-se para Nick, que balançou a cabeça. _ Não. Não mesmo. Ele deve estar no apartamento do Watson ou bisbilhotando no andar de baixo.

Perry pulou e desceu as escadas. Ele chegou até o andar e começava a descer o segundo lance, quando alguém gritou: _ Ei, Foster! Onde é o incêndio?

Era o policial Abe sentado em uma cadeira do lado de fora do apartamento de Watson.

Perry derrapou ao parar e olhou para o fim do corredor.

_ Onde você estava?

O policial levantou uma xícara de café. _ Lá embaixo. Pegando algo quente para beber. Esse lugar é como um necrotério.

_ O Sr. Stein foi atacado no meu apartamento.

_ Quem? Stein? O que ele fazia no seu apartamento? Onde você estava?

_ Eu estava com Nick. Sr. Reno.

_ O SEAL? A surpresa na voz do policial não era boa. Perry corou. Não que ele tivesse de sentir vergonha de alguma coisa – infelizmente.

Ele disse brevemente: _ O Sr. Stein ouviu passos. Ele subiu para investigar.

_ Por que ele não me chamou?

_ Ele não conseguiu te achar.

O policial parecia desconfortável. _ Ah, é. Eu estava... er... falando com a Sr... ahn... Bridger.

Sra. Rosa na cozinha, Perry pensou, maravilhado. Ele esperou até que o policial deixasse a caneca de lado e indicou o caminho para o andar de cima.

_ Muitas coisas bizarras acontecem nessa casa, - o policial comentou.

_ Nem me fale, - Perry murmurou.

Eles encontraram Stein em pé, ainda zozado, mas recusava ir ao médico.

_ Um saco de gelo, - ele disse. _ Algumas aspirinas. Ficarei novo em folha.

Você pode ter tido uma concussão, - Nick disse. _ Eu iria ao médico se fosse você.

_ Não, você não iria, - Stein disse, causticamente.

As bochechas de Nick levantaram-se com um sorriso relutante. _ Talvez não, - ele concordou.

O policial fez todas as perguntas óbias enquanto Stein ficava cada vez mais impaciente.

_ De quantos modos posso dizer isso? ele perguntou, finalmente. _ Eu não vi porcaria alguma.

_ Só estou tentando fazer meu trabalho, - o policial disse, magoado. _ É para isso que eles me pagam.

_ Ah, é? Não estou surpreso em como eles gastam meus impostos. Quando eu era da polícia...

Todos eles pararam de prestar atenção, o policial Abe olhava invejando a galeria informal dos quadros de Perry. Quando as memórias de Stein acabaram, ele perguntou: _ Eles valem alguma coisa?

Perry deu de ombros.

O policial franziu a testa olhando para o quadro de um campo de frutas amadurecendo sobre o sol de outono. _ Não vejo o ponto de pintar algo assim quando podemos tirar uma foto.

_ Não é a mesma coisa, - Perry disse.

_ Não, pois uma fotografia é mais precisa.

_ Arte não é apenas sobre precisão. É sobre interpretação. É sobre -

Nick disse, com um tom de quem fazia esforço: _ Eu não acho que um crítico de arte entrou aqui.

O policial deu de ombros, pessoalmente não convencido.

_ Essa é a última vez que eu dou uma de bom vizinho, - Stein resmungou. Ele aproximava-se da porta. Gesticulou para Nick. _ Da próxima vez, vou deixar você vir primeiro. Você parece treinado para isso. Isso lembrou o policial. _ Aliás, você tem permissão para essa arma? Ele olhava bem para Nick. _ Sim. Nick sorriu. _ Sou do tipo que segue as leis. O policial continuou olhando, e então voltou-se para Perry. _ Algo sumiu? _ Não. _ Você não verificou, - Nick disse. Perry lançou um olhar ingrato e andou rapidamente do corredor ao quarto. O policial disse: _ Acho que vou bisbilhotar um pouco. Ver o que eu descubro. _ Você pode procurar por digitais na janela do quarto, - Nick sugeriu. _ Fico feliz que você tenha pensado nisso, - o policial retrucou. _ O que o departamento do xerife faria sem você? Perry respondeu. _ Não acho que esteja faltando alguma coisa. Nem parece que alguém esteve aqui. _ Vamor, - Nick disse. _ Vamos deixar que os profissionais cuidem disso. Não queremos dificultar ainda mais a vida difícil deles.

* * * * *

_ É isso, - Perry disse enquanto chegavam perto do apartamento de Nick, e a porta fechou atrás deles. _ Já chega. Não posso ficar aqui. Nunca mais me sentirei seguro de novo. Ele começou a andar, esfregando as palmas das mãos para cima e para baixo das coxas.

_ Ei. Qual o problema? Nick esticou as mãos e pegou os ombros de Perry, fazendo-o parar. Perry o olhou com aqueles olhos inocentes. Ele parecia assustado e bravo, sua voz tremeu quando disse: _ Não sei qual é o problema. E esse é a grande dificuldade. Mas há algo de *errado* aqui. Você não consegue sentir?

Nick sentia alguma coisa – e era errado – mas isso não o fez parar de trazer Perry para perto de si, até que suas bocas ficassem tão perto que ele pôde sentir a respiração rápida de Perry contra seus lábios.

A boca de Perry era rosada e insegura. Ele olhou para os olhos de Nick e depois para baixo, parando nos braços de Nick. Ele não moveu-se em direção à Nick, ele apenas esperou docilmente para que qualquer coisa que fosse acontecer, acontecesse.

Como ele era novo. Nick tentou lembrar-se como era ser tão novo – ele não achou que um dia tivesse sido *tão* novo. Muito novo, muito passivo, muito inexperiente.

Um verdadeiro gay. Atraente, entretanto.

Nick soltou Perry, dando um passo para trás. Ele desviou o olhar para não ver o desapontamento no rosto do garoto.

Perry segurou um longo suspiro e olhou para cima. Ele não falou. O silêncio tornou-se tenso.

_ Olhe, - Nick disse bruscamente. _ Até eu ir embora, tudo será resolvido. Há tantas possibilidades, sabe?

Perry havia desviado o olhar e encarava a janela cheia de gotas da chuva. Seus ombros estavam rígidos. Ele disse, seco: _ Sério? Quando você vai embora?

_ Ainda tenho algumas coisas para resolver. Em algumas semanas. Nick ficou surpreso ao ouvir isso de si mesmo, após dizer para Roscoe e os outros que nada o impedia de mudar-se imediatamente.

Mas ele não podia ir embora e deixar Perry nessa bagunça. De modo algum ele o deixaria até que tudo se acalmasse.

Perry suspirou. Seus ombros relaxaram e ele virou-se para Nick. _ Bem, pessoalmente, eu acho que se isso for resolvido, nós é que teremos de resolver. Acho que vou até a sociedade histórica hoje. Ver se consigo achar mais informações sobre a história da casa.

Essa abordagem agressiva e prática fez com que Nick ficasse surpreso e isso não combinava com a imagem de donzela em perigo que Nick tinha de Perry. Ainda sim, ele estava muito aliviado por ver que o garoto lidava com isso calmamente. Ele estava esperando por uma crise emocional. A redirecionada calma de Perry para o problema, foi inesperada – e bem vinda.

_ Que tal procurar uma cópia da planta? Nick perguntou.

_ Não deve existir uma planta da estrutura original, - Perry disse. _ Antes de 1900, os construtores não faziam planos elaborados como hoje em dia. Não com o tipo de arquitetos especialistas de hoje. Deve ter alguma planta das renovações feitas quando Alston comprou a casa na década de vinte.

_ A Sra. Mac tem eles?

_ Talvez. Mas nós queremos que ela saiba que estamos examinando a história da casa?

Novamente, Nick estava desorientado com a perspicácia inesperada da parte de Foster.

_ Quais são as outras opções?

Foster considerou. _ Podemos tentar o escritório do fiscal de construções na prefeitura. Eles devem ter dado entrada na licença quando fizeram as últimas renovações, quando a casa foi adaptada para os apartamentos. Isso deve ter sido feito nos últimos vinte anos, aproximadamente. Não sei ao certo quando a Sra. Mac assumiu.

_ Ela é dona do lugar ou apenas o gerencia para alguém?

_ Agora que você disse isso, eu não sei. Perry pensou. _ Todo mundo acha que ela é dona do lugar. Talvez ela não seja. Nós deveríamos descobrir. E também podemos ver os mapas do seguro contra incêndio quando estivermos na prefeitura. Alguns deles são do final de 1800. Às vezes dá pra ter uma visão tridimensional. Algo que indicasse os limites dos prédios, a posição das portas, janelas, varandas -

_ Você ainda está pensando em uma passagem secreta, - Nick disse. Ele não zombava mais da ideia como antes.

_ Acho que sim, é. Alguém chegou lá em cima sem passar pelo policial.

_ O policial pode ter ficado lá embaixo por muito mais tempo do que ele diz – ou até mesmo do que ele acha.

_ Verdade. Mas, claramente, Perry só estava fingindo aprovar a ideia, por que ele adicionou: _ Nós podemos ver os arquivos da cidade também, talvez a biblioteca. Definitivamente a sociedade histórica. A casa sempre foi uma das mais importantes nessa área, até mesmo quando era a Hennesey Farm. Tenho certeza de que alguma versão da planta estará nos registros históricos em algum lugar.

_ Parece que você sabe muito sobre essas coisas, - Nick adicionou, curiosamente.

A expressão de Perry foi vaga. Ele disse: _ Eu estudei por um tempo para ser um arquiteto. Não era para mim, afinal.

_ O seu negócio é pintar, - Nick disse, observando-o.

_ Sim. Perry mudou de assunto. _ A outra possibilidade é o que eles chamavam de livros de modelos. Muitos construtores da virada do século tiravam suas ideias de planos de ações publicados por diferentes empresas. Mas não acho que isso nos ajude a encontrar passagens secretas ou túneis escondidos. Isso seria único da casa.

_ Certo, - Nick disse, pegando a jaqueta. _ Parece que temos um plano. Vamos começar com a sociedade histórica e ver no que dá.

* * * * *

Jane recebia uma pizza quando os dois chegaram no saguão. Ela pagou a garota que usava um uniforme colorido e brilhante, e trancou a porta contra a chuva e o vento, espiando Nick e Perry.

_ O café da manhã dos campeões, - Nick comentou, reconhecendo o logo familiar na caixa de pizza.

_ Ei, já passou do meio dia, - Jane disse. _ Além disso, eu gosto de pizza no café da manhã.

_ Você não vai trabalhar de novo? Perry perguntou.

_ Não. Ela abaixou a voz. _ Acabei de ouvir sobre o Sr. Stein ter sido atacado no seu apartamento.

_ Ele disse que ouviu alguém andando no meu quarto, - Perry disse.

_ E ele subiu para investigar? Foi uma atitude boa de sua parte.

Nick a examinou. _ Por que você acha que ele subiu?

_ Não faço ideia, - Jane disse. _ Talvez ele tivesse escutado alguém lá em cima, mas todo mundo nesse lugar está agindo de forma estranha. Eu notei a Sra. Dembecki andando pelo jardim há algum tempo, e eu tive de chamá-la quatro vezes até que ela entrasse. Espero que ela não esteja enlouquecendo. Não acho que ela tenha família. Jane voltou para seu tom de voz normal. _ Então, onde vocês estão indo?

_ Para a cidade, - Perry disse, sucinto.

_ Vocês podem ter de repensar. Há outra tempestade à caminho. Ela estremeceu. _ O Sr. Teagle acha que a ponte vai inundar.

_ Não seria ruim se nós não pudéssemos voltar, - Perry disse sarcasticamente.

_ Ah, seria sim! Jane disse. _ Vocês vão perder a sessão espírita.

Perry, que estava com uma das mãos na fechadura, parou. _ Que sessão espírita?

_ D – o Sr. Center – concordou em fazer uma sessão espírita hoje à noite aqui na casa.

_ Você só pode estar brincando, - Nick disse.

No mesmo momento, Perry exigiu: _ Uma sessão espírita? *Por quê?*

Jane disse, defensivamente: _ Por que, por causa da assombração, claro! Mas ela evitava o olhar acusador dele.

_ Isso é ridículo, - Perry disse com um calor incomum. _ Um fantasma não atingiu a cabeça de Stein. Nenhum fantasma atirou em Tiny.

_ Eu nunca disse que um fantasma atingiu a cabeça de Stein. Não que eu fosse os culpar.

_ Essa sessão foi ideia de quem? Perry perguntou, seu rosto pálido corava. _ Vocês pretendem falar com quem no plano espiritual?

Jane parecia impaciente. _ O seu fantasma, claro.

A boca de Perry abriu, ele parecia procurar por ar. Nick colocou uma mão discreta em seu braço. O garoto estava tremendo. _ Ele não é meu! Enfim, não *foi* um fantasma.

_ David diz que foi.

_ Ele não estava lá! Eu estava.

Jane estava completamente vermelha. _ Bem, querido, às vezes precisamos de um profissional para saber a diferença.

A boca de Perry movia, mas as palavras não saíam. Ele parecia genuinamente no prejuízo – ou talvez, apenas inarticulado de raiva.

_ Você não vai ganhar essa discussão, - Nick disse, apertando a mão no braço tenso. _ Venha. Ele abriu a porta e empurrou Perry para fora.

_ Você estará de volta a tempo para a sessão, certo? Jane foi atrás dele. _ Você precisa estar aqui, Perry. David disse que precisamos da sua presença.

_ Não espere por nós, - Nick disse e fechou a porta na em sua cara de indignação.

_ Todo mundo naquela maldita casa ficou louco, - Perry disse enquanto corriam pelo gramado encharcado. _ Por que ninguém vê o que está realmente acontecendo aqui?

Eles chegaram até a *pickup* de Nick. Nick destravou a porta do passageiro e correu para o outro lado. Perry ainda estava furioso quando Nick ligou o carro.

_ Apenas acalme-se, - Nick disse, um pouco surpreso. _ Ninguém pode forçá-lo a fazer o que você não quer.

Perry encarou-o espantado. _ Você realmente acha isso?

Nick pensou. _ Não estou falando sobre a morte e os impostos, mas sim. Até certo ponto, sim. Com certeza ninguém pode te forçar a participar de uma festa psíquica se você não quiser.

Perry emitiu um som baixo, amargo e desprezível, virando o rosto para a janela molhada.

_ O que isso quer dizer? Nick olhou-o rapidamente e curioso.

_ Nada. Nick voltou a olhar para a frente, enquanto eles colidiam com a ponte longa e coberta, mas a expressão de Perry estava perdida na escuridão do túnel. Nick podia sentir a agitação das suas emoções como um campo elétrico.

_ O que houve?

_ Nada.

_ O que há de errado?

Perry disse baixo: _ As pessoas tem várias maneiras de forçá-lo a fazer o que você não quer.

_ Não faço ideia do que estamos falando, - Nick disse. _ Não vou deixar que forcem você a participar de uma besteira mística. Você pode contar com isso.

Silêncio.

O carro saiu da escuridão da ponte coberta e Nick arriscou olhar novamente para seu companheiro. Perry ainda olhava pela janela, sua expressão e stranamente fria e distante.

* * * * *

_ Verity Lane, - a Sra. Bartlett disse com brilho nos olhos. _ Acho que eles estão passando um de seus filmes no final da rua.

Perry pensou se a idosa Sra. Bartlett, curadora da Sociedade Histórica de Fox Run, estivesse – nas palavras de Jane – enlouquecendo, mas ela aliviou a mente de Perry quando esclareceu: _ Eles estão fazendo uma daquelas sessões nostálgicas de filmes no *Players Theater*, na rua Dove. A matinê custa apenas dois dólares. Eles estão chamando de 'matinê dois bits'.

_ Nós estamos mais interessados em Shane Moran, - Nick disse. Ele examinava a exposição de armas de fogo do século dezoito que foram descontinuadas.

_ Ah, mas você não pode entender Shane sem conhecer Verity, - a Sra. Bartlett disse, maravilhada. _ Eles eram amantes, sabe.

_ Achei que ela fosse casada com Henry Alston, - Perry contestou com a surpresa ingênua do produto de uma união estável e de classe média.

_ Ela era! Foi um escândalo terrível. Alston era um inglês discreto, mas rico como Crespo, quando comprou a casa no começo da Lei Seca e começou a renová-la. Ele havia apaixonado-se por uma das Garotas Ziegfeld, Verity Lane, e a história é a de que ele comprou a velha Hennesey Farm para ela, embora ele não tivesse pensado que uma pequena borboleta como Verity fosse querer morar na floresta de Vermont...

Para guardá-la para ele, Perry pensou. Mas ele não disse nada, deixando a Sra. Bartlett falar sem reprimí-la.

_ A história diz que Verity o rejeitou – muitas vezes e publicamente, mas ele persistiu e, finalmente, a conquistou. Eles mudaram-se para lá em 1923, e ficaram bem famosos por suas festas animadas. Eu não deveria dizer *suas*, por que eu acho que eram festas *dela*, com Henry à tiracolo. _ Eu li um artigo sobre a casa, - Perry disse. _ Jazz e bebidas alcoólicas. E apostas ilegais.

_ E é aí que Shane Moran entra, - Sra. Bartlett disse. _ Era Lei Seca, claro, e a venda, transporte e fabricação do álcool era ilegal nos Estados Unidos.

_ É difícil acreditar que eles deixaram isso passar, - Nick disse.

_ O movimento de temperança tem uma história longa em Vermont, - Disse a Sra. Bartlett. _ Mas você está certo. A Décima-Oitava Emenda era extremamente impopular com a grande maioria das pessoas

desse país, e isso criou um grande mercado para o contrabando e serviu para legitimar o papel do criminoso. De outro modo, cidadãos de bem começaram a fazer negócios com gangsters como Shane Moran. _ Por causa da proximidade com a fronteira Canadense, Vermont era o canal para contrabandistas.

Sra. Bartlett os guiou até o fim do corredor, passando por várias litografias da vida na aldeia e utensílios domésticos até uma montagem de fotografias antigas.

_ Esse era Shane Moran.

Perry esperava encontrar alguém parecido com Al Capone – ou até mesmo Humphrey Bogart – mas Moran era um homem jovem com traços irlandeses. Perry examinou a foto. Uma coisa era certa: essa não era a imagem do homem morto na banheira.

Nick disse: _ Então, Henry Alston começou a comprar bebidas para suas grandes festas e... o que aconteceu? Ele tentou trair Moran?

_ Vejo que você tem uma visão cínica da natureza humana, - A Sra. Bartlett disse. Seus olhos brilhavam novamente, então, aparentemente, ela concordava com a visão de mundo exausta de Nick.

_ Eu sei algumas coisas, - Nick respondeu.

_ Aparentemente Henry *tentou* trair Moran, mas a culpa não foi totalmente de Henry. A história que eu ouvi de minha avó, que era empregadano Alston Estate, foi que Verity apaixonou-se por Shane Moran.

_ Ops, - Perry disse.

_ Palavras do Henry, eu acredito, - A Sra. Bartlett concordou. _ Henry queria Moran fora dos negócios, a história diz que ele tentou tramar alguma coisa com a imigração. Moran escapou.

_ E então, Moran invadiu a festa privada de Henry e roubou seus convidados ricos, - Nick disse. _ Estou surpreso por Moran não ter atirado em Alston.

_ Ah, Moran não era um assassino. Pelo menos não a sangue frio. E, de qualquer modo, ele realmente voltou por Verity. Sra. Bartlett apontou com sua mão enrugada, o anel dourado de casamento brilhava devidamente.

_ Eu não li nada sobre *isso*, - Perry disse.

_ Não foi parar nos jornais, embora fosse algo comentado por esses lados. Moran apareceu e implorou para que Verity fugisse com ele, mas eu acredito que o papel de gangster apaixonado não a interessava. Enfim, ele saiu com uma fortuna em jóias e bens – mas sem Verity. Ele foi pego na floresta em Witch Hollow, alguns dias depois, morto a tiros por um advogado, a história diz que ele foi subornado por Henry Alston para assegurar que Moran não fosse encontrado vivo.

_ E a fortuna em jóias e bens nunca foi localizada? Perry perguntou.

_ Correto. Há várias histórias sobre isso. Mas a resposta mais provável é que os aliados de Moran levaram o saque com eles. Embora, até onde saibamos, nada, nem um anel, jamais apareceu.

_ Como alguém saberia? Perry perguntou. _ Talvez as jóias foram derretidas e vendidas no exterior.

_ Verity usava as safiras de Alston. Era uma coleção muito conhecida e cara. Havia um colar, duas pulseiras e um anel. Seria difícil livrar-se disso sem que alguém reconhecesse as pedras – o roubo teve bastante atenção da mídia. E muitos dos outros convidados perderam peças caras além dos isqueiros de ouro e caixinhas de prata. Sra. Bartlett deu um sorriso doce. _ Acho que alguém saberia se alguma coisa do roubo aparecesse.

_ Por que Moran não foi embora? Nick pensou alto, franzindo a testa enquanto olhava a foto do gangster. _ Por que ficar por aqui depois de ter levado um pé na bunda?

_ Talvez ele esperasse que ela mudasse de ideia, - Perry disse.

Nick olhou-o de igual para igual. _ Parece que ela deixou isso bem claro.

_ Isso é mais uma daquelas coisas que nunca saberemos, - disse a Sra. Bartlett, aparentemente sem questionar.

_ Quem é o dono da casa agora? Nick perguntou.

_ Isso é uma pergunta *muito* interessante, - A Sra. Bartlett disse. _ É claro que a Sra. MacQueen gerencia a propriedade - se é que podemos chamá-la assim – por quase vinte anos, mas a casa mudou de donos várias vezes desde que Alston perdeu sua fortuna em Março de 33. Ela é, atualmente, da família Dunstan em Barre. Na verdade, um dos inquilinos de lá tem um parentesco distante.

_ Quem? Perry perguntou.

_ Jim Teagle, - a Sra. Bartlett respondeu.

Capítulo Nove

_ Não é exatamente uma coincidência maravilhosa, - Nick disse, levando uma garrafa de Sam Adams até a boca.

_ O que temos é alguém livrando-se do parente idoso e insuportável de graça, ou quase de graça, colocando-o em uma de suas propriedades. Teagle consegue ficar de olho no lugar – e a Sra. MacQueen – e isso faz com que os parentes não precisem lidar com problemas. Não ouvimos nada que indicasse uma conexão entre os Alstons ou com Shane Moran. Ele bebeu direto da garrafa.

_ É engraçado ele nunca ter mencionado isso, - Perry disse, para poder ser ouvido por cima do som da televisão de plasma no canto, onde dois times de futebol de uma faculdade estavam conversando entre si.

_ Você conta tudo para ele? Nick perguntou. _ Você contou para ele o motivo da sua ida à São Francisco?

_ Bem, não, - Perry admitiu.

Eles estavam comendo no *Moosehead Tavern* na rua Bank. Cabines revestidas com couro, uma mesa de sinuca no quarto adjacente e a cabeça de um alce com um gorro de Papai Noel, colocada acima do bar - não era o tipo de lugar que Perry gostava, mas ele sentia-se confortável com Nick sentado do outro lado da mesa. Nick deu um gole em sua cerveja, seus olhos azuis escuro olhavam para a televisão de vez em quando.

_ Qual é o trabalho? Perry perguntou.

_ Ahn? Os olhos de Nick encontraram os de Perry.

_ Em Los Angeles. Seu novo emprego.

_ Ah. Para a surpresa de Perry, a expressão de Nick fechou-se. _ Investigador particular.

O rosto de Perry iluminou-se com interesse. _ Sério?

_ Sim. Nick parecia acanhado. _ Um colega da SEAL abriu a empresa com alguns amigos. Ele deu de ombros.

_ Você vai ser muito bom nisso, - Perry disse.

Isso parecia deixar Nick mais desconfortável. Ele disse: _ Não é como nos filmes – ou nos livros que você leu. Tem muita pesquisa e localização de veículos.

Perry sugeriu esperançoso: _ Fraude no seguro? Pessoas desaparecidas?

_ É, talvez, - Nick disse. _ Ainda sim, não é como nos filmes.

_ Como você sabe?

_ Eu *espero* que não seja como nos filmes, - Nick disse e Perry sorriu.

A garçonne foi até a mesa e eles pediram comida e mais algumas cervejas. Ele voltou logo com um sanduíche de frango e queijo para Perry e porco defumado com pimenta e coberto com cheddar Vermont e cebolas para Nick. Nick imaginou que aquilo seria uma das coisas que ele sentiria saudades na Califórnia: A pimenta e o mel, e a broa de milho e jalapeño.

Ele levantou os olhos e Perry estava sorrindo para ele. Isso era outra coisa que ele sentiria saudades na Califórnia, mas era melhor não pensar nisso. Em vez disso, ele disse: _ Olhe, eu estive pensando.

Perry deu um olhar inquisitor – embora os pensamentos de Nick sempre tivessem toda a atenção.

Nick disse: _ Alguém mais sabia da sua mudança de planos para o fim de semana? Alguém sabia que você estava voltando mais cedo?

_ Não.

_ *Por que* você voltou mais cedo?

Perry o encarava. _ Eu já te disse. Não deu certo com o meu amigo.

_ Certo, e esse amigo seu? _ Onde você o conheceu?

_ Pela Internet.

_ Pela *Internet*? Quer dizer, em uma sala de bate-papo?

_ Sim. O queixo de Perry mostrava uma marca teimosa. _ Qual o problema? Muitas pessoas se conhecem assim. Nós começamos a trocar e-mails, e vimos que tínhamos muitas coisas em comum.

Marcel era -

Nick colocou a cerveja na mesa. _ *Marcel*?

_ Marcel, é, - Perry disse brevemente.

_ Você estava tendo um romance cibernético com alguém chamado *Marcel*? Nick ria dele e Perry ficou vermelho de raiva.

_ Você faz com que isso pareça estúpido e estranho. Não era. Nós tínhamos uma amizade verdadeira. Um relacionamento de verdade. Nós escrevíamos um para o outro todos os dias, às vezes mais de uma vez ao dia. E então, finalmente ligamos um para o outro. Conversamos por muito tempo e decidimos nos encontrar, para ver -

_ E surpresa, surpresa, - Nick disse cinicamente. _ Ele tinha um metro de altura, era careca, gordo e aparentava sessenta anos.

Perry disse, bravo: _ Ele era *exatamente* como eu esperava. Como eu imaginava. Ele era *perfeito*.

A boca de Nick fez uma curva sarcástica, mas tudo o que ele disse foi: _ Então, o que aconteceu com o Sr. MSN? Você não era o que *ele* esperava?

Perry fitava-o, chocado. Ele disse, afinal: _ O ex-namorado dele queria voltar.

Até mesmo Nick chocou-se. _ Meu Deus. Ele não poderia ter escolhido um final de semana diferente?

A raiva de Perry já havia esgotado. Ele deu um sorriso torto. _ Acho que teria sido legal se eles tivessem resolvido isso antes de eu ter gasto todo meu dinheiro nas passagens de avião e três camisas novas. Demorou muito para economizar.

_ Então agora você não tem o dinheiro do aluguel por que você gastou tudo em uma viagem e roupas novas.

Perry balançou a cabeça.

Nick o examinou criticamente, mas não foi indelicado. _ Você não pensou nisso...?

_ Você não entende, - Perry disse. _ Eu achei que o conhecesse. Eu o *conheço*. Ele é... ele é esperto e engraçado e sensível. Ele é arquiteto. Algum dia ele vai construir algo tão maravilhoso como... como Frank Lloyd Wright. Nós tínhamos *muito* em comum. Nós tínhamos o mesmo filme favorito no colégio – *Come Undone* – e nós tínhamos a mesma música favorita - "Human" do *The Killers*. Nós dois gostamos de milho no palito grelhado, e canela e noz-moscada no chocolate. Nenhum de nós assistiu *Queer as Folk*, e ambos tivemos golden retrievers quando éramos crianças.

Estritamente falando, era mais do que ele e Marie tiveram em comum. Nick disse: _ Ele não mencionou o ex-namorado para você?

A pergunta banal fez com que Perry ficasse surpreso. _ Mais ou menos. Eu sabia que ele teve um relacionamento. Quem não?

_ Você já teve?

_ Eu nunca *morei* com alguém, - Perry disse com dignidade.

Nick balançou a cabeça.

_ Não é fácil conhecer pessoas aqui, - Perry disse. _ Vermont não é... quero dizer, partes daqui são conservadoras. Especialmente no Kingdom. Essa é uma cidadezinha.

_ Então se mude.

_ Onde? Mesmo na luz fraca, Nick podia ver a cor delicada debaixo da pele clara de Foster. _ É preciso dinheiro. O aluguel do primeiro mês e do último, e eu não tenho nem o desse mês. E eu precisaria arrumar um emprego novo. Eu não tenho experiência com nada.

Nick pensou. _ Não posso te ajudar com isso, mas vou te dizer uma coisa. Meu aluguel está pago pelos próximos dois meses. Eu paguei seis meses adiantados. Quando eu for, você pode ficar lá. Isso deve te dar tempo para se ajeitar.

Perry olhou para ele, sem palavras.

_ Não faça disso uma grande coisa, - Nick avisou.

_ Não. Certo. Perry abaixou os olhos. Ele parecia lutar para reprimir um sorriso enquanto prestava atenção nas batatas fritas.

_ Certo, está combinado, - Nick disse bruscamente. _ Agora tudo o que temos de fazer é descobrir quem colocou o corpo na sua banheira. Ele não estava sendo totalmente sério. Pelo menos... ele achava que eles poderiam encontrar informações para ajudar o departamento do xerife com a investigação malfeita, e ele achou que seria bom manter a mente do garoto ocupada. Mas Nick não achava que eles resolveriam o caso do cadáver desaparecido.

_ Quem quer que tenha matado Tiny, - Perry respondeu – aparentemente teve a ilusão de que ele desmascaria alguma coisa.

_ Talvez.

_ Tem de ser isso. Tiny andava por aí falando sobre fantasmas com meias amarelas, e isso deve ter representado perigo para alguém.

Nick disse: _ Mas você sabe que ele estava falando isso para nós enquanto estávamos no apartamento do Watson.

Aqueles cílios ridículos levantaram-se. _ Você quer dizer que alguém estava nos escutando?

Essa era uma das coisas que Nick gostava em Foster. Ele conseguia juntar as coisas sem demora.

_ É. Eu não consigo acreditar em passagens secretas, mas eu acho que alguém ouviu Tiny falando com você, ou Tiny falou sobre 'o fantasma' para mais pessoas.

_ Center e Stein moram naquele andar. O apartamento de Center é ao lado do de Watson – e dizem que pessoas cegas compensam com os outros sentidos. Talvez ele tenha uma ótima audição.

_ Ahn, - Nick disse.

Eles comeram em silêncio, enquanto música tocava ao fundo. Música de Natal. Era apenas Novembro, mas Bing Crosby já era popular. Nick achava isso vagamente deprimente.

_ Podemos ir até os arquivos da biblioteca, - Perry disse.

Nick balançou a cabeça. Ele não estava animado para passar o dia na biblioteca, mas não é como se ele tivesse mais ideias. Já era um caso arquivado, então os caminhos óbios de investigação foram eliminados. É uma pena que isso não tenha aparecido alguns meses depois dele ter o treinamento de investigador particular.

Claro, em alguns meses ele estaria na Califórnia, e Perry Foster seria apenas mais uma memória de uma parte da sua vida que ele mal podia esperar para esquecer.

_ Ou, Perry sugeriu de repente, felizmente, _ Nós podemos assistir ao filme de Verity Lane no *Players Theater*.

_ Parece perda de tempo.

_ Não temos muitas pistas, - Perry apontou. _ Não fará mal ver uma das pistas principais, certo?

Estranhamente, Nick descobriu que ele não queria magora o garoto – não que ele visse algum motivo prático em assistir o filme antigo. Embora ele estivesse curioso sobre Verity Lane.

_ Acho que podemos ir até a biblioteca e depois ver o filme.

Quando Nick não respondeu, Perry disse casualmente: _ Se você está preocupado achando que as pessoas pensarão que você é gay por ir comigo, não se preocupe.

Nick encontrou os olhos de Perry. _ Não?

_ Não.

_ Por quê?

_ Você não aparenta ser.

_ Tem uma aparência, é? Achei que fosse um mito. E aqueles *bodybuilders* gays?

Perry deu de ombros. _ Nunca conheci algum.

_ Você conhece muitos *bodybuilders*?

_ Não, mas conheço outros caras gays. Sabe, eu não vivi minha vida toda em Fox Run.

_ Eu imaginei. De onde você é?

_ Rutland.

A segunda maior cidade de Vermont e um centro comercial, então Foster deveria ser relativamente experiente. Mas Nick achou que ele estava certo. Uma criancinha doente e superprotegida – ele apostava que era um filho único com pais mais velhos e apaixonados.

_ O que você está fazendo aqui no meio do nada?

_ Achei que fosse ser legal viver em uma cidadezinha. A falta de noção disso quase deixou Nick sem ar. _ Sabe, algum lugar onde todos sabem o seu nome, e você não precise trancar o carro ou as portas. E eu achei que fosse ser bom para minhas pinturas, morar em um lugar rural e quieto.

_ Você não pensou que talvez fosse solitário para alguém com a sua orientação?

Perry ficou quieto. _ Eu não estava pensando nisso. Eu queria me afastar.

_ Do que?

_ Tudo. De todos que eu conhecia. De tudo o que eu conhecia.

Nick disse levemente: _ Parece meio drástico.

Perry olhou para a janela do bar, para as ruas de Thomas Kincaid, brilhando na chuva. O borrão colorido das luzes das lojas, semáforos, luzes dos carros refletidas no asfalto molhado. Nick esperava que ele não fosse contar sua história de vida.

Perry disse com naturalidade: _ Quando eu disse aos meus pais que era gay, eles me mandaram embora.

O barulho da TV aumentou e diminuiu. Nick deu um gole em sua cerveja, e colocou a caneca na mesa cuidadosamente. _ Por que você contou para eles?

Perry parecia confuso. _ Eles são meus pais.

_ Exatamente. Você deve conhecê-los bem para saber como eles se sentem sobre o assunto.

_ Mas eu pensei – deveria – ser diferente por ser *eu*.

_ Você pensou que eles iriam sentir-se diferentes sobre algo que os choca e enoja por que o filhinho deles disse que era um deles? Você é mesmo ingênuo.

Perry respondeu. _ Eles me amam. Eu os amo. Eu *tive* de ser honesto.

A ideia era estranha para Nick. Ele havia se alistado na marinha quando fez dezoito - cinco anos mais novo do que Foster. Ele não mais discutiria suas inclinações sexuais com seus pais, assim como não comeria o cachorro da família. É verdade, sua mãe e seu pai estavam muito ocupados cuidando de seis crianças e sua avó. Confidências não foram uma parte da família Reno. Discussões em geral não eram coisas que seus pais tinham tempo ou energia para fazer. Sempre foi tudo o que pudessem fazer para colocar a comida na mesa e roupa nos filhos.

Além disso, Nick casou-se com Marie assim que foi chamado para a marinha – principalmente por que é isso que as pessoas faziam em Island Pond. Ele nunca havia pensado em fazer algo diferente - não por muito tempo.

Engraçado. Dependendo de como olhamos para isso, Foster estava bem à frente de onde Nick estava naquela idade.

Perry disse com firmeza: _ Eles virão até mim quando perceberem...

_ Não é uma fase?

Ele balançou a cabeça.

_ Tem certeza?

Os olhos de Perry escureceram. _ Claro que tenho.

_ Quero dizer, você nunca esteve com alguém, certo? Nick foi brusco. _ Homem ou mulher? Eu sei que muitos jovens tem medo de garotas.

Para sua surpresa, Perry relaxou, rindo: _ Não tenho medo de garotas. Meus melhores amigos sempre foram garotas. Garotos nunca tiveram tempo para mim na escola – exceto pelos outros desajustados.

Nick olhou para ele irritado.

_ Garotas não me interessam, - Perry explicou como se estivesse ditando os fatos da vida. _ Caras como você me interessam.

Nick deixou sua broa cair.

_ Enfim, Perry disse sem constrangimento. _ Meus pais me mandaram embora e junto o meu diploma em arquitetura, o que não tem problema. Eu queria ir para a escola de artes. Então eu decidi lutar por isso. Ir atrás do meu sonho e tornar-me um pintor. Ele sorriu para Nick, animado. _ Claro, mas não paga muito bem.

Nick sentiu como se uma dor de cabeça estivesse a caminho. Era culpa dele mesmo. Ele tinha de abrir a boca e perguntar, não tinha?

* * * * *

A chuva transformava-se em neve enquanto eles estacionavam na biblioteca. Perry enrolou o cachecol na boca e no nariz, mas ele já tossia quando eles chegaram no topo da escadaria que levavam ao prédio de tijolos.

_ Você não toma remédios para controlar isso? Nick perguntou, franzindo a testa enquanto Perry lutava para retomar o fôlego.

Perry balançou a cabeça. _ Eu tomava, mas não tenho mais plano de saúde.

_ Jesus Cristo.

Nick o encarava exasperado. _ Não é ruim no verão. Ou na primavera, sério. É que quando fica muito frio eu tenho alguns problemas, - Perry assegurou.

_ Sem problemas, então. Exceto por que você vive em Vermont.

Perry deu de ombros. Sua respiração estava normalizando novamente. Ele virou-se e mostrou o caminho pelo prédio quieto.

_ Não consegue ficar longe daqui, consegue? Uma garota gordinha e de cabelos escuros cumprimentou Perry do lado de trás do balcão. Então ela notou que Nick estava com ele e não na fila. O olhar dela era de curiosidade. _ *Olá.*

_ Oi.

_ Só vamos olhar os arquivos, Perry disse, vagamente irritado pelo interesse repentino de Patti. Nick pareceu nem notar – talvez ele estivesse acostumado a atrair garotas. Talvez seus pensamentos estivessem em outras coisas – Ele tinha um olhar escuro e pensativo enquanto olhava para o cômodo bem iluminado, as decorações de papel, os panfletos dos eventos locais.

Patti disse: _ Não são boas férias, não é?

Perry sorriu educadamente, mas ele pensava que desde que Nick apareceu, suas férias haviam melhorado imensuravelmente.

Passaram as próximas três horas vasculhando livros e cópias plastificadas dos antigos jornais. Se era útil, era difícil dizer; era óbvio que Nick não pensava muito sobre esse tipo de trabalho investigativo. Ele

preferiria estar lá fora examinando o asfalto - e talvez algumas cabeças. Ele frequentemente afastava a cadeira e ia até a janela decorada com luzes de Natal, olhando para a tarde sombria e molhada.

Não era difícil imaginar Nick usando um chapéu, olhando para um bando de capangas. Ele tinha o tipo de rosto que seria perfeito para um filme *pulp fiction* dos anos 40.

_ O que você está olhando? Nick perguntou de repente, tirando Perry do reflexo. Ele não percebeu que estava encarando, e então corou.

O olhar de Nick continuou – um estranho momento passou – e então Nick voltou a olhar a janela e disse: _ Algo interessante nesses jornais?

_ Bem, uma coisa, - Perry disse devagar, ainda lendo. _ A *Underground Railroad* operava por aqui e, Oswald Hennesey, era um abolicionista fervoroso.

_ Oswald sendo um descendente dos donos da Hennesey Farm?

Perry balançou a cabeça. _ Você já leu um livro chamado *The House of Dies Drear*?

_ Não soa familiar.

_ Eu li no ensino médio. É sobre um garoto que se muda para uma casa que era usada na *Underground Railroad*. Todo mundo acha que a casa é assombrada pelo fantasma do abolicionista chamado Dies Drear, mas na verdade a família ao lado está tentando assustar as pessoas para que eles possam roubar o tesouro enterrado nos túneis.

_ Ahn, - Nick disse. _ Eu sei onde isso vai chegar.

_ Só estou dizendo... - Perry estava sorrindo quando voltou a ler.

Entretando, ele não achou nada indicando que a Hennesey Farm fosse parte da *Underground Railroad*, e nem que existiam passagens secretas, e, no final, Oswald Hennesey não havia nem morado no Estate. Depois dessa breve animação, a leitura de Perry foi bem entediante até ele encontrar alguns recortes de jornais de 1920 sobre Henry Alston comprando a Hennesey Farm.

_ Aqui tem uma foto de Verity Lane, - ele disse, oferecendo um dos livros à Nick.

Nick examinou as fotos manchadas e gastas. Lane foi uma loira platinada com seios pequenos, uma boca curvada e olhos grandes. Lembrava vagamente Jean Harlow, Lane foi bonita para as mulheres de sua época.

Perry ainda estava lendo os recortes. _ Esse arquivo é quase todo sobre os Alstons. As notícias, aparentemente, informavam os leitores da época da Depressão com reportagens de festas animadas no Alston Estate, frequentadas por celebridades e VIPs da época. Sem surpresa, o roubo de Shane Moran foi manchete.

_ Aqui tem algumas coisas sobre a festa.

Nick colocou de lado as fotos de Verity Lane e olhou por cima dos ombros de Perry.

Perry leu: _ Era um evento de gala. Lanternas chinesas decoravam o terraço. Os convidados jantaram pombo assado e dançaram ao som de Ted Olsen's Orchestra. Logo antes da meia noite, o gangster Shane Moran invadiu com sua gangue, roubando os cavalheiros e levando as jóias das damas. As famosas safiras de Alston, incluindo um colar estimado em mais de vinte milhões de dólares, foram roubados da dona da casa.

_ Eu imagino o quanto esse colar deve valer hoje, - Perry interrompeu-se para adicionar.

_ Muito, - Nick respondeu.

Os artigos subsequentes falavam sobre a caça aos gangsters. Dois dos homens foram capturados em um bar clandestino em Sugarbrush, mas os outros desapareceram. Moran, claro, apenas evitou a captura por alguns dias, depois de ser encontrado na floresta em volta do Estate. A história oficial é que ele havia recusado a chance de render-se pacificamente e foi morto à tiros por um advogado local.

Não havia explicação – estranhamente, nem mesmo especulação – do por que Moran tentou voltar para a cena do crime. Nenhum traço das jóias e itens valiosos roubados naquela noite de verão, jamais foi encontrado.

Pensando, Perry fechou o arquivo.

_ O que? Nick perguntou, estudando seu rosto.

_ Não pode ter restado alguém daquela festa, pode? Se alguém tivesse vinte anos, hoje estaria com noventa, certo?

_ Bem velho para pregar peças na antiga casa, - Nick concordou, vendo onde isso iria parar.

_ Ninguém no Estate é tão velho. Sr. Teagle tem setenta, e a Sra. Dembecki deve estar aí também. Sra. Mac deve ter... - Perry estreitou os olhos, tentando achar a idade da Sra. Mac.

_ Sessenta, - Nick disse com certeza. _ Stein deve ser um pouco mais jovem. Não muito.

Era claro para Perry que Nick estava ficando inquieto.

Eles terminaram de olhar os arquivos das casas do local, e Perry encontrou um mapa que mostrou à Nick.

Eles debruçaram-se sobre ele, cabeças juntas, e pelo canto dos olhos, podia ver a sombra azul sob a bochecha suavemente barbeada de Nick, o movimento de seus cílios, o queixo forte e firme e o nariz brusco.

Os olhos de Nick viraram-se para Perry como se sentissem sua atenção, depois voltaram-se para o mapa.

_ Não parece que a estrutura básica mudou externamente. Eles adicionaram paredes, criando mais quartos.

Eles terminaram a pesquisa na biblioteca e saíram para a rua. Eram quatro horas e já escurecia. Nick olhou para o relógio e então para Perry que – com o cachecol enrolado na boca e nariz – olhava para ele com esperança.

_ Você quer ver a maldita matinê, não quer? Ele disse, conformado.

_ A menos que você tenha planos, - Perry disse educadamente pelas dobras do cachecol.

Nick suspirou.

Eles foram até o carro e Nick e dirigiram até a rua Dove, Perry olhava silenciosamente pela janela, vendo as casas decoradas para o Natal. Uma rena feita de fios metálicos fingia morder gramados ralos e marrons. Pingentes de gelo coloridos caíam das beiradas, e Papais Noéis de ar balançavam bravamente sob a chuva e neve.

Perry nunca sentiu-se menos entusiasmado com o feriado. No ano passado ele teve muitas esperanças para o futuro. Ele havia acabado de se mudar para sua torre em Alston Estate e estava gostando de ter seu próprio lugar. Seu desconforto só começaria mais tarde. Ele havia conseguido um emprego na biblioteca, as pinturas iam bem, e ele acabara de conhecer Marcel na Internet. Ele havia sonhado que, talvez, na mesma época no ano que vem, ele e Marcel poderiam... bem, não vale pensar nisso agora.

Saints and Sinners estrelando Jack Oakie e Verity Lane, podia ser lido na marquise iluminada no topo do Players Theater.

Nick estacionou na vaga mais isolada no fundo e disse: _ Nunca diga que eu jamais fiz algo por você.

_ Eu jamais diria isso, - Perry retrucou, sério, levantando o cachecol novamente.

Eles entraram no antigo cinema; Nick comprou um pote gigante de pipocas com o ar de um homem afogando as mágoas em manteiga, e eles procuraram os lugares no cinema vazio.

O filme havia começado há cinco minutos, mas isso não importava. Até onde Perry conseguiu entender, tinha algo a ver com uma herdeira fugindo para ficar com o namorado que era treinador de cavalos. O treinador de cavalos acabou revelando-se malvado, mas o dono do estábulo era um desses caras bons e de queixo quadrado - e ele era aprovado pelos pais da herdeira - então parecia que tudo daria certo.

Nick ofereceu seu pote de pipocas com intervalos frequentes, e, de vez em quando, suas mãos colidiam no meio dos milhos quentes.

Verity Lane era pequena, loira e animada. Para Perry ela era como as outras atrizes atrevidas, pequenas e loiras de sua época. Ele não conseguiu captar algo particular sobre sua personalidade – ela parecia um anacronismo com a voz estridente, um pequeno fantasma platinado que tinha retornado à vida há algumas horas.

O que teria inspirado Shane Moran a arriscar sua vida? Era um mistério para Perry. Talvez Nick tivesse uma opinião diferente. Ele olhou para o lado. Nick assistia sem expressão; Perry podia ver as sombras do projetor em seu rosto.

Ele tentou imaginar Nick casado com alguém, mas a imagem não se formava.

Seus pensamentos viajavam enquanto Verity Lane flertava, contava piadas e chorava nos últimos vinte minutos de filme. *O que teria acontecido com Verity depois que Shane Moran foi morto?* Perry pensava. *Ela e Henry Alston ficaram juntos?* Henry havia perdido sua fortuna um ano após a morte de Moran. Verity teria voltado a fazer filmes? Ele não lembrava-se dela como uma dessas atrizes antigas que foram para a TV. Ele tinha a vaga noção de que ela havia parado de fazer filmes. Ele não conseguia lembrar-se dela em outros filmes enquanto envelhecia; ela teria feito a transição para a TV, mas e depois?

– *Diga*, Verity sussurrou nos braços do galã da matinê, com a última frase antes da transição para a tela preta. – Que tipo de cara você acha que eu *sou*?

Nick bufou. Ele virou-se para Perry. Na escuridão, Perry só conseguia ver o brilho dos olhos e o que parecia ser um sorriso conformado. – Feliz agora? Nick perguntou, suavemente, e havia um tom em sua voz... indulgente?

E como um relâmpago, Perry percebeu que ele *estava* feliz. Feliz por que Nick estava com ele. Tirou um sorriso de seu próprio rosto. Em uma semana ou duas Nick iria embora – eles provavelmente não veriam um ao outro nunca mais. Apegar-se a Nick seria ainda mais estúpido do que apegar-se ao Marcel.

Estava escuro quando eles saíram do cinema.

Perry estava pensando no quanto ele não queria voltar para a mansão Alston, quando Nick disse casualmente: – Vamos tomar uma cerveja.

Eles atravessaram a rua em direção à um bar de má reputação com um letreiro luminoso oferecendo bebidas. Dentro do bar era escuro e cheio de fumaça - embora ninguém havia fumado legalmente por lá há muitos anos – e um *jukebox* tocava The Young Dubliners. Alguns homens jovens usando camisas de flanela, chegaram no bar falando com o garçom.

Era o tipo de lugar que Perry não teria sonhado em por os pés sozinho, mas com Nick ao seu lado, ele sentia todo o fascínio de uma viagem rápida para uma terra estranha.

Nick apontou para uma das mesas, e Perry sentou-se enquanto Nick foi até o bar pedir duas cervejas. Perry viu Nick conversar e sorrir com os homens do bar – ele, obviamente, não era um estranho naquele lugar.

– Você quer algo para comer? Nick perguntou, colocando a cerveja na frente de Perry.

– Eles tem comida aqui? Perry disse, surpreso.

Nick balançou a cabeça.

Perry hesitou. – Você vai comer alguma coisa?

Nick leu a hesitação corretamente. E, normalmente, ele teria achado que era problema do garoto não saber economizar, mas... ele estava corando. Ele tinha o emprego em Los Angeles, e Roscoe havia oferecido um adiantamento do primeiro salário. E... ele gostava de ver Foster comendo. Disse bruscamente: – Sim. Por que não pegamos as canoas de batatas? Podemos dividir. Por minha conta.

Ele foi recompensado com o sorriso tímido.

– Acho que foi um dia perdido, - Perry disse mais tarde enquanto eles comiam as canoas recheadas com cheddar, bacon e molho branco. Nick havia pedido mais algumas cervejas, e sob o efeito do álcool, o garoto havia relaxado, começou a falar mais e contar segredos.

Nick deu de ombros.

_ Você acha que o xerife vai nos contar o que ele encontrar?

_ Você está assumindo que eles vão encontrar algo, - Nick disse sorrindo e Perry riu. Ele estava rindo bastante. Nick decidiu que ele não se importava.

Uma nova música começou a tocar no *jukebox*. Uma balada devagar e romântica; Perry disse de repente: _ Por que seu casamento não deu certo?

Nick fechou a cara.

_ Desculpe, - Perry disse rapidamente. _ Eu só...

Nick disse bruscamente: _ Não deu certo pelo mesmo motivo de vários casamentos não darem certo. No final, nós éramos pessoas completamente diferentes do que quando começamos. Não tínhamos nada em comum.

Perry balançou a cabeça. _ Vocês tinham algo em comum quando começaram?

Parecia uma pergunta óbvia, mas Nick o encarou. E então, ele deu uma risada engraçada. _ Sim, nós éramos da mesma cidade. Não acho que pensei que fôssemos precisar de mais do que isso. Meus pais ficaram juntos por cinquenta anos—até meu velho morrer.

_ Meus pais ainda estão juntos, - Perry disse.

_ Você é filho único? Nick perguntou.

Perry balançou a cabeça e Nick também, como se estivesse confirmando seus pensamentos.

Eles comeram em silêncio por um tempo. Então Nick disse: _ Fiquei pensando sobre essa sessão espírita.

A boca de Perry retorceu, mas ele disse: _ Aposto que sei o que você vai dizer.

_ Ah, você sabe?

_ Você vai dizer que seria útil assistir a todos que participarem e que eu deveria concordar em ir.

_ Eu realmente acho que seria útil, - Nick disse. _ Fico pensando se tem mais alguma coisa por trás disso - algo além do Center ser um louco, quero dizer.

_ O que você quer dizer?

_ Se eu soubesse, não teria arrastado você comigo.

Perry sorriu, parecia não estar perturbado com a ideia de ser arrastado por Nick. Ele o encarava com seus cílios longos como se Nick fosse a pessoa mais fascinante da terra. *Flertando*, Nick pensou maravilhado. Talvez Perry não percebesse.

Ele disse: _ Você acha que alguém vai tentar perguntar para Shane Moran o que ele fez com as safiras de Alston?

Nick deu de ombros. _ Nada me surpreenderia naquele lugar. Quem será que sugeriu a sessão?

Perry disse devagar: _ Eu acho que Jane sugeriu. Acho que ela realmente gosta de Center. Ela deve estar pressionando a ideia de uma sessão para aproximar-se dele. Nunca a vi ter tanto interesse em fantasmas e no sobrenatural antes disso.

_ Aposto que não há dúvidas sobre como Watson morreu, não é? Nick perguntou.

Perry balançou a cabeça. _ Ele teve um ataque cardíaco na vila. Parece bem claro para min.

_ Parece o caso mais rápido de causa e efeito já registrado, - Nick comentou - o que parecia um pouco difícil, visto seus hábitos alimentares. Perry cobriu um sorriso com a caneca de cerveja.

Eles terminaram a refeição juntos e Nick acenou um tchau para os homens no bar.

As bebidas afetaram Perry enquanto ele ia para o carro. Ele tropeçou um pouco e disse: _ Cara, estou cansado. Sinto como se não tivesse dormido há uma semana.

Nick o pegou pelo braço e o conduziu até a *pickup*. _ Acho que você vai dormir hoje à noite.

Perry piscou e disse seriamente: _ Não podemos ficar na cidade hoje? Alugar um quarto de hotel?

_ Você está me cantando? Nick perguntou surpreso.

Perry riu. _ Quer experimentar? Ele sorriu fielmente para Nick.

Contra a vontade, Nick riu. _ *Not tonight, Josephine*. Temos uma sessão para ir, lembra-se?

Perry fez uma careta, embora não tivesse ficado claro se a careta foi por ter levado um não ou a lembrança de que ele iria conversar com o Grande Além.

Nick destravou a porta do passageiro e foi para o lado do motorista. Ele ligou o carro.

Saindo do estacionamento, ele olhou para Perry. Ele estava tão quieto que Nick pensou que ele tivesse dormido, mas ele estava sentado ereto, olhando sem expressão pela janela.

_ Você está bem?

Ele balançou a cabeça.

_ Olhe, - Nick disse. _ Nada vai acontecer a você enquanto eu estiver por perto, então relaxe.

_ Perry disse calmamente: _ Eu sei. Só estou pensando em como será quando você se for.

Capítulo Dez

A água estava alta e escura quando eles atravessaram a ponte. As luzes da Alston House brilhavam pelas árvores com a ilusão de aconchego. A chuva dos últimos dias havia deixado as árvores esqueléticas e totalmente brancas quando contrastadas com a lanterna do carro de Nick. Pilhas de folhas esfarrapadas estavam espalhadas pela terra molhada.

Eles estacionaram e andaram até a porta. Conversavam lado a lado e, talvez, Nick tenha pensado que Perry ainda estava um pouco instável – ele repousou a mão levemente nas costas de Perry.

_ Sem carros de polícia, - Perry disse, sendo cuidadoso para não mostrar que ele havia notado a mão de Nick um pouco acima do seu traseiro.

Com certeza o jardim estava livre de carros policiais. As luzes da casa brilhavam no andar de baixo. Mais luzes do que Perry lembrava ter visto alguma vez na velha mansão.

Nick disse: _ Parece que eles estão planejando uma festa.

Perry riu de forma nervosa enquanto abria a porta da frente.

O lustre balançou musicalmente com o vento de inverno. Jane, que usava uma túnica preta, veio cumprimentá-los. _ Aqui estão vocês! Achemos que nunca chegariam aqui. Ela os apressou em direção à sala de recreação pouco usada.

Perry disse: _ Janie, será que podemos pelo menos tirar nossos casacos?

_ Vocês podem tirá-los aqui. Todo mundo estava esperando.

_ Quem é todo mundo? Nick perguntou. Ele havia tirado sua mão das costas de Perry enquanto subiam os degraus da entrada, mas eles ainda estavam tão perto que seus ombros roçavam. Perry não sabia dizer se era acidental, ou se Nick achava que ele precisava de reafirmação.

_ Todo mundo, - Jane respondeu. Adicionando honestamente: _ Quer dizer, o que mais há para se fazer em uma noite como essa?

_ O que aconteceu com os policiais?

Ela fez uma careta. _ Teve um grande acidente perto da fronteira. Acho que eles precisaram de todos lá. Não é como se algo estivesse acontecendo por aqui.

_ Só assassinatos, - disse Perry.

Espantosamente, Jane disse: _ Tiny pode ter sido morto por caçadores. Ele pode ter se arrastado até aqui.

_ Você não está falando sério, - Perry disse.

Ela deu de ombros, sem olhar para ele.

As luzes haviam sido abaixadas quando eles entraram no quarto que servia para as reuniões do condomínio e como sala de recreação – uma sala de estar formal. Havia estantes cheias de livros usados, uma televisão velha que parecia nunca ter funcionado, uma mesa de jantar oval e pesada que era para ser usada para jogos. Dois grandes candelabros estavam no centro da mesa, jogando luzes incertas sobre o papel de parede gasto.

Havia três cadeiras vazias na mesa. Sr. Teagle, Miss Dembecki e Sra. MacQueen estavam todos presentes. David Center sentou-se à ponta da mesa, com o rosto virado atentamente para a porta.

Enquanto Jane escoltava Nick e Perry para dentro do quarto, Center anunciou: _ Os espíritos estão ansiosos para fazer contato hoje à noite.

_ Maravilhoso! Você se sentará perto de mim, Perry, - Jane instruiu.

O maxilar de Perry ficou tenso, e isso combinava estranhamente com sua cara de Christopher Robin. Nick disse calmamente: _ Perry ficará ao meu lado.

Perry olhou agradecido.

_ Bem! disse Jane, seu sorriso era um pouco forçado enquanto ela olhava para todos.

Perry e Nick sentaram-se nas duas cadeiras à mesa. Havia um silêncio estranho.

Sr. Teagle disse: _ Como está o rio, filho?

_ Não acho que vá inundar, - Perry disse. Sra. Mac sentou-se diretamente à frente dele. Ela o encarava. Ele deu um sorriso educado. Ele molhou os lábios e desviou o olhar, como se estivesse lembrando de um de seus cachorros desagradáveis.

_ Se todos pudessem dar as mãos, - David Center instruiu. _ A palma da mão direita fica para cima, para recebermos. A palma da mão direita fica para baixo, para transmitirmos.

Parecia o Além da Imaginação.

Perry deu as mãos para a Sra. Dembecki, à sua esquerda, e para Nick, à sua direita. A pequena mão da Sra. Dembecki estava fria como gelo – tão fria quanto a dele, Perry pensou. A mão de Nick estava quente. Ele apertou a mão de Perry com força e confiança, por mais que Perry não quisesse ficar lá, ele sentiu uma chama de felicidade.

Center disse: _ Para aqueles que nunca fizeram parte de uma sessão espírita, tenho de explicar algumas coisas. Não há nada de assustador ou misterioso ao comunicar-se com os mortos. Espíritos estão à nossa volta o tempo todo. Eles são parte do mundo natural, e se abriremos nossos corações e mentes, eles estão sempre querendo se comunicar.

Tardamente, Perry notou que Rudy Stein não estava à mesa. Era difícil imaginar Stein participando de uma sessão, afinal, era difícil imaginá-lo participando de algo.

Ele suspirou e, com o canto dos olhos, viu a boca de Nick retorcer.

Center disse: _ E uma sessão se resume a isso: A comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Essa comunicação é mediada por alguém chamado de médium. Hoje eu serei o médium enquanto tentamos falar com os espíritos que ainda estão nessa casa.

Jane estava sorrindo – radiante - para Center. Ele continuou falando seriamente sobre as várias sessões que ele havia conduzido e como todas elas foram simples e perfeitamente sem perigo. Tudo em um dia. Se seu emprego for no plano astral.

Perry disse: _ Como vamos contactar o espírito do homem na minha banheira, se nem sabemos o nome dele?

_ Perry! Não interrompa, - disse Jane.

Nick disse: _ Talvez possamos descrever o que ele vestia da última vez que foi visto. Seus olhos foram em direção aos de Perry.

Perry relaxou, mordendo os lábios.

_ Eu entendo que o nervosismo pode resultar em falta de seriedade, - Center disse – mas os espíritos não gostam de ser zombados. Agora preciso que vocês fiquem em silêncio enquanto abrem seus corações e mentes...

Ninguém disse nada. Perry fechou os olhos. Ele pôde sentir a Sra. Dembecki respirando rapidamente ao seu lado. Sua mão ainda estava fria, e ela tremia um pouco. Com certeza *estava* frio no quarto. A casa era sempre muito gelada. Por outro lado – literalmente – ele podia sentir o calor e a presença sólida de Nick Reno.

Ele abriu os olhos. Nick olhou para ele. Fez uma careta. Todos à mesa estavam com os olhos fechados, os rostos concentrados. Perry mordeu os lábios para segurar uma risada inapropriada. Mas Center estava certo, ele *estava* nervoso.

_ Perry, - Center disse de repente. Perry levou um susto. _ Tente visualizar o homem que você viu. Tente lembrar como era seu rosto.

Perry fechou os olhos e então os abriu. Ele ficaria tão feliz em não lembrar da face esverdeada, os olhos brancos debaixo das pálpebra entreabertas... Era impossível imaginar como o homem era em vida. Era bem mais fácil lembrar do tecido daquele blazer xadrez e as meias amarelas berrantes.

O quarto estava muito quieto.

A mente de Perry começou a divagar. Perry não conseguia evitar. Ele não acreditava em fantasmas e, mesmo que eles existissem, ele não queria de modo algum chamar a atenção.

_ Você está aí? Center perguntou suavemente, e, por um momento, Perry pensou que Center estivesse falando com ele. _ Você está aí? Você deseja falar com alguém aqui?

Ninguém disse nada, mas o silêncio tornava-se tenso.

_ Eu sinto uma presença, - Center disse de repente.

Perry observou o círculo de rostos. Sr. Teagle estava muito pálido, seu rosto transpirava na luz de velas. O rosto de Jane estava tenso de tanta concentração. Os olhos da Sra. Mac abriram-se. Ela encarou Perry sem expressão, e então fechou os olhos como a Esfinge acomodando-se para dormir.

Center disse com sua voz baixa e hipnótica: _ Por que você veio até aqui? O que você deseja nos contar? Com quem você deseja falar?

E então, como se respondesse a si mesmo, Center disse em com uma voz aguda, fina e feminina: _ Shane! Onde está você? Por quê -

_ *Tem alguém no espelho,* - A Sra. Dembecki gritou aterrorizada. Os olhos se abriram, as cabeças levantaram, todos viraram para o espelho que estava acima da lareira.

Por um momento, iludido pelas sombras criadas pelas velas, Perry também pensou ter visto um reflexo de uma pessoa no espelho. A silhueta era confusa, mutável...

A mão gelada que o apertava, relaxou de repente e a Sra. Dembecki caiu no chão, desmaiada.

* * * * *

_ Shane! Volte, Shane! Nick zombou em falsete.

Perry deu um leve sorriso e pegou a caneca de chocolate que Nick ofereceu.

Eles estavam de volta ao apartamento de Nick por causa do final brusco e dramático da sessão. A Sra. Dembecki retornou do desmaio em alguns segundos, mas logo após, começou a chorar histericamente. Jane e a Sra. Mac tiveram de acalmá-la e colocá-la na cama.

_ Realmente parecia que alguém estava atrás do espelho, - Perry disse enquanto Nick deitava-se no sofá.

_ Uma mulher, - Nick concordou. _ Eu também vi. Era o reflexo do quadro da parede oposta.

Perry ficou boquiaberto e depois riu. _ Sou um tolo.

_ Não. Você só é mais imaginativo e mente aberta do que eu.

Perry deu um gole no chocolate. Estava muito quente. Sem marshmallows, mas ele sentiu um pouco de canela e, definitivamente, um toque de alguma coisa alcoólica. Uísque? Brandy? Ele disse: _ Você tem de admitir que foi meio estranho o modo como Center mudou a voz. Ele realmente parecia uma mulher.

Nick deu de ombros. _ É um dos truques do trabalho, ser capaz de brincar com a voz, mudá-la.

_ Você não acha -

_ Não, não acho, - Nick respondeu.

Perry balançou a cabeça. _ Eu sabia que seria perda de tempo. Ele tomou outro gole de chocolate.

_ Eu não sei, - Nick disse pensativamente. _ Gostaria de saber o que Stein estava fazendo enquanto todos nós estávamos juntos no quarto com a imitação do Chico Xavier.

_ O que você acha que ele estava fazendo?

Nick balançou a cabeça.

_ Não sei o que nenhum de nós estava fazendo, sério, - Perry disse. _ Exceto Janie. Ela tem alguma coisa com Center, isso é óbvio.

_ É, ela parece bem afim do cara, - Nick concordou. _ E Center... não sei ao certo, mas acho que ele acredita na própria baboseira.

_ A Sra. Dembecki acredita com certeza, - Perry disse. _ Ela não estava fingindo. Ela estava aterrorizada. Foi um desmaio verdadeiro.

A Sra. Dembecki parecia uma boneca de pano, flexível e branca. Não tinha como fingir.

_ Sim, e isso é interessante também, - Nick disse. _ Especialmente por que você me disse que ela esteve vasculhando o gazebo. Ela mora aqui há quanto tempo?

_ Por anos, eu acho. Ela, o Sr. Teagle e a Sra. Mac moram aqui há mais tempo.

Perry tomou o resto do chocolate e Nick disse: _ Você dorme na cama hoje, garoto. Você precisa descansar bastante.

_ Sabe, eu não tenho doze anos, Nick, - Perry disse.

_ Ei, se você tivesse doze anos eu o faria dormir no sofá, - Nick disse. _ Aproveite a cama hoje à noite.

Perry o estudou com uma seriedade incomum, depois pegou suas coisas e foi tomar banho. Quando ele subiu na cama de Nick, os lençóis e a fronha tinham o cheiro dele. Ele fechou os olhos e deixou que o som da chuva o carregasse para o esquecimento confortável.

* * * * *

Nick esperou até ouvir a respiração suave e uniforme de Perry. Fechando a porta do quarto, ele pegou a pistola e foi até o corredor.

Não havia nenhum sinal de pessoas. As cortinas iam e voltavam com as correntes de ar, as plantas mortas moviam-se com a brisa.

Nick desceu as escada em silêncio; a casa parecia estar vazia.

No segundo andar, ele escutou. E então moveu-se silenciosamente. Ao parar na porta de Center, ouviu apenas silêncio. Havia a possibilidade de Center estar no apartamento de Bridger.

Não havia luz e nem som vindo do apartamento de Stein.

A porta do quarto de Watson estava fechada com a faixa da policial, mas nada impedia Nick de usar as chaves de Perry para entrar.

Sem fazer barulho, fechou a porta atrás de si. Sua lanterna iluminava partes do apartamento, encontrando uma garrafa de vinho pela metade na mesa de centro, ao lado de um caderno de desenhos - olhos penetrantes em um rosto angular que pareciam tão suspeitos como o seu próprio rosto desenhado no papel.

Ele foi até o quarto. A luz branca da lanterna iluminou os cartazes dos quadrinhos com mulheres sensuais em vestidos exóticos. As roupas de cama estavam bagunçadas, o despertador no chão, ao lado da cama. As portas do armário estavam abertas e havia o contorno de giz onde o corpo de Tiny estivera quando caiu do guarda-roupas.

Ultrapassando o contorno, Nick passou os dedos no fundo do armário.

Parecia bem sólido. Ele não tentou bater, embora tivesse a tentação de deixar que Center pensasse que seus colegas do mundo espiritual estivessem lá para dizer oi. Ele colocou apoiou o ombro e empurrou.

A parede não cedeu, exatamente, mas Nick sentiu algo oco atrás do painel.

Ao ajoelhar, ele tateou até a parte de baixo, e parecia ter uma ponta afiada na junção entre a parede e o chão. Ele apontou a lanterna para a junção da parede, seguindo a linha e tateando por detrás da prateleira na parte superior do armário. E estava ali. Um pequeno fecho. Ele pressionou e a porta abriu

alguns centímetros, revelando a entrada escura de algo que seria, definitivamente, uma passagem entre os quartos.

Nick passou a lanterna pelas junções e pelo chão rústico, desaparecendo na escuridão.

Ele tateou ao seu redor, encontrou um dos sapatos de Watson e passou pela entrada, abaixando-se o suficiente para calçar a porta e evitar que ela fechasse por inteiro.

Ele apontou a lanterna para frente e a passagem traseira parecia aumentar infinitamente.

A porta fechou-se com um clique. Nick olhou para trás. O sapato evitou que a porta fechasse por inteiro. Um quadrado de luz formou-se na parede, iluminando uma lanterna suja. Nick virou-se e o quadrado de luz foi ficando cada vez menor.

* * * * *

Ainda não estava claro quando Perry acordou. Alguma hora da noite, Nick teria dito. O relógio mostrava cinco e meia.

Por alguns momentos ele ficou deitado, piscando sonolento, tentando encontrar-se no ambiente não familiar. Ele lembrou-se que estava na cama de Nick – sem Nick, infelizmente.

E algo o havia acordado.

De novo. Perry sentou-se. Ele não estava sonhando. Ele não estava imaginando aquele barulho de arranhões. Ratos no telhado de madeira? Era muito provável. O único gato da casa era o da Jane, e, de acordo com ela, ele nunca demonstrou interesse em nada que pudesse ser aberto com um abridor de latas.

Havia... não exatamente um som de roedores, mas... algo estava se movendo atrás da parede. Algo maior que um rato. Maior que um gato. Algo grande...

Perry saiu do quarto e foi até a sala de estar.

Na luz lúgubre, ele pode identificar os lençóis e o travesseiro dobrados em cima do sofá. Não havia sinal de Nick.

Aturdido e ainda sonolento, Perry tentou racionalizar. Ele lembrou-se de Nick investigando sozinho na noite em que Perry encontrou o cadáver na banheira. Ele começou a procurar pelas chaves. Elas haviam sumido.

Perry xingou. Qual era o problema do Nick? Ele morreria se pedisse ajuda – ou pelo menos discutisse os planos? Para um cara prático, Reno não demonstrava ter tomado a melhor decisão sem ter certeza de ter algum tipo de apoio.

Pois, provavelmente, ele não achava que Perry servisse de apoio, e talvez Perry não fosse um marinheiro da SEAL, mas ele sabia como ajudar se Nick precisasse.

E se Nick estivesse desaparecido há muito tempo, havia grandes chances dele *precisar* de ajuda.

Ele voltou para o quarto e colocou as calças, os sapatos e saiu do apartamento de Nick, deixando a porta destrancada caso ele não tivesse sorte para encontrá-lo.

Já vestido, foi até o outro lado do corredor para verificar seu quarto, caso Nick estivesse por lá, mas a porta estava trancada – o que era duplamente irritante. Ele não poderia entrar no próprio apartamento se quisesse.

Perry foi silenciosamente para o segundo andar. O cheiro de comida saía dos aposentos de David Center, enchendo o saguão embolorado com o cheiro de mirtilo quente.

Ao ouvir algo na entrada, ele olhou para baixo a tempo de ver a Sra. Dembecki saindo pela porta da frente, furtiva e sem fazer barulho. Ele considerou ir atrás dela, mas a necessidade de encontrar Nick e ter certeza de que ele estava bem era mais forte.

Ele continuou descendo sem fazer barulho e examinou as faixas imponentes da cena do crime na porta de Watson. De alguma forma ele sabia que Nick não acharia aquelas faixas tão assustadores como ele achava.

Ele tentou virar a maçaneta.

A porta abriu.

Perry repartiu as faixas amarelas e entrou. Era difícil enxergar na escuridão – as cortinas estavam fechadas – e o cheiro era das químicas não familiares que os peritos haviam usado na cena do crime.

– Nick? Ele chamou suavemente.

Não houve resposta. Ele achou que não estivesse esperando por uma. Olhando ao redor, ele gelou ao ver seu caderno de desenhos aberto – e o rascunho mal feito do rosto de Nick. Os policiais devem ter vasculhado suas coisas. Felizmente, Nick não tinha visto *aquilo*. Ele ficaria mais desconfortável ainda.

Perry entrou no quarto e ligou as luzes, confiante de que, com as cortinas fechadas, ninguém saberia que ele estava dentro do apartamento. A porta do armário abriu.

Algo não estava certo...

Primeiramente, Perry achou que o cabideiro havia quebrado, mas então ele percebeu que era uma ilusão que as sombras faziam no interior do compartimento. O fundo do armário parecia estar desalinhado.

Cuidadosamente, com um olho no contorno de onde Tiny havia morrido, ele entrou no armário. Sim, o fundo do guarda-roupas era, na verdade, uma porta. Uma porta bem sólida. Ele sentiu o contorno – dez centímetros de madeira grossa e sólida. Algo a mantinha aberta. Seu olhar foi até o sapato preso entre a parede e a porta, seu coração parou.

Couro marrom e barato com um buraco na sola. Era o sapato que usado pelo cadáver na banheira de Perry.

Seu coração começou a bater forte com emoção e agitação.

Assim como ele havia pensado – bem, sugerido – *havia* uma passagem secreta na casa.

Perry empurrou o painel do fundo, tomando cuidado para não mover o sapato que a mantinha aberta. Encarando o que parecia ser uma parede escura, parou. Ele precisava de uma lanterna.

Ele havia visto uma em algum lugar no apartamento de Watson.

Perry abaixou-se e passou pelas roupas que ainda cheiravam ao tabaco de Watson e pós-barba e começou a procurar, até que, do outro lado da cama, ele finalmente encontrou uma lanterna pesada que parecia funcionar.

Preparando-se, retornou ao armário e empurrou a porta, inclinando-se suficientemente para colocar o sapato no mesmo lugar. Ele ligou a lanterna.

Grandes teias de aranha flutuavam gentilmente. Poeira cobria tudo, como se fosse um veludo cinza. Na verdade, ele podia ver pegadas na poeira que iam em direção à escuridão total.

Ótimo. Frio, úmido e empoeirado. O triunvirato da asma. Ele pegou seu lenço e cobriu a boca. Sentiu a bombinha no bolso, reassegurando-se. Ele estava bem. Ele podia fazer isso.

Apontando a lanterna para baixo, Perry começou a seguir as pegadas no tapete de pó.

Às vezes uma tábua rangia sob seus passos silenciosos. Ele estava infelizmente ciente de que ele e Nick poderiam não ser as únicas pessoas que se moviam pelas entranhas da mansão. Com certeza agora ele sabia como o corpo do homem morto em sua banheira foi transportado. Alguém usava essa rede de túneis e passagens como seu meio de transporte privado.

E se Nick tivesse encontrado essa pessoa? Com certeza, o fato dele ter sumido a noite toda não trazia boas notícias.

Enquanto Perry caminhava, ele tentava encontrar pontos de referência, caso fosse difícil encontrar o caminho de volta; rapidamente os túneis estreitos eram aparentes, a casa parecia uma toca de coelho. Quantos anos elas tinham? Parecia que algumas partes das passagens estavam mais acabadas do que outras, o que indicava que algumas das partes mais antigas eram parte da estrutura original, enquanto que adições tardias podem ter acontecido durante as muitas extensões para a fazenda – ou até mesmo na época das renovações de Henry Alston. Certamente, esses túneis seriam úteis para as festas de Alston.

Gerações de túneis... quem em Alston Estate sabia delas? A Sra. Mac? Ela gerencia a pensão há anos. O Sr. Teagle tem parentesco com os atuais donos da casa. Mas os donos da casa sabiam sobre essas passagens? Quando a última renovação foi feita—quando a adaptação dos quartos em apartamentos ocorreu, os contrutores teriam notado e mencionado essas passagens interiores e túneis.

Mas se o Sr. Teagle e a Sra. Mac soubessem das passagens, eles, definitivamente, teriam dito que não sabiam.

Bruscamente, Perry chegou a um túnel sem saída.

Ele apontou a lanterna para a parede. E estava ali. Uma pequena brecha na parte superior da porta. Ele pressionou. A porta voltou, quase o acertando. Ele viu um lampejo de camisas de seda e casacos de lã bem dobrados. O armário de David Center.

Ele tinha conseguido andar em círculos. Talvez isso explicasse o que Nick fez a noite toda.

Perry pressionou a fenda, fechando a porta rapidamente, e virou-se para o outro lado.

Dessa vez ele prestou atenção na direção em que se movia, tomando nota quando passava pela luz que vinha do quarto de Watson, passando por ela e andando por, aproximadamente, cinco minutos até que ele chegou em uma escada de madeira. A passagem havia ficado notavelmente mais estreita e só havia espaço para as escadas que levavam à nada.

Ele as desceu cuidadosamente, contando - cinquenta degraus e então uma curva e outro túnel apertado – um trecho plano com chão de pedra pelo qual ele passou rapidamente – e então, mais degraus que levavam à uma passagem iluminada, como a do segundo andar.

Era bem mais frio aqui. Ele teve a impressão de estar lá fora – no subsolo talvez. Se ele ainda estivesse dentro da casa, ele não tinha ideia de onde estaria, embora ele soubesse que poderia voltar -

O barulho de passos surgiu a alguns metros. Ele notou que alguém estava vindo em sua direção. Seu coração ficou leve, achando que fosse Nick, mas então, algum instinto o segurou. Ele desligou a lanterna e escutou.

Nick estaria andando tão rápido e confiante?

Os passos pararam e Perry ouviu algo... batendo. Não... batendo de leve. A pessoa à sua frente estava testando os painéis, procurando algo. Outra porta? Um esconderijo?

O que quer que fosse, deu a Perry a chance de retornar. Quem quer que estivesse usando essas túneis, provavelmente já tivesse matado duas pessoas para proteger o segredo.

O mais quieto possível, ele tateou o caminho, mentalmente retomando seus passos. Nessa junção ele tinha ido para a direita... agora iria para a esquerda...

Ele continuou até que o som de batidas sumisse por trás dele. Chegando às escadas, ele subiu, uma mão na frente para guiá-lo e outra segurando a lanterna para usá-la como uma possível arma se necessário.

Inesperadamente ao chegar no topo da escada, sua mão tocou tecido e pele. Uma luz clara focou seus olhos, o cegando momentaneamente. Ele colocou uma mão para cima, instintivamente, mas foi apanhado e jogado pelas escadas.

Mas a escada era tão estreita que suas pernas e braços fizeram com que ele evitasse o acidente. Ao ouvir os passos pesados o seguindo, Perry virou-se e desceu as escadas engatinhando e caindo. Ao chegar no inal, ele pulou e correu pela passagem até bater em outra sala de estar pequena.

Perry gritou.

Mãos segurando seus ombros. _ Perry! Sou eu.

A voz de Nick cortou o pânico e Perry parou de lutar. *Era Nick.* Como a resposta para suas orações. Era o calor, a força e a segurança e tudo o que ele sempre quis em forma humana.

Os braços de Perry fecharam-se ao redor de Nick. _ *Nick.*

_ Qual o seu problema?

Havia um problema, isso era certo. Perry balbuciou várias palavras abafadas no ombro de Nick.

_ O que? O que você está fazendo aqui? Depois de hesitar, Nick colocou seus braços ao redor de Perry. _ Shh. Seus lábios encostavam na orelha de Perry. Era uma orelha pequena e delicada. Lembrando Nick de... que? Conchas? Arabescos? E estava gelada. O garoto tremia como vara verde – e por que ele não estava usando uma jaqueta de novo?

_ Ele tentou me matar, - Perry disse em seu pescoço.

Nick bufou. _ Quem?

_ Eu não vi. Eu não sei dizer. Ele colocou a lanterna na minha cara e me empurrou da escada.

Nick pensava rápido, preparando-se para agir até mesmo quando disse: _ Jesus. Você está machucado? Ele passou as mãos pelo corpo trêmulo de Perry.

Perry balançou a cabeça. _ Eu deixei minha lanterna cair. E o meu lenço.

_ Seu – Nick deixou passar. Perry estava andando e consciente, então ele provavelmente estava bem. Apenas chocado. Nick também estava chocado – e furioso. Pensar naquele assassino bastardo indo atrás de Perry o fazia querer matar.

Ele disse bruscamente: _ Se você não está machucado, recomponha-se. Mas antes, ele deixou-se levar e recostou sua bochecha no cabelo suave e arrepiado, antes de soltar-se de Perry, afastando-se, pegando a arma. _ Fique atrás de mim.

_ Ele pode estar esperando por nós, - Perry disse.

_ Ótimo, - Nick disse, sorrindo. _ Porque eu com certeza estou indo atrás dele. Ele já estava cansado desse rato escorregadio escapando pelas passagens toda vez que eles chegavam perto.

Ele foi em direção à escada, movendo-se silenciosamente, mantendo-se de lado. Sua visão noturna era muito boa, mas era como uma caverna lá embaixo e seus sentidos estavam funcionando para guiá-lo com segurança.

Em alguns lugares havia lanternas penduradas nas colunas - ainda havia algumas, mas elas não eram tocadas há anos.

Seu foco estava na sua presa, mas ele estava consciente da proximidade de Perry. A respiração do garoto era rápida e tensa, e Nick sabia, antes mesmo de encontrarem a escada vazia, que ele teria de abandonar a missão e levar Perry de volta para o calor e a segurança.

_ Fique aqui. Ele pegou Perry pelo braço, movendo-o com segurança para o lado antes de ligar sua lanterna. Ele iluminou os arredores.

A lanterna de Perry estava no final da escada. A luz da lanterna de Nick passou pelos degraus. O lenço de Perry estava no topo. Não havia sinal de pessoas.

Quem quer que fosse o inimigo, ele deveria preocupar-se com a descoberta. Ele provavelmente já havia voltado para seu apartamento e estava pensando em como fazer com que todos na casa soubessem que ele não estava andando pelas passagens secretas e empurrando pessoas escada abaixo.

Ou ele poderia estar esperando por eles alguns metros à frente.

Se Nick estivesse sozinho, não há dúvidas do que ele faria, mas ele não podia arriscar a segurança de Perry.

Ele pegou a lanterna de Perry. _ Venha, - ele sussurrou e direcionou o garoto de volta à entrada.

_ O que é isso? Perry perguntou, e Nick estava obscuramente feliz por que o garoto parecia calmo. Tenso, mas calmo. Muito disso era confiança em si mesmo, mas muito também vinha de Perry. Ele não foi feito para isso, mas também não estava desmoronando.

Nick disse: _ Acho que tem uma saída por aqui. Estava tentando abrir quando ouvi você.

Eles voltaram até encontrarem o local onde Nick estava antes. Ele iluminou a parede.

_ Sente a corrente de ar? ele murmurou. _ Tem uma brisa vindo daqui.

Perry murmurou com assentimento.

Nick bateu a parte de cima da parede, mas não havia trinco.

_ Ali, - Perry disse de repente, apontando.

Havia um trinco muito mais primitivo perto da parte de baixo da parede.

_ Essas trancas foram todas limpas e lubrificadas, – ele disse por cima do ombro.

_ Sim, - Perry disse. _ Alguém está usando esses túneis com frequência.

Nick pegou o trinco, pressionou e a porta se abriu.

Eles estavam vendo um lago dentro do que parecia ser um celeiro em ruínas. Havia ripas quebradas no teto acima deles. A luz fria e cinza do dia deixavam retângulos pálidos na água parada e escura.

Vários pedregulhos saíam da água. Gelo pulerizava a terra que circulava a água parada.

_ Nós estamos no antigo *icehouse*, Perry disse. E então sua respiração tornou-se irregular.

Nick o olhou e seguiu a direção do olhar aflito. Demorou um pouco para que seus olhos entendessem a forma pálida, brilhando na água.

Um homem estava de bruços. Seu cabelo estava encharcado e cheio de lama, ele usava um blazer xadrez amarelo e marrom. Sem sapatos, seus pés molhados flutuavam gentilmente usando meias amarelas e berrantes.

Capítulo Onze

Perry disse calmamente: _ Talvez agora alguém acredite em mim.

_ Deve funcionar, – Nick concordou. Ele colocou uma das mãos nos ombros de Perry, guiando-o até um dos pedregulhos nas bordas da água. _ Você fique aqui; Vou chamar a polícia.

Perry, que começou a sentar-se, pulou rapidamente. _ Não vou ficar aqui!

Nick tentou ser paciente. _ Alguém precisa ficar. Você quer correr o risco de entrar com seu amigo do túnel?

Perry cruzou os braços, sua expressão era de provocação. _ Ele pode aparecer enquanto você chama o xerife.

Nick deu sua arma à Perry. _ Aqui está a segurança. Você aponta e aperta até o cara parar de se mexer. Mire no meio dele.

Perry pegou a arma sem ao menos olhá-la. _ Por que alguém tem de ficar?

_ Porque esse corpo já desapareceu uma vez.

_ Deixe que ele desapareça. Eu não me importo mais! A voz de Perry oscilou. Nick manteve sua posição.

_ Foster, deixe disso. Alguém precisa ficar. Eu não tenho tempo de discutir com você.

Aquele tom frio foi como um tapa. Perry encarou Nick, e então concordou com a cabeça.

Nick virou-se e foi em direção à grande porta de madeira da *icehouse* e empurrou-a. A porta abriu alguns centímetros, mas depois voltou. Nick xingou.

_ Está trancada, - Perry o informou laconicamente. Ele sentou-se na pedra e fitou sem expressão, o corpo na água.

Nick acenou com a cabeça, voltando. Ele examinou Perry e disse: _ Não vou demorar.

Perry o fitou pouco amigável.

Nick foi em direção à porta aberta da passagem secreta.

Tudo ficou quieto depois que seus passos sumiram.

Perry abraçou a si mesmo por causa do frio. Sua respiração pairava na penumbra. Ele deveria ter colocado uma jaqueta, claro, ou ao menos um moletom, mas ele não havia planejado nada disso.

Minutos se passaram. Ele tentava olhar para todos os lugares, menos para o cadáver na água, mas seus olhos continuavam sendo atraídos para o corpo. Ele nunca tinha visto um cadáver antes de mudar-se para o Alston Estate. Agora, ele havia visto dois em uma semana.

E há menos de uma hora, alguém havia tentado matá-lo.

Claro, uma queda nas escadas não o teriam matado, mas a intenção de machucá-lo estava presente – ele havia sentido.

Seu peito estava apertado, ele podia sentir a tosse se aproximando. Ele pegou a bombinha e apertou, respirando com cuidado. Ele estava bem, de verdade, apenas bravo com Nick por tê-lo deixado lá; ele tinha certeza de que o homem que o havia atacado já havia ido embora.

Ele tentou pensar se havia alguma pista que o levasse ao seu agressor. Fechando os olhos, tentou lembrar-se dos momentos aterrorizantes. A luz em seus olhos o cegaram, mas quando o homem o agarrou... Perry teve a impressão de ser alguém mais alto, certamente mais robusto que ele. Mas havia um pouco de maciez. Quando ele agarrou-se ao agressor, tentando não cair, ele apertou algo macio, flácido -

bem diferente de Nick, que estava em forma e tinha músculos. Center era alto e magro – e essa pessoa não era magra, definitivamente.

Teria de ser outra pessoa. O cheiro de tabaco? Ele não tinha certeza. Foi uma impressão tão passageira.

O quão longe eles estavam da casa principal? Longe o suficiente para que ninguém ouvisse seu grito de socorro.

O frio e a escuridão da *icehouse* começaram a afetá-lo; o murmúrio suave da primavera soava como um respiração mortal. Ele começou a sentir vertigens e imaginou-se desmaiando, caindo da pedra e afundando no lago. Quando Nick voltasse com o delegado, eles encontrariam dois cadáveres – e cuidariam deles.

Na verdade, provavelmente dez minutos haviam passado antes da corrente balançar na porta de madeira da *icehouse*.

Perry levantou-se, deixando de lado sua bombinha e pegando a arma, preparando-se para... ele não fazia ideia do que.

A porta abriu e Nick ficou parado, iluminado pela luz pálida da manhã.

_ Certo? ele disse.

_ Onde está o delegado? Perry perguntou, abaixando a arma. Seus dentes começavam a bater.

Nick foi até a pedra.

_ Achei que você preferisse que eu não esperasse pelo delegado. Ele tirou sua jaqueta e a deu para Perry, que a aceitou com gratidão, devolvendo a arma. _ Por que você não colocou um casaco? Garoto, você está louco?

_ Eu não esperava... - ele colocou a jaqueta mal sentindo as próprias mãos.

Nick colocou a MK23 na parte de trás do cinto. _ Feche o zíper. Ele foi até Perry e fechou o zíper da jaqueta. _ Você precisa conservar o calor do corpo.

Perry balançou a cabeça. Seu peito estava apertado e coçava. Quanto mais ele ficava no frio úmido, mais difícil era para respirar, mas ele não estava prestes a admitir isso para Nick.

Mas talvez Nick soubesse, pois estava olhando seriamente para os olhos de Perry. Suas mãos eram pesadas e quentes contra os ombros de Perry, e, por um segundo, elas o apertaram e Perry pensou que Nick iria beijá-lo.

Em vez disso, Nick o soltou, virando-se.

Perry disse brevemente: _ E, aliás, eu não sou um garoto.

_ O que?

_ Você disse ‘Garoto, você está louco?’ Mas eu não sou um garoto. E o quão louco foi ter saído sem me avisar – sem avisar ninguém – sobre o que você estava fazendo na noite passada?

_ Como você me encontrou? Nick perguntou, sem responder às perguntas de Perry.

Perry respondeu e Nick disse: _ Nada mal.

_ Obrigado. Mas como eu te encontrei por acidente, não acho que isso conte. E, aliás, Philip Marlowe, - Perry continuou brevemente - o sapato que você usou para segurar a porta era o sapato do meu quarto. O sapato que *ele* estava usando. Ele acenou com a cabeça para o cadáver flutuando na água.

_ Você está falando sério? O desgosto de Nick era confortante.

_ É, não se sinta mal, - Perry disse gentilmente. _ Afinal, você só o viu uma vez.

Claro, Perry também só havia visto uma vez também. Nick abriu a boca, olhou para Perry e bufou. _ Espertinho.

E Perry sentiu-se um pouco melhor.

O delegado demorou uma hora até aparecer. Eles apareceram com muitas pessoas, o suficiente para prender Bonnie e Clyde, uniformes inundavam o prédio em ruínas, dando direções uns aos outros e depois corrigindo as direções com mais direções.

Perry e Nick foram escoltados para o lado de fora e interrogados – se é que podemos chamar aquilo de interrogatório. O delegado Butler ficou na defensiva por ter ignorado o primeiro encontro com o corpo - e por não ter notado a porta secreta no armário onde o outro cadáver foi encontrado.

_ Você tem certeza que não conhece a vítima? ele perguntou a Perry pela terceira vez.

_ Eu não o conheço. Nunca o vi antes dele aparecer em minha banheira.

_ Por que escolher a *sua* banheira?

Perry respondeu pacientemente: _ Porque era para eu estar fora da cidade.

Butler, obviamente, havia esquecido desse pequeno fato, e o fato disso o irritar pôde ser visto no modo como ele ordenou Nick para mostrar a entrada da passagem secreta.

Nick levou Butler de volta para a *icehouse*, e o delegado e seus policiais entraram no túnel para investigar.

_ Vamos, - Nick disse para Perry, saindo novamente.

O sol fazia um esforço determinado para jogar um pouco de calor sobre o jardim lamacento. Um tordo-comum – atrasado em fugir do inverno – estava cantando docemente no meio de um arbusto.

Perry e Nick andaram de volta até a casa. Perry disse – sem muita convicção - _ Isso deve ser o fim, você não acha?

Nick livrou-se de sua preocupação. _ Por que você acha isso?

_ Bem, quem quer que seja o lunático, ele terá de desistir agora.

_ Eu não acho que ele vá desistir. Ele matou duas pessoas até agora.

_ Mas agora que todos sabem sobre os túneis - agora que o delegado sabe -

Nick disse severamente: _ Odeio estragar a festa, mas os policiais podem começar a suspeitar de você.

_ Eu?

_ Pessoas que descobrem corpos são sempre suspeitas.

_ Por que elas seriam?

_ Porque fingir que você encontrou o corpo de alguém, depois de matá-lo, é um dos truques mais velhos.

Perry não disse nada, franzindo a testa enquanto pensava.

_ Tente ver do ponto de vista do delegado, - Nick disse. Há várias coincidências suspeitas aqui. O cadáver estava, originalmente, em seu apartamento -

_ Mas ninguém acreditou em mim.

_ E então você encontra Tiny. Ele praticamente morre em seus braços.

_ Mas ele levou os tiros horas antes. Talvez até no dia anterior.

_ Ninguém o viu depois que ele deixou você no apartamento de Watson.

_ Mas você estava comigo.

Nick deu de ombros.

_ Por que eu mataria Tiny? Por que eu mataria alguém? Eu não tenho um motivo. Ou uma arma.

_ Motivo é uma consideração secundária. Os policiais procuram por meios e oportunidades primeiro.

_ Isso não faz sentido. Motivo é a coisa mais importante. Não tenho *motivo* algum para querer alguém morto.

Nick disse calmamente: _ Motivo é muito subjetivo. O que uma pessoa considera como um bom motivo para matar, pode não fazer sentido para outro alguém. Há pessoas que matam porque elas não querem perder a custódia dos filhos, dividir os lucros, ir para a cadeia por roubo, ou porque eles foram pegos assaltando uma casa ou porque eles querem a esposa de alguém - ou carro.

Perry mordeu os lábios. _ Você realmente acha que sou um suspeito?

Nick olhou para ele. O perfil de Perry era atipicamente difícil. _ Só se eles forem completos idiotas – mas eu não vi provas de que eles não são.

Perry balançou a cabeça, fatigado, e Nick pensou: *Ah, mas que droga*. Ele colocou os braços sobre os ombros de Perry e o abraçou forte e breve.

O sorriso que Perry deu quase o deixou sem fôlego. Mas quando Perry falou, foi mundano o suficiente. _ Quanto você acha que essas jóias valeriam hoje?

Nick balançou a cabeça. _ Se fosse uma fortuna em jóias, acho que seria a recompensa dos deuses. Aquelas coisas têm um valor considerável. Assumindo que, aonde quer que o saque esteja, ele ainda esteja intacto.

Perry sabia que Nick estava pensando que as jóias poderiam estar no fundo do lago na *icehousei* – ou espalhados pelo jardim e floresta. Tudo era possível.

* * * * *

Eles voltaram ao apartamento de Nick, e Nick foi imediatamente para a cozinha, fazer o café da manhã.

_ Tudo bem se eu for tomar um banho? Perry perguntou. Seu peito estava apertado e coçava novamente, mas ele não queria usar sua bombinha – ele não poderia substituí-la em breve, e só tinha uns cinquenta usos restantes. Do jeito que as coisas estavam, ele gastaria os cinquenta usos facilmente nos próximos dias.

_ Fique à vontade, - Nick disse.

O vapor ajudou, ou talvez fosse apenas o calor da água. Sentindo-se culpado, Nick ficou no banho por mais tempo do que deveria, usando toda a água quente de Nick, mas quando ele saiu do banheiro em uma nuvem de vapor, senti-se bem melhor – embora exausto.

Eles tomaram café da manhã – panquecas – cobertas com manteiga e encharcadas em calda de maçã, a especialidade de Vermont.

Eles conversaram um pouco e então Nick disse: _ Vou tirar um cochilo. Por que você não volta para a cama também?

Perry abriu a boca para sugerir que se Nick quisesse ficar de olho nele, eles poderiam compartilhar a cama – o abraço e o modo como ele viu Nick olhando para ele das últimas vezes o fez sentir esperança de que Nick possa ser mais receptivo do que ele havia pensando – mas Nick estava com a expressão de um cara durão, seus pensamentos claramente estavam em outro lugar e Perry não tinha certeza se queria ser rejeitado.

Ele percebeu que havia ficado mais de vinte e quatro horas sem pensar em Marcel. Mas se a solução para Marcel fosse Nick, a cura poderia ser pior do que a doença.

Perry dormiu desconfortavelmente – ele não estava acostumado a cochilar ou dormir durante o dia – e ele acordou de um sonho onde ele estava de volta na passagem secreta, olhando para a luz brilhante. Só que, dessa vez, a luz foi seguida de um tiro.

Ele sentou-se.

Ao levantar-se da cama, foi até a sala de estar. Nick estava enrolado em um lençol. Sua expressão era calma e enigmática enquanto dormia. Seus braços estavam cruzados – tão reservado quanto quando os reis do antigo Egito se acomodavam para uma noite longa de sono no inverno. Perry o examinou curiosamente.

Os olhos de Nick abriram e ele pegou a arma embaixo do travesseiro antes de notar que era Perry quem estava em pé à sua frente.

_ O quê você está fazendo? Ele abaixou a arma.

Sentindo-se um idiota, Perry disse: _ Eu só estava olhando para ver se você estava acordado.

_ Da próxima vez tente dizer 'Ei, Nick, você está acordado? É menos provável que você tenha sua cabeça estourada. Mas, apesar da reclamação, Nick não parecia estar aborrecido. Ele bocejou e sentou-se.

Perry ainda estava em pé, sem saber o que fazer. _ Você não conseguiu dormir? Nick perguntou.

_ Eu não durmo durante o dia a menos que eu esteja doente.

_ Certo. Bem... - Nick bocejou novamente e se espreguiçou. _ Por que não vamos lá fora antes da chuva voltar e treinamos tiro ao alvo?

_ O que?

Os olhos azuis e profundos de Nick encontraram os olhos de Perry. _ Quero que você seja capaz de se defender caso precise.

Perry ficou na defensiva; Nick começava a reconhecer os sinais. _ Do que? Sra. Dembecki? Não acho que eu vá me meter em um tiroteio nessa casa.

Nick levantou-se com um movimento leve. _ Olhe, duas pessoas foram mortas. O que você planeja fazer quando esse idiota vier atrás de você? Ele poderia ter -

Ele parou de falar quando alguém bateu à porta. _ Espere um pouco, ele disse, e foi atender. O Sr. Teagle estava à porta, meio desconfortável.

_ Eu queria ver - Perry, ele disse. _ Aqui está você! Eu estava preocupado. Ninguém sabia onde você estava.

_ Ele vai ficar comigo por um tempo, - Nick disse.

Sr. Teagle parecia mais desconfortável ainda - e infeliz. Em vez de responder para Nick, ele disse para Perry: _ Posso falar com você em particular?

Perry, sentindo-se assediado por todos os lados, conseguiu não suspirar - mais do que Nick pode fazer enquanto deu um passo para o lado, para que Perry saísse do apartamento. Teagle. Ele fechou a porta educadamente.

Perry controlou sua impaciência. _ O que há de errado, Sr. Teagle? ele perguntou, educado, colocando as mãos nos bolsos.

O Sr. Teagle pigarreou - um som nada charmoso. _ Eu não estou confortável com esse arranjo seu, Perry, - ele disse seriamente, virando o óculos grosso para Perry. _ O que você sabe sobre esse jovem, Reno? Há algumas coisas peculiares acontecendo nessa casa ultimamente.

De tudo o que Perry esperava...

_ Nick não é responsável por nada do que está acontecendo, - ele assegurou o Sr. Teagle. _ Isso tudo começou bem antes do Nick chegar aqui.

_ Como você explica isso? Desde que aquele jovem chegou aqui, tivemos *dois* assassinatos. Não precisa ser gênio para entender como as coisas funcionam.

Perry pensou no comentário por um momento. Não precisa ser um gênio para ver que sempre tem algo por trás de qualquer morte violenta?

Ele disse: _ Eu acho que, o que quer que esteja acontecendo nessa casa, já está acontecendo bem antes de Nick aparecer.

Sr. Teagle molhou os lábios. _ Você é muito confiante, Perry, - ele disse um pouco brusco. _ Eu me sinto responsável com seus pais tão longe. Quero que você venha e fique comigo até resolvermos tudo isso. Tenho um mal pressentimento sobre aquele jovem.

Perry sentiu uma raiva irracional. Irracional porque Nick apenas daria risada da situação; ele não precisava que Perry o defendesse. Na verdade, de acordo com Perry, Nick ficaria feliz em fazê-lo confrontar o Sr. Teagle.

Ele disse seriamente: _ Obrigado, Sr. Teagle, mas eu me sinto perfeitamente seguro com Nick. Nós já planejamos tudo. O que não significava nada, mas o rosto do Sr. Teagle ficou vermelho.

_ Eu não acho que você entenda homens desse tipo, - ele disse com urgência, desconfortável. _ Eles caçam jovens como você. Eles... se aproveitam. Eles não... estimam inocência.

Perry começou a explicar que, com vinte e três anos, ele não era um jovem, mas quando ele encarou o rosto Ansioso do Sr. Teagle, a luz começou a aparecer.

_ Ahn, obrigado pela preocupação, - ele disse, estranhamente, - mas não é necessário. Ele ficou com vontade de chocar o velho homem e dizer que ele não era tão inocente, mas, infelizmente, isso não seria verdade. E o Sr. Teagle falava sério. Talvez ele não estivesse consciente de todos os próprios motivos.

Compelido por um instinto que ele não teve tempo de explorar, disse: _ Sr. Teagle, você sabia das passagens secretas da casa, não sabia? Você soube por anos.

Sr. Teagle ficou da cor de suas sardas e depois ficou branco.

O que havia acontecido...? E então Perry soube. Todas as vezes que ele teve a sensação desconfortável de estar sendo observado, de não estar sozinho -

Ficou boquiaberto e encarou o Sr. Teagle. Não teve como esconder o choque honesto e o medo, e o velho homem disse rapidamente, queixando-se: _ Não é assim, não é o que você está pensando! Eu tenho a responsabilidade de ficar de olho no que acontece nessa casa. É só isso.

_ Você esteve me o-observando! Perry gaguejou.

O Sr. Teagle falou sobre a imaginação de Perry e sobre sua obrigação de certificar-se de que as pessoas estavam se comportando, mas Perry não ouviu nada disso, pois já tinha voltado para o apartamento de Nick e batido a porta.

Nick estava na cozinha, tomando café, quando ouviu a porta bater. Um momento depois, Perry chegou. Um olhar para sua expressão e Nick soube que ainda tinha seu colega de quarto. Ele não pensou no prazer disso tudo, pois notou que Perry estava consideravelmente branco.

_ Qual é o problema? O que ele te disse? Nick estava em pé, pronto para lutar – outro sentimento que ele não queria explorar à fundo.

_ Ele esteve me espionando, - Perry disse, e ele soou genuinamente abalado. _ Ele sabia das passagens secretas e estava usando-as para espionar todo mundo. Ele é tipo um *voyeur*.

_ Ele admitiu isso para você? Ele disse que matou -

Se Teagle fosse o assassino – Nick considerou objetivamente. O homem sabia dos túneis. Ele não estava bem de saúde e não poderia carregar um homem do tamanho de Tiny ou o cadáver desconhecido até a *icehouse*, mas ele não precisaria, já que sabia como movimentar-se pela mansão. Ele também é parente da família que é dona do Alston Estate, o que significa que ele provavelmente sabe tudo sobre as safiras de Alston e Shane Moran.

E para finalizar, ele era estranho.

Mas Perry estava balançando a cabeça. _ Não. Nada disso. Ele só admitiu que sabia sobre as passagens secretas. Ele me disse baboseiras sobre ser sua obrigação ficar de olho em todo mundo... mas... *Nick!*

A declaração fez com que Nick ficasse indignado.

_ Não se preocupe, vou falar com ele, - ele disse sorrindo, em direção à porta. _ Isso acaba aqui e agora. E quando eu acabar com ele, ele poderá explicar aos policiais o que ele estava fazendo espionando os outros -

Mas Perry agarrou seu braço e, de alguma forma, Nick não conseguia se soltar. Em vez disso, ele abraçou Perry, colocando os braços fortemente em volta dele.

_ Eu sabia, - Perry disse. _ Eu sabia que havia algo estranho. Eu conseguia sentir isso quando eu me despia ou – ele gemeu – quando eu estava me masturbando.

A imagem que *aquilo* formou, fez com que o corpo de Nick respondesse de forma inapropriada. Uma resposta que era bem difícil de esconder com Perry o abraçando e murmurando seu constrangimento no pescoço de Nick.

Se Teagle não fosse um assassino, então, ao olharmos para o quadro todo, não era tão traumatizante – um pervertido velho e sozinho olhando por um buraco no banheiro – mas Perry era tão protegido os outros de sua geração, e, claramente, sentia-se muito violado.

Então Nick tentou acalmar sua ereção que estava nas coxas de Perry, mas sem soltar-se, pois Perry, aparentemente, precisava de um abraço e era inesperadamente importante para Nick que Perry conseguisse o que precisava na hora em que ele precisasse.

_ É, eu sei. Mas já passou e você está bem, - Nick disse. Ele quis ser revigorante, mas acabou sendo suave e lisonjeiro. Era um tom que ele não conseguia lembrar de ter usado antes com alguém – certamente não com Marie, certamente não com seus encontros silenciosos e agitados com suas amantes casuais.

Perry ficou indignado. _ E ele teve coragem de dizer que eu devia ficar com ele porque nós não sabíamos nada sobre *você*!

Nick riu e deixou-se tirar o cabelo de Perry que caía sobre seus olhos – seus dedos sensíveis à textura de seda das sobrancelhas e cabelo, pele quente, cílios.

Os cílios de Perry desceram, fechando seus olhos.

_ Ei, - Nick disse bruscamente.

Perry olhou-o, incerto.

Era um erro, claro. Um grande erro. Mas de repente, Nick queria sentir o gosto da boca de Perry, então ele abaixou a cabeça. Os olhos de Perry fecharam, então seus rostos encostaram e sua boca encontrou a de Perry.

Foi um beijo gentil, pois Nick estava pensando em como era estúpido fazer isso, e que Perry, por ser inexperiente, provavelmente estaria esperando pássaros e fogos de artifício.

Perry tinha o gosto de chocolate quente e algo morno e jovem e masculino. Foi inesperadamente erótico. Ele respondeu docemente, deixando-se levar, e o coração de Nick batia em seu peito.

Suas mãos desceram as costas de Perry, sentindo os ossos delicados e tensão, o corpo nu e quente debaixo de muitas roupas. E, sem pensar mais, suas mãos foram até o cinto de Perry. Ele ficou maravilhado excitado ao sentir as mãos de Perry imitando os movimentos das suas. As mãos do garoto estavam quentes ao encostarem na barriga de Nick, enquanto ele lidava com o cinto. Sua expressão era bem séria, o que tocou Nick em algum canto abandonado de seu coração.

_ Vamos levar isso para o quarto, - ele disse e levantou Perry em seus ombros. Perry começou a rir, com a cabeça balançando na linha do quadril de Nick. Ele tentou levantar-se, mas Nick deu um beijo em seu traseiro.

Nick o carregou até o quarto e o colocou de costas na cama. Perry ainda estava rindo, um riso despreocupado. Havia confiança nos olhos ingênuos que perfuravam Nick em alguma parte vulnerável de sua anatomia que não tinha um nome.

Perry era quase da sua altura; pequeno, mas não fora de forma por ser tão magro. Seu pênis saltou como um cadete ansioso para o treino.

_ Acalme-se. Você não precisa bater continência, - Nick disse e Perry deu uma risada cativante. Nick caiu na cama e inclinou-se sobre ele. Perry esticou a mão e a colocou no membro de Nick.

_ Muito ágil, - ele disse. _ E macio. Ele sorriu. _ Você tem os olhos mais azuis que já vi.

_ É para te ver melhor.

Os lábios de Perry se moveram. _ Uau, vovó, que dentes brancos você tem.

_ É para te comer melhor, - Nick disse e começou a demonstrar.

Perry era... delicioso. Sendo doce e tremendo com a investida de Nick, gemendo suavemente enquanto Nick mordida e beliscava, contorcendo-se de prazer. Mas Nick calculou mal a excitação de Perry – e experiência - e a erupção repentina do líquido quente e escorregadio os pegou de surpresa.

Nick afastou-se para ver a situação.

_ Caramba! Perry disse, querendo morrer e isso fez com que Nick desse risada.

_ Está tudo bem. Tem mais de onde isso veio. E na idade de Perry, era verdade. Enquanto a língua de Nick passava pela artéria femoral pulsante de Perry, ele estava ofegante, seu corpo já começava a responder com movimentos devagares e sensuais.

Nick aproveitou o tempo – tudo o que valia a pena ser feito, deveria ser bem feito – e ele queria que a primeira experiência real de Perry fosse a melhor possível, então ele aplicou as táticas que havia aprendido com Marie. Pequenos truques com a língua e lábios que ele jamais havia sonhado em usar com outro cara – não era o tipo de parceiro sexual que ele geralmente favorecia - mas eles faziam Perry enlouquecer.

Era algo para lembrar em outro momento, mas, estranhamente, Nick não queria pensar em outro momento. Aqui e agora, mostrando e compartilhando com Perry parecia ser a única coisa que importava.

As mãos finas e artísticas de Perry apertaram os ombros de Nick, e ele estava ficando excitado novamente, movendo-se contra o corpo de Nick com pequenos impulsos - surpreendentemente, de modo prazeroso e desinibido.

Nick colocou a cabeça do pênis do garoto em sua boca, sentindo o gosto salgado e doce, e Perry arqueou-se, fazendo sons inarticulados que Nick achou excitante. Ele sugou o pênis longo e fino, chupando Perry alternando entre forte e fraco, engolindo-o por inteiro, indo até a virilha do garoto, que tinha um cheiro bom de suor de homem e sêmen.

Perry levantou a cabeça e se viu sumindo para dentro e para fora da boca molhada de Nick, ele fez um som longo e agudo, deitou sua cabeça no travesseiro e começou a ejacular, jorrando.

Nick sabia por causa do modo como a barriga de Perry ficou apertada, o modo como as coxas haviam sido expremidas – ele provavelmente soube antes de Perry. Havia tempo para sair da linha de fogo, mas ele descobriu que não queria. Ele queria fazer isso para Perry – e ele queria fazer isso para si mesmo – ele engoliu a explosão quente e molhada de orgasmo.

Nessa altura, a necessidade de Nick estava no limite, ele encostou seu corpo contra o de Perry, seu pênis inchado e latejante encontrou alívio na fricção com a pele de veludo e a pressão entre os corpos. Ele havia calculado certo, e não demorou muito antes que seu líquido passasse por eles, escorregadio e quente.

_ Meu *Deus*, Nick – Perry disse. Era praticamente a única coisa que ele havia dito o tempo todo, e era desarmadoramente sincero.

Nick caiu em cima dele, e Perry colocou um braço pelas costas e o beijou em seu ouvido, sua têmpora e seu cabelo. *Beijos de um filhote*, Nick pensou. *Amor de um filhote...*

* * * * *

Perry levantou-se. Ele estava quente, grudento e completamente, deliciosamente relaxado. Do outro quarto ele pôde ouvir Nick conversando baixo. O telefone? Os caras da Califórnia de novo? Ele franziu a testa, pensando no que aconteceria quando Nick partisse.

Seria difícil. Ele teria de bancar o durão de alguma forma. Nick jamais teria paciência se ele chorasse e ficasse pegajoso, e ele queria passar todos os minutos possíveis com Nick antes dele partir.

Ele precisaria de todas aquelas memórias para aguentar todas as noites longas e sozinhas que seguiriam a ida de Nick.

Ouvindo o som de uma segunda voz, ele notou que Nick não estava ao telefone. Ele sentou-se, colocou as calças. Encontrou a camiseta. Se cabelo tinha uma ponta para cima. Ele penteou com seus dedos, andando pelo pequeno corredor.

_ Ela pode ser uma ameaça – não apenas para si mesma, mas para todos nós. Digo, se ela sair por aí batendo na cabeça das pessoas - , Jane parou de falar para cumprimentar Perry. _ Bem, aqui está você. Como você está se sentindo depois da aventura de hoje de manhã?

Por um momento, ele pensou que ela estivesse se referindo ao que ele e Nick haviam feito. E então a sanidade foi reafirmada. _ Bem. Perry não podia olhar para Nick. Ele teve medo de que sua expressão o delatasse.

_ Você está melhor do que eu esperava. Há um pouco de cor nas suas bochechas.

Ele não conseguiu evitar; olhou para cima. Os olhos de Nick o encontraram por um segundo, e Perry sabia que havia mais cor ainda em seu rosto. A expressão de Nick era vazia. Ele provavelmente era bom em pôquer. Perry era ótimo em Burro.

_ Tem chocolate na cozinha, - Nick disse laconicamente.

_ Ah. Obrigado.

Ele foi até a cozinha, colocou chocolate na caneca enquanto ouvia Jane. Ela gritou: _ A Sra. Dembecki acabou de confessar ter batido no Sr. Stein com um atizador de brasa.

Perry saiu da cozinha. _ Você está... brincando.

Jane balançou a cabeça. _ Não. Eu estava ajudando com as roupas, e ela mencionou casualmente, tão normal quanto poderia ser. Ela disse que pensou que ele fosse um ladrão.

_ Mas... - Ele olhou para Nick, que deu de ombros. _ Por que... o que ela estava fazendo no meu apartamento?

Jane balançou a cabeça. _ Não faço ideia. Não sei se ela sabe. Ela está ficando muito... peculiar, é tudo o que posso dizer. E se ela vai começar a bater na cabeça das pessoas com atizadores...

Perry disse para Nick: _ Mas como nós não a vimos descendo as escadas?

_ Acho que se ela bateu e saiu – nós não olhamos pela escada, só fomos direto para seu apartamento e depois entramos.

_ Mas o policial teria a visto.

Os lábios de Nick curvaram-se. _ Eu sabia que aquele policial estava mentindo quando disse por quanto tempo ficou fora.

Jane disse: _ E isso não é tudo, aliás. Os policiais disseram que identificaram seu corpo.

Perry afastou-se de Nick. _ Sério? Quem é ele?

_ Um investigador de Nova Jérсия, - Nick disse. _ Raymond Swiss.

_ Um particular? De verdade? Por que ele estava na minha banheira? Eles sabem quem ele estava investigando?

Jane respondeu. _ Se os policiais sabem, eles não vão contar para nós. Aparentemente, sua secretária preencheu um formulário de pessoas desaparecidas na segunda, quando ele não voltou para o escritório.

_ Ele estava bem longe de casa. Perry digeriu a notícia. _ Então... ele foi morto nessa casa?

_ Poderia ter sido um acidente. Jane cruzou os braços, sentindo um calafrio. _ Mas esse é o ponto. Eles dizem que ele morreu com uma pancada na cabeça.

_ Você não está pensando na Sra. Dembecki? Perry protestou.

_ Ela não negou ter batido no Sr. Stein. Os policiais levaram o Sr. Teagle para o interrogatório. Jane olhava para Nick especulativamente. _ E isso aconteceu depois que o seu amigo aqui conversou com ele.

Perry engoliu. Ele não gostava de pensar no pobre Sr. Teagle na cadeia, mesmo que ele fosse um estranho. Ele não podia acreditar que ele fosse um assassino, embora ele claramente tivesse alguns problemas. Mas ele também não podia acreditar que a Sr. Dembecki havia matado alguém.

Ele disse: _ Se foi um acidente, por que eles não disseram?

Jane deu de ombros. _ Talvez eles não soubessem o que estavam fazendo. Talvez eles ainda não saibam. Ela adicionou devagar: _ Talvez eles estivessem com medo. Talvez... eles não pudessem se entregar.

Perry a encarou tentando seguir a lógica.

_ Ninguém matou Tiny por acidente, - ele disse. _ Tiny levou um tiro.

Nick disse: _ Pelo modo como você descreveu o corpo, eu acho que Swiss estava morto há um tempo quando você o encontrou em seu apartamento. Ele provavelmente foi morto em algum lugar da casa. Talvez no porão. Ninguém além de Tiny ia até lá, e seria bem fácil de limpar.

_ Ou talvez ele foi morto em um dos túneis secretos, - Jane disse. _ Eles passam pela casa toda e pelo subsolo e – preste atenção nisso, é bem horrível – há vários olhos mágicos pela casa.

Como se fosse uma deixa, havia um som de alguma coisa raspando atrás da parede da lareira.

_ Eles estão nos túneis, - Jane murmurou. _ Os policiais, quero dizer. Eles estão se arrastando pelas passagens a manhã inteira.

Perry engoliu, pensando em todos os olhos mágicos. Ao encontrar seus olhos, Nick sorriu. O mesmo pensamento deve ter passado em sua cabeça.

Jane disse: _ Então, quem quer que tenha matado Tiny, o fez para acobertar o crime original – sendo um acidente ou não. Ela estava pálida. _ Alguém teria de ser bem impiedoso para matar alguém tão inofensivo quanto Tiny.

_ É, - Nick disse. _ Acho que estamos lidando com alguém bem impiedoso. Seria uma boa ideia não esquecer disso.

Capítulo Doze

Quando Jane finalmente desabafou e foi embora, Nick disse: _ Certo, ainda temos luz do dia suficiente para praticar tiro ao alvo. Pegue sua jaqueta.

Perry enrijeceu. Ele disse brevemente: _ Olhe, eu já sei como usar uma arma.

_ Ótimo, - Nick disse. _ Então não vamos demorar.

_ Não vamos demorar mesmo, porque eu não vou treinar.

Nick levantou as sobrancelhas quando ouviu o desafio. Perry, obviamente, morria de medo de armas de fogo – que é o que ele já esperava.

Ele disse pacientemente: _ Preciso saber que você consegue cuidar de si mesmo, e eu não acho que combate corpo-a-corpo é o seu negócio.

_ Nem atirar em pessoas.

Nick engoliu sua resposta imediata. Ele disse: _ Não quero que você se torne um atirador, mas se você encontrar seu amigo da passagem secreta de novo, talvez você ache isso útil. Ele ofereceu sua arma reserva, uma Sig P-228. Pequena, leve, precisa e fácil de esconder, o que fazia dela a escolha perfeita para Perry.

Exceto porque Perry não estava cooperando. Ele encarou a Sig sem se mover. Seus olhos foram até os de Nick. O olhar ingênuo.

Nick endureceu seu coração. _ Quero que você a carregue até que as coisas estejam resolvidas.

Perry levantou um dos ombros. _ Está bem. Ele ainda não havia tocado a arma.

_ Mas antes eu quero me certificar de que você sabe como usá-la.

_ Eu já disse.

_ Eu quero ver com meus próprios olhos.

Perry corou, seus olhos estreitaram-se. _ Você não vai confiar em mim?

Sua afronta pegou Nick de surpresa. Ele disse rapidamente: _ É, eu confio em você, mas eu quero ver se você consegue acertar alguma coisa.

Perry largou sua caneca e levantou-se. _ Está bem. Tanto faz. Vamos acabar logo com isso.

Ele ainda não havia falado nada até entrarem na *pickup* de Nick. Nick disse a si mesmo que não seria afetado. O garoto podia ficar emburrado por quanto tempo quisesse. Isso era para o seu próprio bem. Como aprender a comer direito ou usar uma camisinha.

Mas era melhor não deixar seus pensamentos tomarem esse rumo, ou eles voltariam para a casa para mais uma tarde de prazer. Era desconcertante. Nick não sentia-se assim... bem, há um bom tempo. Ele não sabia se já tinha se sentido assim, porque ele estava confortavelmente consciente de que ele estava se aproveitando. Papa anjo, é assim que as pessoas dizem. E essa é uma das formas mais legais de chamar alguém.

Ele dirigiu até eles passarem por um campo vazio. Nick estacionou do lado da estrada e eles andaram pelo mato alto. Nick alinhou algumas latas que ele havia pego da lixeira de reciclagem antes deles saírem da casa.

Ele voltou até onde Perry estava esperando, as mãos dentro dos bolsos, uma carranca não típica de Perry em seu rosto pontudo.

Nick demonstrou. _ Certo. Aqui está o carregador. Você -

Perry pegou o carregador de Nick e o colocou na P-228. Ele virou-se, parou na distância certa e atirou três vezes.

Nick piscou enquanto as latas voavam com o *blam blam blam* da arma, uma depois da outra batiam na parede de pedra.

_ Meu Deus, Foster. Você tem um bom olho...

Perry disparou mais quatro vezes. Tiros certos que derrubaram o resto das latas. Ele retirou o carregador e deu a arma vazia para Nick. Ele deu aquele olhar longo e nada amigável que Nick havia visto uma vez quando Perry ficou decepcionado.

_ Onde você -

_ Eu aprendi a atirar quando tinha dez anos. Meu pai achou que era importante que um homem saiba cuidar de si mesmo, e de acordo com ele isso significa saber usar uma arma. Eu consigo atirar em latas o dia todo e nós dois sabemos que isso não conta nada se o alvo for algo vivo.

Ele estava certo. De novo. Estava tornando-se um hábito.

Nick finalmente encontrou sua voz. _ Justo. Mas ao menos eu sei que você consegue acertar alguma coisa se você precisar.

Perry balançou a cabeça. _ Eu não conseguiria atirar em alguém. Não mesmo.

Nick esforçou-se para ser paciente. A perspectiva de Perry não fazia sentido para Nick. _ Você não acha que se sua vida estivesse em perigo...

_ Meu pai costumava me levar para caçar com ele. Ele disse... - Perry mudou de ideia sobre contar o que ele estava lembrando. Em vez disso, ele disse: _ Eu atirei em um coelho uma vez. Ele gritou.

_ Eles gritam às vezes, - Nick admitiu.

_ Eu vomitei.

_ Olhe, francamente, eu também não me empolgo em caçar, - Nick disse. _ Há uma diferença -

_ Vou voltar para o carro. Perry afastou-se.

* * * * *

A Sra. Dembecki o cumprimentou quando eles voltavam para casa. De acordo com Perry, parecia que ela não havia penteado o cabelo há alguns dias - ou trocado as roupas.

O que acontecia com pessoas como a Sra. Dembecki uma vez que elas não consigam mais cuidar de si mesmas. Ela não parecia ter família.

Ela apertou a manga dele, dizendo ansiosa: _ Não é terrível! Essas passagens secretas passam pela casa toda. Mas seus olhos estavam brilhantes de entusiasmo e não de preocupação.

_ Você mora aqui há tanto tempo, - Perry disse. _ Você não sabia das passagens secretas?

_ Ah, não! Nenhum de nós sabia. Nem a Sra. Mac.

Bem, isso era, claramente, mentira. O Sr. Teagle já havia admitido, ainda que inadvertidamente, que sabia dos túneis.

Tiny talvez soubesse - ele rondou o Estate por anos. Certamente, as passagens serviram para ajudar no seu misterioso desaparecimento. Não parecia que ele havia sido morto na casa. Era possível, embora não provável, que ele foi arrastado para o túnel contra sua vontade. Mas com certeza alguém viria ou ouviria alguma coisa.

Ainda, Raymond Swiss havia desaparecido nessa casa - presumivelmente contra sua vontade - e ninguém havia visto ou ouvido nada. Exceto pelo seu assassino.

E esse era o ponto. Certamente ninguém quer admitir o conhecimento prévio das passagens secretas, porque isso, automaticamente, fará dessa pessoa um suspeito nos assassinatos de Tiny e Swiss.

E o fato da preocupação do Sr. Teagle, ter sido com ser pego espionando as pessoas, significava que ele não estava preocupado em ser suspeito de um assassinato porque ele não havia cometido os crimes. <

Como se estivesse lendo sua mente, a Sra. Dembecki disse: _ Os policiais descobriram que Tiny levou um tiro na passagem. Eles acham que o assassinato deve ter pensado que ele estava morto e o abandonou, e então, Tiny deve ter se arrastado até a porta que leva ao apartamento do Sr. Watson. E ele estava muito fraco para continuar.

Nick perguntou: _ Eles tem alguma pista de quem possa ter atirado nele? Eles identificaram a arma?

_ Ah! Eles procuravam por armas no quarto do pobre Sr. Teagle. A Sra. Dembecki afastou-se – assim que Perry e Nick começaram a subir as escadas - ela voltou. _ Eles o prenderam, sabe. O Sr. Teagle.

* * * * *

Eles comeram na mesa da cozinha. Emoldurada na janela acima da pia, uma meia lua enorme e laranja parecia estar se dissolvendo na noite escura.

Nick havia assado um frango para o jantar e ele o serviu com purê de batatas, molho de carne e milho. A comida estava boa - tudo o que Nick cozinhava era bom – mas Perry ficou enrolando para comer.

Ao olhar para ele, as sobrancelhas de Nick franziram. _ Coma.

Eles não haviam conversado desde que voltaram do tiro ao alvo. Nick assumiu que Perry estava emburrado, e ele não tinha intenção de atrapalhar, mas... ele sentia falta da companhia. Ele estava acostumando-se com isso, acostumando-se a ter Perry por perto. Perry olhou para cima. _ Eu não consigo quando eu estou nervoso.

Sem impressionar-se, Nick disse: _ Você está sempre nervoso. Você precisa recuperar sua energia nervosa.

Perry balançou a cabeça e mexeu um pouco na comida.

Nick suspirou. _ O que você está pensando.

Ele achou que já sabia a resposta, mas ficou surpreso quando Perry disse: _ É verdade sobre sua esposa, certo? Você foi realmente casado?

_ Sim, eu fui casado.

_ Mas você...

Nick olhou para os olhos ingênuos de Perry e disse bruscamente: _ Você está perguntando se você foi o primeiro cara com quem eu já estive? Não seja burro.

Os olhos de Perry escureceram. Sua boca abriu antes dele conseguir controlar sua expressão facial. Friamente, ele disse: _ Eu não acho que você aprendeu aqueles movimentos por osmose. Eu só não sei se você se considera gay ou algo assim.

Nick quase riu do comentário sobre osmose, mas ele percebeu que se risse para Perry agora, as coisas poderiam acabar ali. E talvez fosse a coisa mais sábia a ser feita - a melhor coisa para Perry antes que isso fosse mais longe e o garoto fizesse algo bobo, como convencer a si mesmo de que estava apaixonado - mas Nick viu que não podia fazer isso.

Ele disse calmamente: _ Sim. Eu sou gay. Eu me casei quando era mais jovem do que você é hoje. Eu não achei que eu tivesse uma escolha na época.

_ E então...?

Era óbvio que Perry não sabia o que perguntar, e Nick disse um pouco mais gentilmente: _ Eu cresci. Eu aprendi que há outras escolhas e outros modos de viver.

Perry o observava continuamente. Nick suspirou. _ Marie – minha ex – e eu sabíamos que tínhamos cometido um erro dentro de alguns anos. Ela encontrou o jeito dela de lidar com isso e eu encontrei o

meu. Eu não era sempre tão cuidadoso quanto deveria e isso resultou em – Nick respirou fundo. Isso era difícil de admitir até mesmo para si - em ser chutado da marinha.

_ Eles te deram uma dispensa *desonrosa*? A indignação chocante de Perry foi inesperadamente doce. Os olhos do garoto estavam brilhando de raiva – muito brilhantes – e Nick percebeu de sobresalto que, pela primeira vez em sua vida, alguém estava prestes a chorar em seu favor.

_ Ei, ei. Ele esticou-se e segurou os pulsos de Perry que estavam sobre a mesa de carvalho. _ Ouça, eu fui estúpido. Eu sabia do risco. Eu achei que valia a pena e não vou mudar de ideia agora. Ele apertou levemente a mão de Perry e a soltou. Ele estava surpreso de ver que estava sorrindo. _ Está bem. Eu estou bem.

_ É. Perry suspirou profundamente. _ Bastardos, - ele disse bravamente.

Nick riu – por causa de algo que ele pensou que nunca fosse rir. _ Coma seu jantar, Foster. Não gosto de ver meu trabalho duro indo pro lixo.

* * * * *

Depois do jantar, Nick olhou os panfletos do seu treino - que incluíam várias coisas desde cursos em pesquisa por computador até como escrever relatórios - e Perry foi até seu apartamento para pegar um caderno de desenhos. Ele sentou-se no chão do outro lado do sofá, tentando observar Nick sem ser muito óbvio.

Depois de um minuto ou dois, Nick olhou para cima. Havia um brilho em seus olhos que avisava Perry que Nick havia visto o rascunho que ele tinha começado no quarto de Watson.

_ Você está desperdiçando seu talento em uma rosto como meu, - Nick o informou.

Perry disse: _ Você tem um rosto ótimo.

Nick corou e voltou a ler sem comentar nada. Perry desenhava um pouco – isso dava-lhe a desculpa de poder olhar para Nick o quanto quisesse. Era claro que Nick estava totalmente absorvido na leitura, ansioso pela Califórnia e seu novo emprego – sua nova vida.

_ Vou tomar um pouco de ar fresco, - Perry disse, colocando o caderno de lado.

Nick olhou para ele. _ Leve a Sig e fique perto da casa.

Perry levantou-se. _ Eu não acho que seja perigoso agora. Todo mundo sabe sobre os túneis.

_ Nós não sabemos por que Raymond Swiss foi morto e achamos que Tiny morreu por que falou demais. Nós podemos estar na pista errada. E mesmo que não estejamos, nenhuma das mortes tem, necessariamente, algo relacionado com o saque perdido de Shane Moran.

_ Eles estariam procurando pelo quê então? Dembecki vasculhando o gazebo e Rudy Stein procurando as histórias locais daquele período?

_ Dembecki é mais rápida que a própria sombra, e Teagle, que sabia das passagens, revelou-se interessado em outro tipo de jóias.

Perry fez uma careta. _ Não me lembre.

Nick sorriu, seu rosto era inesperadamente jovem sob a luz suave do abajur. _ Apenas dizendo.

_ É, bem, *não diga*.

Nick riu.

_ E o Stein? Perry perguntou. _ Ele estava procurando sobre essa área na década de trinta.

_ Isso não prova nada.

_ Podemos perguntar o que ele estava procurando, - Perry sugeriu.

Ele estava brincando, mas Nick disse, depois de pensar: _ É, podemos fazer isso.

Então, aparentemente perdendo o interesse, Nick retornou à sua leitura.

Perry desceu as escadas e andou um pouco no jardim, ficando perto da casa. A arma no bolso de sua jaqueta era pesada e estranha. Ele sentia-se ridículo carregando-a. De maneira alguma ele atiraria em

alguém. Nick não entendia.

Irritado, ele olhou para a casa e viu a silhueta de Nick na janela da torre – observando-o. A irritação de Perry transformou-se em um tolo calor.

* * * * *

Quando Perry voltou, Nick estava desdobrando o lençol no sofá.

Ele olhou por cima dos ombros e disse bruscamente: _ Você pode ficar com a cama. Pode ser que eu dê uma volta mais tarde. Quando Perry abriu a boca para reclamar, ele continuou: _ Eu sou treinado para isso, certo?

Então ficou bem claro. Eles não dividiriam a cama. Essa tarde foi... bem, o que quer que tenha sido, claramente não seria algo frequente.

_ Certo, - Perry disse. _ Boa noite.

_ Noite, - Nick disse brevemente.

Perry foi até o quarto de Nick e colocou seu pijama. Ele sentou-se na ponta da cama e escutou Nick movendo-se no outro quarto. Então as luzes se apagaram.

Ele ficou sentado por mais alguns minutos e então foi para a sala.

_ Nick.

A silhueta de Nick levantou-se do sofá, uma sombra escura movendo-se sobre as outras sombras. _ O que há de errado? O peso de suas mãos repousaram nos ombros de Perry. O Coração de Perry doeu, pensando nas coisas habilidosas e prazerosas que as mãos de Nick haviam feito anteriormente.

Nunca mais?

_ Eu só... tem muito espaço na cama.

Nick estava parado, sua respiração era quente contra o rosto corado de Perry.

Ele disse, calmamente: _ Olhe, Perry, eu vou embora em uma semana. Eu não voltarei.

_ Eu sei. Perry sorriu com um esforço – ele não sabia se Nick conseguia ver seu rosto sob o luar, mas ele esperava que ele tivesse ouvido em sua voz. _ Sem afeto. Apenas sexo.

Houve uma pausa engraçada. Nick disse: _ Parece errado quando você fala assim.

Perry não disse – não podia dizer – nada.

Ele podia sentir a hesitação de Nick – mas não a relutância. Nick disse: _ Só quero que fiquemos bem.

_ Claro, - Perry assegurou.

Ainda sim, Nick não se moveu. Então ele disse devagar. _ Você está lidando com isso melhor do que eu esperava.

_ Eu gosto de dormir com você, - Perry disse. _ Não quero perder tempo conversando.

* * * * *

E eles não conversaram. Nick era lacônico por natureza e Perry era tímido – e à mercê de sensações não familiares. Eles comunicaram-se pelo toque. Não o carinho gentil e esclarecedor daquela tarde; esse era mais urgente, mais intenso, parcialmente, talvez, por que quase não aconteceu. Ainda poderia ser a última vez.

O corpo de Nick cobriu o de Perry, e ele pôde sentir as batidas rápidas do coração dele contra seu peito. Rápidas como a batida assustada de algo pequeno e gentil – um coelho ou um fauno. Mas quando ele afastou-se para ver o rosto de Perry, ele pôde ver o brilho nos olhos de Perry e a claridade dos seus dentes, ele estava sorrindo, não assustado, apenas excitado. A boca de Nick cobriu a de Perry, e os lábios

dele eram quentes, suaves e acolhedores. Sua respiração era leve e rápida, e parecia repentina, estranhamente preciosa para Nick.

Uma onda de emoção inesperada aumentou seu – considerável - apetite sexual.

Ele trouxe Perry para perto, era quente e ele sentia a pele de veludo e os cabelos sedosos do peito da virilha de Perry. Perry colocou os braços em volta de Nick, segurando-o apertado, entregando-se ao beijo de Nick – Nick geralmente não beijava outros homens, mas, de alguma forma, era diferente com Perry. Ele gostava do seu gosto, ele gostava da suavidade e vontade com a qual ele respondia. Ele o afagou, gostando do toque do osso forte contra a pele fina e delicado, e Perry murmurou com aprovação.

Nick acomodou-se entre as pernas de Perry que movia-se instintivamente para acomodá-lo, e novamente, ele sentiu a ansiedade enquanto os dois se encostavam. Perry estava excitado enquanto seus corpos se moviam, a temperatura subia. O pênis de Perry estimulava a barriga de Nick e seu pênis...

Ele disse a si mesmo para ir devagar... embora Perry dificultasse, pois sua boca estava em um dos mamilos de Nick, deixando-o duro como pedra apenas usando a língua. A boca de Perry passava pela linha tensa da garganta de Nick, os músculos do seu peito. *Vá devagar*, Nick disse para si mesmo, porque Perry ficava na teoria e imaginação, mas a realidade era mais dolorosa.

Ele agarrou Perry e rolou na cama para que ele ficasse por cima. Ele pôde sentir a surpresa do garoto. Nick estava um pouco surpreso consigo mesmo, mas ele afagou Perry, apertou sua bunda, novamente tomando tempo. Com sua mão livre ele alcançou o lubrificante, colocando-o liberalmente naquele pequeno buraco apertado – bem apertado – tornando isso algo sensual.

A relutância inicial de Perry foi embora, e, mesmo quando Nick abriu a camisinha, não havia ansiedade, não havia segundas intenções. Eles entraram no ritmo, embalados pela vontade, o pulsar do desejo, Nick foi tão cuidadoso quanto pôde, pressionando devagar e constantemente.

Perry suspirou e gemeu, mas ele não recuou – ele pressionava o pênis de Nick – teimoso, insistente, tremendo em uma mistura de dor e vontade - e então Nick estava dentro. E ele não se mexeu, e fazer isso era uma das coisas mais difíceis que ele já havia feito. Ele segurou-se, levando o tempo necessário para se acalmar e aproveitar, até que Perry começou, um pouco estranho, mas Nick o encontrou, deixou que ele ditasse o passo, e, logo, eles estavam em um ritmo frenético, empurrando e puxando, colocando e tirando, a fricção vagarosa e deliciosa que se transformava em algo agitado e feroz até que eles rolassem para o lado sentindo puro êxtase.

Eles estavam com os corpos dormentes e tentavam respirar.

* * * * *

Deixe que a jornada comece, era o que o outdoor gasto e descascado mostrava. Um homem jovem usando um uniforme olhava esperançoso para um futuro que, certamente, já havia passado.

_ Vê, - Perry disse. Ele cutucou Nick que estudava o outdoor com um sorriso sarcástico, curvando sua boca.

_ Acho que hoje o slogan seria *acelere sua vida*.

_ Ah, garoto! Perry disse.

_ Ah!, - Nick concordou, maravilhado.

A manhã estava fria. O homem do tempo profetizava neve no final de semana, embora o céu estivesse azul como a superfície de um iceberg. Nick e Perry haviam acordado cedo, feito um sexo devagar e adorável, e decidido ir até a vila para descobrir o que o delegado havia encontrado.

Não que Nick esperasse muita cooperação do delegado, mas não doía perguntar – ou forçar. Com força.

Uma brisa gelada passou pela rua, balançando as luzes de Natal que estavam penduradas nas árvores da calçada e Perry começou a tossir.

_ Venha, docinho, - Nick disse. _ Vamos pegar um chocolate quente.

Eles entraram na padaria – a mesma em que, Perry havia avisado Nick, onde o Sr. Watson havia morrido – e Nick pegou um café, um chocolate e rosquinhas para Perry.

_ Voltarei em dez minutos; fique aqui porque é quente, - ele disse bruscamente, e com isso, ele se foi, sumindo pela rua com seus passos rápidos e largos.

Perry sentou-se em uma das mesas que ficava contra a parede, embaixo de um calendário de Norman Rockwell e molhou suas rosquinhas no chocolate, olhando para as lojas de Natal na rua.

Quinze minutos se passaram e não havia sinal de Nick. Não havia motivo para ficar nervoso. Provavelmente demorou mais do que ele havia esperado. Se tinha alguém que conseguia se virar, esse alguém era Nick. E Nick não esqueceria dele e voltaria para o Estate. A ansiedade de Perry persistiu.

Ele saiu da loja e olhou para as ruas lotadas.

_ Ei, amigo.

Perry virou-se. Um homem grande usando um casaco azul estava entregando um papel. À primeira vista ele pensou que fosse um panfleto, mas então percebeu que era uma foto.

_ Você já viu esse cara?

Perry encarou o rosto pontudo do homem. Algo sobre ele era familiar, mas ele não conseguia descobrir o que. Ele fitou a fotografia.

A mulher na foto era jovem e tinha o rosto magro. Seus cabelos pretos faziam um penteado grande, sua maquiagem era vermelha e chocante.

_ Então? O homem exigiu. _ Viu ela por aí?

Agora Perry o reconhecia. Ele era o cliente feio do restaurante.

Perry concentrou-se na estrutura dos ossos da mulher, mentalmente apagando sua maquiagem, seu penteado... seus olhos estreitaram. *Santo...!*

Era Jane há seis ou sete anos. Ela parecia dura, cruel – e, ainda sim, havia algo assombrado e vulnerável em seu rosto pintado.

_ Você a conhecer, - o homem disse, observando Perry atentamente.

Perry olhou para ele, sua expressão era vazia. _ Não. Ele deu de ombros. _ Acho que não. Ela se parece com muitas pessoas.

_ Você conhece mais alguém que se pareça com ela?

Perry balançou a cabeça rapidamente. _ Quero dizer, ela não parece nada especial.

O homem disse estranhamente: _ Ah, ela é algo especial. Ele colocou a foto de volta no bolso da jaqueta.

_ Você é policial? Perry questionou.

Seus olhos encontraram os de Perry, e ele sentiu uma pontada na nuca. _ É, isso. Mas mantenha segredo.

_ Claro.

Ele olhou ao seu redor e Nik estava vindo na direção deles, seu rosto sem expressão, mas seus olhos alertas. Ele pensou que aquilo era um problema?

Perry meneou a cabeça para o homem e saiu de perto. O homem continuou a observá-lo. Ele havia feito alguma coisa que mostrasse que ele havia reconhecido a foto?

Nick o alcançou, perguntando: _ Quem é o seu amigo?

Perry olhou para trás. O homem estava entrando na padaria.

_ Não acho que ele seja amigo de alguém.

Ele contou para Nick sobre a foto da jovem Jane e Nick disse _ Ele não é policial.

_ Como você sabe?

Nick balançou a cabeça. _ Eu só sei... Você acha que ele acreditou em você quando disse que não reconheceu a foto?

_ Ele pareceu acreditar. Perry olhou para trás, incomodado. _ Não parece que ele está me observando.

Nick colocou sua mão no braço de Perry. _ É, e não vamos ser pegos observando-o, ou ele vai saber que tem problemas ao meio dia.

_ Se ele não é um policial, por que ele estaria perguntando sobre a Jane?

_ Por que não perguntamos à ela? Nick disse.

Eles estavam na *pickup* e seguindo em direção ao Estate, quando Perry lembrou-se de perguntar: _ Você descobriu alguma coisa na delgacia?

_ Eles vão soltar Teagle. Eles confirmaram o álibi dele. Ele não poderia ter matado Swiss e, até esses idiotas conseguem ver que os dois assassinatos provavelmente estão relacionados.

Perry disse devagar: _ Talvez a Sra. Dembecki tenha pensado que Swiss fosse um ladrão e usou o atizador de brasas nele.

_ E depois o quê? Nick perguntou. _ Atirou em Tiny quando ele tentou chantageá-la?

Tentar imaginar Tiny conseguindo chantagear alguém era ainda mais difícil do que imaginar a Sra. Dembecki atirando nele com a sua Magnum .44.

Perry deu de ombros. _ Provavelmente não. _ Mas eu acho que Jane está certa. Acho que a Sra. Dembecki está enlouquecendo.

_ É, acho que você está certo.

_ Você viu como ela estava animada com a ideia das passagens?

Nick balançou a cabeça.

_ E ela estava procurando pelo chão, pelo gazebo. Perry suspirou. _ Ela deveria estar no meu quarto por algum motivo.

Nick manteve os olhos na estrada. _ Você acha que ela está procurando pelas jóias também.

_ Eu acho, é. Se ela está ficando senil, então eu acho que deve haver outra explicação, mas...

_ Foi assim que eu pensei, - Nick concordou e Perry sentiu-se tolamente lisonjeado.

_ O que você acha que aconteceu? Shane Moran escoundeu as jóias em uma das passagens secretas e então foi morto antes de conseguir resgatá-las?

_ Sobre isso... eu não faço ideia. Nick considerou, mastigando. _ Acho que é possível. Se é verdade que ele e a esposa de Alston eram amantes, ela deve ter contado sobre as passagens. Na verdade, ele já deveria saber sobre elas – eles devem ter usado os túneis para levar as bebidas para dentro da casa. A pergunta é por que Moran guardaria as jóias? Por que ele não foi embora com elas? O que mais teria lá para ele querer voltar para pegá-las?

_ Por que ele ficou na floresta para ser morto? Perry concordou.

Seus olhos se encontraram.

_ Verity Lane? Perry sugeriu.

Nick franziu a testa. _ Você acha que ele pensou que ela tivesse mudado de ideia?

_ Talvez.

Nick sorriu. _ Então ele era bem estúpido.

_ Talvez ele a amasse muito, - Perry disse.

* * * * *

Havia uma van de um jornal local estacionada ao lado da ponte que levava ao Alston Estate. Um carro de polícia bloqueava seu acesso, mas os policiais saíram do caminho para o carro de Nick passar.

Dentro da cara, Jane estava andando para cima e para baixo no saguão.

_ Vocês viram isso? Havia uma van de um jornal local agora pouco! Eu avisei o delegado sobre eles. Ela passou suas mãos nos braços.

_ Você ainda não está se sentindo bem? Perry perguntou. Agora que ele havia pensando nisso, ele teve certeza que Jane não havia saído do Estate há mais de uma semana.

Ela retrucou: _ Esse maldito lugar está congelando. Acho que a louca desligou a fornalha.

_ Qual louca? Perry perguntou.

Jane deu uma risada.

Os olhos de Perry encontraram os de Nick, e ele entendeu a mensagem. _ Jane..., - ele começou, estranhamente.

Quando Perry contou para Jane sobre o homem que estava na cidade mostrando a foto dela, Jane ficou cada vez mais pálida até que ele temeu que ela fosse desmaiar. Nick deve ter pensado o mesmo, porque ele a pegou pelo braço e a colocou em uma poltrona perto da lareira.

Jane colocou o rosto nas mãos. _ O quê você disse para ele? ela perguntou abafado.

Perry disse: _ Eu disse que não a reconheci.

Ela olhou para ele, fixando seus olhos verdes. _ Ele acreditou em você?

_ Eu não sei.

Nick disse: _ Mesmo que ele tenha, mais cedo ou mais tarde ele vai cruzar com alguém que a reconhecerá. Essa é uma cidadezinha.

Jane balançou a cabeça. Parecia que ela estava escutando uma voz interna. Uma voz interna que dava más notícias.

_ Quem é ele? Perry perguntou e os olhos de Jane saíram do seu caminho.

_ Não faço ideia.

_ Mas...

ELA disse cuidadosamente: _ Eu não sei quem ele é, mas sei quem o mandou.

_ Quem?

Seu rosto mudou. Finalmente ela disse, bruscamente: _ Vocês já ouviram falar no Michael Cimbelli?

_ Não, - Perry e Nick disseram ao mesmo tempo. Seus olhos se encontraram.

_ Michael é – era - o cabeça da família Martinelli, a dos crimes.

Nick não disse nada. Perry disse: _ Isso vai ser bem ruim, não vai?

Jane disse: _ Eu não sou ex mulher de bandido, se é o que você está pensando. Eu não tive nada a ver com o assassinato daquele investigador particular - ou Tiny. Isso não tem nada a ver com aquilo. Ela molhou seus lábios sem cor. _ Eu fui amante de Michael por quatro anos. Então eu... o deixei.

_ E ele não sabe lidar com a rejeição? Perry perguntou.

_ Ele não sabe, não. Mas esse não era o maior problema. Eu – ela engoliu – eu concordei em testemunhar contra Michael em troca de proteção. Eu entrei no Programa de Proteção à Testemunhas, mas os advogados de Michael conseguiram atrasar o julgamento dizendo que ele era mentalmente incapaz. E eles estagnaram o processo por três anos. Agora Michael foi declarado competente para ser julgado.

_ E os capangas dele estão procurando você? Nick terminou.

Jane balançou a cabeça.

_ As pessoas do programa de proteção não tem como mudá-la de lugar? Perry perguntou.

_ Eles mudariam, - Jane disse. _ Mas eles não sabem onde eu estou e eu não quero que eles saibam.

_ Por quê?

_ Porque eu saí do programa. Eu não queria viver minha vida como um animal em uma jaula, - ela disse apaixonadamente. _ E por causa de David.

_ David?

_ Center, - Nick completou.

_ Eu sei quem é, - Perry disse. _ Eu só não... *David*?

_ Ei, - Jane disse com uma chama. _ Você não está em posição de falar. Você esteve prestes a apaixonar-se por um cara na Internet chamado *Marcel*. Pelo menos eu realmente *conheço* David.

Antes que Perry pudesse responder, Nick disse: _ Eles não mudam esposas e amantes no programa?

Porque, deixando de lado o mal gosto para homens, esse era o ponto crucial do problema. Se Jane voltasse ao programa, ela jamais veria David Center novamente – que, em vez de ser um alívio, seria trágico o suficiente para ela considerar arriscar sua vida.

Jane mordeu os lábios e meneu a cabeça. _ Eles movem, mas David e eu não estamos nesse ponto do relacionamento. Nós precisamos de mais tempo.

_ Você não tem mais tempo, - Nick disse brevemente.

Perry e Jane o encaravam.

Nick disse: _ Você não pode ficar dentro dessa casa indefinidamente, e mesmo que pudesse, mais cedo ou mais tarde alguém na cidade vai reconhecê-la.

_ Ou, - Perry disse de repente, - sua foto vai parar na Internet.

_ Preciso pensar, - Jane disse, levantando-se.

_ Não há nada a ser pensado, - Nick disse. _ Isso é sobrevivência.

Jane não respondeu. Ela voltou para seu apartamento e fechou a porta atrás dela.

_ O que faremos? Perry perguntou a Nick.

_ Nada, - Nick disse. _ Isso é escolha dela.

_ Mas...

Nick já havia começado a subir as escadas.

_ Deve ter algum jeito de ajudá-la, - Perry estava dizendo quando eles chegaram no quarto de Nick.

Eles podiam ouvir o telefone tocando do lado de dentro.

Nick destrancou a porta. _ Ela é adulta. Ela pode fazer as próprias escolhas. Fique fora disso.

Ele abriu a porta e atendeu o telefone, Perry ouviu a conversa enquanto ele olhava pela janela, vendo as árvores e as nuvens movendo-se do norte.

_ Apenas ajustando as coisas por aqui, - Nick disse depois do cumprimento inicial. Aquele era o Roscoe – o ex amigo da SEAL que tinha a empresa de investigação particular na Califórnia.

Perry ouviu o silêncio de Nick e então ele disse devagar: _ Mais uma semana , mas eu posso me apressar se for necessário.

Perry fechou os olhos. Quando ele os abriu, ele pôde ver o pequeno círculo da sua respiração na janela.

* * * * *

Era um dia estranho.

O Sr. Teagle chegou em casa e foi direto aos seus aposentos, trancando-se. Os policiais retornaram e interrogaram a todos novamente, e Perry passou por todos os passos desde que chegou em casa de São Francisco, até encontrar o cadáver em sua banheira.

_ Eles estão tentando fazer um cronograma, - Nick disse. _ Eles sabem que Swiss morrei na sexta à tarde – o que deixa você e Teagle fora, mas deixa todos os outros como suspeitos.

_ Se Swiss era um investigador particular, o que ele estava investigando?

Nick disse: _ Aparentemente, até sua secretária não sabia. Ela estava de férias quando ele aceitou esse trabalho. Mas aí está... - A expressão de Nick era cautelosa, embora ele soubesse que Perry não iria gostar do que ele estava prestes a contar.

_ O que?

_ Swiss, aparentemente, tinha laços com a máfia.

Perry encarou, tentando entender. Então ele disse, indignado: _ Não é possível que Jane tenha matado aquele cara. E depois? Ela matou Tiny para manter seu segredo? Não deve ser, Nick!

_ Só estou te dizendo -

_ Quem disse que ele tinha laços com a máfia?

_ Roscoe. E ao ver a expressão de Perry, Nick explicou: _ Eu perguntei se ele poderia verificar algumas coisas para nós.

Nós? Não havia nós. Nick queria resolver isso o mais rápido possível para que ele pudesse partir para a Califórnia e não ter de pensar em Perry e nesse lugar novamente.

_ Eu não me importo com o que o idiota do Roscoe acha, Jane não matou ninguém!

As sobrancelhas escuras de Nick levantaram. _ De onde está vindo isso? Roscoe não sabe nada sobre isso. Ele só verificou um nome porque eu pedi.

_ Você compartilhou a informação com o delegado?

Nick encontrou os olhos de Perry, fixos. _ Não, não compartilhei. Mas se você acha que eles não vão descobrir isso rapidamente, sua cabeça está tão enterrada na areia quanto a de Bridger. Mais pacientemente, ele disse: _ Vamos lá, Perry. Você viu como ela estava assustada hoje. Se alguém veio atrás dela, é possível que ela tenha ficado em pânico. Você ouviu o que ela disse sobre acidentalmente matar alguém e não ser capaz de se entregar.

_ Ela não estava falando de si mesma.

_ Você não sabe.

_ E as safiras de Alston? O que aconteceu com aquela teoria? Nós não falamos com o Sr. Stein.

_ Tenho certeza de que os policiais falaram, mesmo que não tenham perguntado sobre as safiras. Além disso, qual outro motivo ele teria para matar um detetive de Nova Jérsei?

_ De acordo com você, motivo não importa muito. É tudo sobre os meios e oportunidade. Isso que você disse antes. E mesmo que ela soubesse sobre a passagem secreta – que eu não acredito – Jane não conseguiria arrastar o Swiss para lugar algum. Ou Tiny. E o mesmo vale para a Sra. Dembecki. O que deixa David Center, Sr. Stein e você.

Nick interrompeu sua resposta imediata e irritada. Ele realmente não queria discutir com Perry sobre isso. Eles tinham pouco tempo juntos. Ele disse: _ O delegado está satisfeito por Center não fingir ser cego. O que não significa que ele não poderia oferecer os músculos caso Bridger precisasse de ajudar para carregar um corpo.

_ Se fosse assim, eu acho que Jane não estaria preocupada com sua saída daqui, - Perry disse bruscamente.

Nick achou que ele tivesse um ponto. O que também trazia o fato de que se Bridger tivesse matado duas pessoas, ela não teria chamado seus amigos da Proteção de Testemunhas para tirá-la de lá para que ela não precisasse lidar com a investigação?

Ele disse: _ Só por que o motivo não é a única coisa que os policiais consideram, não significa que isso não afete o quadro todo. Eu nunca disse isso.

Perry levantou as sobrancelhas com um ceticismo arrogante – uma expressão que não combinava com seus traços afinados. Em vez de Nick ficar aborrecido, ele quis rir, agarrar o garoto e mandar embora seu mal humor do melhor jeito possível.

Ele controlou-se e disse: _ Acho que, talvez nesse caso, motivo seja um fator, e eu acho que o motivo de alguns capangas procurando por safiras perdidas é meio forçado.

_ Você acha que um milhão de dólares é um motivo forçado?

_ Eu acho que essas jóias provavelmente estão jogadas pela floresta. Eu acho que não quero perder tempo discutindo com você.

Essa escapou. Os olhos de Perry encontraram os de Nick, e as linhas tensas de seu rosto, relaxaram.

_ Venha cá, - Nick disse suavemente. _ Eu quero compartilhar uma outra teoria com você...

Outro evento notório do dia foi a Sra. Dembecki quase ter morrido quando um policial, explorando as passagens, abriu uma porta que, inesperadamente, dava na grande escadaria e quase derrubou-a escada abaixo. Felizmente, a Sra. Dembecki foi ágil o suficiente para escapar sem arranhões.

Ela correu para baixo, trancou-se em seus aposentos e recusou-se a responder as perguntas pela porta, alegando sua saúde.

_ O que ela queria fazer ao subir as escadas? Nick perguntou.

_ Eu acho que ela estava tentando entrar no meu quarto de novo, - Perry disse, infeliz. _ Estou dizendo, ela acha que as jóias estão em algum lugar dessa casa.

_ Eu acho que você está dando muito crédito à ela, - Nick disse. _ Eu acho que ela é louca.

Esse parecia ser o consenso da casa. Mas a única pessoa com uma sugestão sobre o que fazer era o Sr. Stein, que disse que a Sra. Mac deveria ligar para o hospício com rapidez.

Na hora do jantar os policiais já haviam saído, e o resto da casa parecia confortavelmente trancado para passar a noite. Nick fez carne assada e comentou que teria de fazer compras em breve – e então ficou estranhamente quieto.

Nick não precisaria reabastecer seus armários. Ele iria embora logo e deveria estar arrumando as malas agora. Claro, ele poderia guardar algumas coisas na esperança de que Perry lembre-se de comer alguma coisa.

Perry não comia muito até agora, mas ele estava animado por causa de uma exposição de arte que ele queria ver em Burlington, e, para sua surpresa, Nick ouviu-se dizendo: _ Se eu ainda estiver aqui, vou com você.

Perry verificou e deu um sorriso encantador para Nick. _ É no mês que vem. Mas é, seria divertido.

Nenhum dos dois falou por um tempo, e a cozinha estava silenciosa exceto pelo barulho dos garfos raspando na porcelana. Nick disse de repente, bruscamente: _ Por que você não liga pros seus pais?

Perry piscou. _ Por quê?

_ Porque você não pode - , Nick parou. *O que ele estava fazendo?* Mas ele não podia se segurar. _ Porque é uma boa hora para ligar. É quase Natal. Eles provavelmente querem notícias sobre você.

Eles teriam de ser muito frios para tirar Perry de seus corações – e Perry não era o produto de pessoas frias. Ele foi abrigado, protegido e adorado por toda a vida. Mamãe e Papai Foster deveriam estar preocupados com ele. E sozinhos. Ele cativava, isso era certo.

Perry disse friamente: _ Eles sabem onde me encontrar. Se eles quisessem falar comigo, entrariam em contato. Depende deles fazer o primeiro movimento. Não vou pedir desculpas por ser gay.

Não dá para fazer isso sozinho.

Por um segundo horrível, Nick pensou que ele havia dito as palavras traidoras em voz alta. Não era nem verdade. Perry estava sobrevivendo. Ele estava relativamente saudável, ele tinha um trabalho, um lugar para ficar. Ele estava pintando; ele iria se virar. Não seria fácil, e isso acabaria com sua doçura, inocência e otimismo, mas ele não era covarde.

Nick era o único que estava com medo. E qual sentido isso fazia? Ele fechou a boca para não dizer coisas as quais ele se arrependeria, acenando com a cabeça e terminando de comer enquanto Perry – com o humor sensível – falava sobre arte e pinturas e uma artista local chamada Anna Vreman. Tudo, exceto assassinato, safiras e pessoas loucas.

* * * * *

Sem combinar, os dois deitaram cedo naquela noite, e era tão bom quanto tinha sido até então - mas agora as coisas estavam ficando perigosamente, sedutivamente familiares.

E era seguro ser afetuoso na escuridão - ser gentil um com o outro no doce silêncio. Não pedir nada e dar tudo, carinhos e beijos, toques e gostos até que o querer, a necessidade transbordasse novamente, e

eles moviam-se freneticamente, unidos, a respiração forte, os gemidos baixos e suspiros, o sussuro que aumentava até atingir um crescendo - a voz na garganta de Perry que tornava-se um soluço, Nick gritava quando alcançava o prazer.

_ Eu nunca tive a oportunidade de ver a Califórnia, - Perry disse enquanto eles estavam confortavelmente deitados. _ Como é lá?

Nick deu de ombros. _ Quente. Ensolarado. Ele quase abriu a boca e cometeu o erro fatal ao dizer: _ Faria bem para você. Ele parou a tempo, mas o pensamento continuou. Em vez disso, ele disse: _ Caro.

Perry balançou a cabeça. _ Você acha que vai voltar aqui alguma vez?

_ Nessa casa? Ele estava adiando e ficou surpreso ao notar que estava fazendo isso. Desde quando ele se segurava tanto? Ele não voltaria. Jamais. Ele mal podia esperar para deixar esse lugar. Pelo menos... ele havia decidido isso há alguns dias. Agora...

Agora era mais difícil.

Mais difícil do que deveria ser.

Perry disse friamente: _ Para Vermont, eu quis dizer. Algum lugar em que eu possa te ver.

Ele abriu a boca e Perry disse calmamente: _ Digo, casualmente, claro. Apenas amigos. Eu sei como é.

E aquela aceitação fez o peito de Nick doer, como se ele tivesse caído no gelo. Era difícil respirar e ele sentiu frio em seu coração.

Ele disse bruscamente: _ Eu não sei.

Alguns minutos depois ele notou que Perry dormia por causa de sua respiração. Nick beijou sua testa e Perry murmurou com prazer. Nick beijou seus olhos e suas orelhas, e encontrou sua boca e, antes que visse, Perry estava acordado de novo e eles moviam seus corpos.

Ele arrancou a calça do pijama com o sentimento desconfortável de ser um papa anjo, mas Perry não era um bebê e ele queria isso tanto quanto Nick - e, mais cedo ou mais tarde, ele teria de perceber que os finais felizes ficavam para os filmes. A vida real não terminava daquele jeito. Havia um preço para tudo e o preço para isso é que seria mais difícil para ambos quando Nick partisse - mas, no momento, o preço parecia valer a pena.

* * * * *

Perry acordou e viu-se sozinho. Os lençóis estavam frios onde Nick havia deitado.

É assim que seria todos os dias depois de Nick fosse embora.

Ele levantou-se, colocou as calças e foi para o quarto da frente. Não havia sinal de Nick. Nenhum recado. Ele suspirou. Não valia esperar que Nick mudasse.

Decidiu ir para o outro lado, para seu apartamento para pegar uma troca de roupas, ele deixou um recado caso Nick voltasse e Perry não estivesse lá.

A casa estava silenciosa. Era uma sensação estranha e vazia. Ele olhou pela escada. Nenhuma criatura se movia. Nem mesmo a Sra. Dembecki.

Impulsivamente, ele desceu até o porão para pegar algumas caixas. Nick havia sugerido que ele colocasse suas coisas no apartamento de Nick, pois ele se mudaria para a Califórnia.

O sentimento de ser a única pessoa viva na casa persistia. Ele nunca havia sentido isso. Abandonado.

Imaginando se os policiais ainda estavam parados do outro lado da ponte, ele abriu a porta. Não havia sinal do carro do delegado. Nem sinal da van do jornal.

Uma brisa que pressentia a neve que se aproximava, levantou a cortina da porta e fez com que o lustre balançasse; pareciam pingentes de gelo caindo. Ele contemplou os globos antigos e os prismas coloridos.

Uma ideia logo apareceu.

Olhando ao seu redor, ele viu, ainda esticando-se sobre a escadaria, a escada que Tiny havia usado para consertar as janelas do saguão.

Ele pegou a escada e subiu. O lustre era de 1920. Era um esquema complicado de tons de vidro cor de âmbar e prismas individuais de cristais azuis, dourados e vermelhos todos primorosamente em torno da peça de vidro central.

Perry examinou a peça do centro. Por baixo da sujeira de décadas e formas pintadas à mão usando flores da *art nouveau*, apareceram mais pedaços de vidro e cristal. Seu coração começou a bater mais forte, agitado.

Era possível.

Como outras luminárias da casa, o lustre não funcionava mais. Em vez de reconectar as luzes antigas e belas, luzes baratas foram colocadas no lugar por todos os corredores e quartos.

Perry olhou por cima para ver se havia alguma forma de desmontar a peça central sem ter de tirar o lustre de lá. Se o que ele suspeitava fosse verdade, teria de ser.

A escada tremeu repentinamente. Ele pensou que havia se mexido demais, mas quando olhou para baixo, viu alguém com as mãos na escada.

Ele segurou-se no único suporte – que era o lustre que balançava. Ele foi arrancado do teto com um barulho horrendo.

Então ele começou a cair. O chão de madeira veio encontrá-lo.

Capítulo Treze

O lustre quebrado não era um bom sinal.

Ninguém ter notado também não era um bom sinal.

Nick batei na porta da Sra. Mac. Não havia som do lado de dentro. Sem televisão, sem cachorros... só o silêncio.

No corredor ele podia ouvir os sons de alguma atividade. Nick seguiu os sons até a cozinha.

_ Cadê todo mundo? ele perguntou.

A Sra. Dembecki, que estava tirando coisas das gavetas da despensa, pulou como um gato escaldado.

Como algo feroz, ela ficou parada, examinando-o, seus cabelos grisalhos caíam nos ombros do seu roupão rosa, seus olhos eram selvagens. Havia uma pilha de panos amarelados sob seus pés. Jogos americanos bordados e toalhas de mesa de renda, guardanapos de linho. Ela estava segurando um punhado de anéis de guardanapo feitos de madrepérola, como se eles fossem sua parte do tesouro do pirata.

_ Onde está Perry? ele perguntou.

Ela o encarou de modo tenso e vago.

Depois de uma pausa, Nick disse de forma neutra: _ Perry sumiu. A Sra. Mac não atende a porta. Bridger parece ter desocupado seu quarto.

A Sra. Dembecki ainda não respondia. Nick teve a impressão de que ela não havia entendido, mas então ela disse: _ A Srta. Bridger fugiu.

_ O que você quer dizer com *fugiu*?

Seus olhos piscaram com seu tom. _ Ela fugiu com o Sr. Center. Eles partiram durante a noite. Ela ficou mais esperta. _ Eu os vi partir. Eles carregavam malas e saíram pelo jardim de trás.

_ Você tem certeza de que ela foi embora com Center?

Dembecki balançou a cabeça. _ Eles levaram o Sr. Fofó também. O home na van preta estava esperando por eles. Ela ainda o observava com seus olhos grandes e cansados.

_ O quê você está fazendo? Nick perguntou.

Para sua surpresa, ela deixou cair os anéis e atirou-se nele como se fosse louca, as mãos curvadas como garras, os dentes à mostra. Nick segurou seus pulsos e a manteve longe enquanto ela rosnava e se contorcía.

_ Você não sabe que eu sei! ela gritou. _ Eu sei o que você está fazendo. Eu sei o que você está planejando. Você tem os olhos dele! Você não pode ter os meus.

Era como segurar um pacote animado de panos e ossos. Nick a segurava longe dele enquanto ela chiava e gritava.

_ Moça, eu *não* tenho tempo para isso, - ele disse bruscamente. Ele a empurrou. Ela bateu nos armários, encarando-o. Nick pegou o molho de chaves que estavam no balcão, saiu da despensa e trancou a porta. Ela a ouviu bater na porta, gritando.

_ Acalme-se aí dentro, - ele ordenou, mas ele não ligava se ela estragasse o quarto todo. Ele não podia lidar com ela agora. Não havia sinal de Perry em seu apartamento ou no quarto da torre ou em qualquer outro lugar, e ele tinha um pressentimento ruim.

Ele subiu as escadas com rapidez, foi até seu quarto e ligou para a polícia. Enquanto ele discava, ele viu o bilhete de Perry dizendo que ele iria ao porão para pegar caixas. Parecia que seus órgãos tinham

sido esmagados.

Algo havia acontecido com Perry. Algo ruim.

Ele poderia estar em qualquer lugar nesse mausoléu. Ele poderia estar morto.

As têmeoras de Nick pulsavam. Ele precisava pensar.

Certo, se tudo estivesse a seu favor, ninguém tentariam esconder um corpo – ele tinha de pensar em um corpo ainda vivo – na casa. Por causa dos policiais que ainda vasculhavam a parte de trás. Isso o deixava com a área ao redor. O gazebo e a *icehouse* eram os possíveis lugares.

Nick correu pelas escadas e foi até o jardim. Ele pôde ouvir o barulho do rio pelas árvores, mas ele recusou-se a acreditar que o agressor de Perry simplesmente o jogaria na água.

O gazebo estava mais perto do que a *icehouse*, ele foi lá primeiro. Estava vazio.

Ele foi em direção à *icehouse*, movendo-se rápido e atento pelo jardim molhado e quase congelado. Quando ele viu o prédio velho, convenceu-se de que estava certo. A *icehouse* era longe o suficiente do prédio principal, o que a tornava ideal para prender alguém.

Não havia motivo para matar Perry. Não havia necessidade. Seu desaparecimento faria com que o delegado vasculhasse o lugar.

Não havia necessidade de matá-lo. Sem necessidade de machucá-lo.

Havia gelo derretendo no telhado da *icehouse*, pingos reluzentes. Nick pegou a arma, colocou as costas na parede e escutou.

Silêncio.

Ele chutou a porta e a abriu, agachando-se contra a parede do prédio. As dobradiças rangeram tão alto que acordariam os mortos. Não havia mais nenhum som.

Nick olhou ao seu redor.

Um instante para que seus olhos se ajustassem à falta de luz e então, ele viu o corpo de Perry na beirada do lago.

Nick abaixou-se e passou pela entrada. Seus olhos passaram pelos cantos do cômodo cavernoso. Tudo limpo.

Ele guardou sua arma e passou pela lama, tirando Perry da sujeira e o colocando no chão. Ele virou o corpo e ficou de joelhos, limpando a lama do nariz e boca de Perry. Ele colocou seu rosto bem perto e sentiu sua respiração fraca.

Nick voltou a ficar em pé e passou o braço sobre os olhos. _ Obrigado, - ele murmurou.

Ele passou as mãos sobre as partes do corpo de Perry, procurando por lesões. Braço esquerdo quebrado, um galo do tamanho de um ovo de ganso em sua cabeça, chocante - mas seu pulso parecia forte o suficiente.

Perry tossiu e abriu os olhos. Ele piscou para Nick.

_ Ahá, - ele disse.

_ Agora eu sei que você sofreu uma concussão. Nick tateou seu crânio levemente. _ É, isso foi uma pancada na cabeça.

_ Eu acho que eu se-se...sei o que aconteceu, - Perry contou.

_ É? Nick colocou seu braço por trás dos ombros de Perry. _ Teve relação com cair da escada?

_ Eu não acho que caí.

_ Acho que você está certo, Humpty Dumpty. Vou te levantar. Não entre em pânico.

Perry ficou tenso. _ Acho que meu braço esquerdo está quebrado.

_ Acertou de novo.

_ Que sorte que é o esquerdo.

_ É. Você é bem sortudo. Aguarde firme, isso vai doer.

Perry colocou seu braço bom em volta dos ombros de Nick, e Nick o levantou. Perry segurou a respiração e xingou.

_ Agente.

Perry disse: _ Alguém tirou a escada de mim.

_ Você viu quem foi?

Perry balançou a cabeça, segurou a respiração e xingou de novo. _ Eu acho que sei onde as jóias... *ai!*

_ Se elas estavam no lustre, então já se foram.

Perry não respondeu, respirando com dificuldade contra a pele úmida de Nick.

_ Vou te colocar aqui. Nick seguiu suas palavras com a ação, colocando Perry na pedra. _ Não quero te mover muito depois daquela queda.

_ É, mas eu não quero ficar aqui, - Perry disse, sem soltar-se.

Nick o abraçou com cuidado. _ Eu já chamei a polícia. Nada vai acontecer com você nesses cinco minutos que eu levarei para chamar a ambulância.

_ Veja o que aconteceu comigo da última vez que você me deixou sozinho.

Nick ignorou. _ E então eu voltarei com um cobertor porque você provavelmente vai entrar em choque.

_ Ótimo. Perry disse enquanto Nick soltava-se gentilmente. Perry tentou segurar seu braço quebrado usando o outro. _ Você pode ir rápido, pois eu não me sinto muito bem.

_ Já estou voltando, - Nick disse, indo em direção à porta. Ele a abriu.

Havia a luz do dia e um barulho alto.

Nick deu alguns passos para trás e sentou-se na água gelada. Ele caiu para trás, vagorosamente.

_ Nick! Perry gritou. Ele pulou e quase caiu no lago, mas colocou Nick sentado. Ele era pesado e Perry só podia usar um braço, mas ele colocou sua cabeça fora da água, colocou-o encostado contra seu joelho.

_ Deus, - Nick engasgou. Ele tentou levantar-se, mas caiu.

Havia sangue por todos os lados, parecendo fumaça passando pela água gelada. As mãos de Perry sentiram a obstrução nas costas de Nick. A arma dele.

Instintivamente, sua mão a pegou, mas ele parou quando uma voz disse: _ Fique onde está. Não se mova.

Nick, com a mão em seu ombro, encostou-se em Perry. A sombra bloqueando a entrada, entrou na *icehouse* e fechou a porta. Uma lanterna os iluminou.

Entorpecido, com uma combinação letal de dor, choque e frio, o cérebro de Perry parecia não funcionar. Seus pensamentos estavam lentos, ineficientes. Nick havia tomado um tiro. Ele não conseguia acreditar. Seu próprio braço o matava de dor.

_ Ele está sangrando, - disse para a sombra.

_ Essa é a ideia.

Ele reconheceu a voz sem nenhuma surpresa.

_ Sr. Stein?

_ Você deveria ter ficado fora disso, Foster, - Stein o informou. _ Não que eu não seja grato. Ainda não sei como você teve a ideia de olhar no lustre.

Nick tentou virar para ver Perry. _ Você encontrou o saque do Moran?

_ Eu... n-não consegui ver, - Perry disse com os dentes tremendo.

Stein disse: _ Sim, estava no globo do lustre. Uma fortuna em jóias e moedas antigas. Não é tudo, mas é um bom começo. Aquelas pessoas sabiam como viver. Então, ele disse em um tom diferente: _ Você deveria ter entendido a dica, Foster. Em vez de colocar seu amigo no meio.

Perry disse estupidamente: _ A dica?

_ O pássaro morto, - Nick disse com os dentes tremendo. _ Era um sinal. Um presentinho do Stein.

_ Não, - Stein disse, - o pássaro morto foi ideia de Tiny. Ele o encontrou depois da tempestade e colocou no seu quarto como um aviso. Não foi ruim para um retardado.

_ T-Tiny estava envolvido? Isso era difícil de imaginar – Stein associando-se com Tiny. Perry colocou as mãos no cabo da arma. O corpo de Nick escondia suas ações de Stein, mas ele jamais conseguiria usar a pistola. Jamais.

Stein bufou. _ Tiny pensou que estivesse me ajudando como um espião. Aquele lá tinha cérebro de hambúrguer.

_ Mas você o ouviu falando comigo e com Perry, e você não poderia confiar que ele não falasse com a polícia, - Nick disse, sem ar. Ele virou-se um pouco na direção de Perry, e Perry sabia que ele estava esperando a arma. Para fazer o que? Se ele pudesse entregá-la para Nick, seria uma coisa... talvez ele pudesse arrastá-lo para a terra firme.

Ele moveu-se e Stein gritou: _ Não se mova, eu disse!

_ Nós estamos congelando.

_ Não por muito tempo.

Nick disse: _ Vamos lá, Stein. Como você vai explicar isso?

_ Eu não terei de explicar. Eu teria de explicar isso para quem? Teagle está trancado em seu quarto com sua coleção de pornôs, a Sra. Mac foi para a casa de sua irmã em Burlington, a Bridger e o médium escaparam ontem à noite. A mansão inteira irá queimar hoje à noite, começando por aqui. Todos dizem que é uma armadilha mortal.

_ Desista disso, - Nick disse. _ Os policiais não são tão burros quanto você acha.

_ Ninguém conhece policiais melhor do que eu, e esses idiotas vão colocar a culpa na louca da Dembecki.

_ Ninguém vai acreditar que a Sra. Dembecki atirou em nós, - Perry disse.

_ Por que não? Ela tem uma arma. Ela tem a arma de Shane Moran. Uma herança de família. Mas vocês não sabiam que ela é sobrinha-neta dele, sabiam? A louca tem procurado pelo saque há mais tempo que eu.

_ Você não vai conseguir escapar com essa -

_ Não importa. Eu já estarei longe. Um novo nome, uma nova identidade. Eu sei como me virar.

_ Alguém já deve ter chamado a polícia, - Perry disse. _ Com uma manhã quieta assim, os tiros foram ouvidos. A Sra. Dembecki deve ter chamado a polícia.

Stein riu. _ É melhor você contar outra piada.

Nick disse enquanto seus dentes tremiam: _ Então por que você o matou? O investigador particular Raymond Swiss.

Stein fez um barulho. _ Você acreditaria que foi um acidente, - ele disse. _ Um acidente. Eu esbarrei nele enquanto saía de uma das passagens que dá na escada. Ele caiu três lances e parou na frente do idiota do Tiny. Eles podiam ouvir o desprezo em sua voz. _ Esse é o tipo de sorte que eu tenho. Ou tinha. Tudo está mudando agora.

_ Por que você o colocou na minha banheira? Perry perguntou. Eles precisavam manter Stein falando. Ele precisava de tempo para pensar no que fazer...

_ Tiny disse que você estaria fora por uma semana, então pense em deixá-lo lá até descobrirmos o que fazer. Não queria arriscar que Teagle o encontrasse enquanto ele andava pelos túneis.

_ E então eu voltei mais cedo. Eu não posso fazer isso, Perry pensou, suas mãos tremiam enquanto ele tirava a arma do cinto de Nick. Mesmo que eu pudesse atirar em Stein, e eu não posso – aquele círculo de luz? Eu não consigo atirar em alguém. Não consigo...

Se eu errar, ela vai atirar em nós dois. Agora. Imediatamente. Nós morreríamos.

Nick perguntou outra coisa para Stein, mas toda a concentração de Perry estava no peso da pistola em suas mãos trêmulas.

Se eu conseguisse entregar a arma para Nick, ele pensou novamente.

Mas se Nick se mexesse, Stein atiraria. Ele via – com razão - Nick como uma ameaça.

A respiração de Nick parecia estranha. Tremores passavam pelo seu corpo. O choque provavelmente fosse o menor dos problemas. Ele estava sangrando muito – congelando muito. E ele não podia fazer nada, apenas contar com Perry para salvá-lo.

Perry tateou com o dedão para ter certeza.

O tambor estava molhado. Será que ela dispararia?

Nick, enfraquecendo – ainda ganhando tempo – disse: _ Por que você não o deixou na floresta depois que anoitecesse?

E Perry pegou a MK23 e atirou em direção à luz. Houve uma grande explosão e Perry caiu. Nick submergiu na água.

Houve outro estrondo. Perry continuou atirando. Ele podia ouvir Nick caindo na água. A pedra ao seu lado explodiu e lascas voadoras cortaram sua bochecha, sua sobrancelha.

Ele tentou alinhar-se com Stein, escorregou na lama e sua cabeça foi para debaixo da água. Ele podia ver raios de luz quando Stein atirava de volta.

E então a arma foi arrancada de sua mão. Um pulso o pegou pelo colarinho e o arrastou para cima, tossindo e engasgando.

_ Perry? *Perry!* Você está machucado?

Ele havia respirado água e não conseguia falar. Nick o carregava de volta para as pedras – longe da lama e da água. Juntos eles se arrastaram – escorregaram – abrigando-se. Ele pôde ouvir alguém xingando e chorando. Não era Nick. Não era ele mesmo. Stein?

Ele respirou e soltou enquanto Nick caía em cima dele.

_ Fuja pela passagem, - Nick arfou.

_ Não sem você.

A voz de Nick estalou entre um gemido e uma risada. _ O que, você é louco? Eu não vou ficar, - ele disse. _ Estou bem atrás de você.

Agachados atrás das pedras, eles engatinharam até a passagem. Stein atirou na parede, e era tudo o que Perry podia fazer para continuar se movendo.

Ele procurou pela tranca e a encontrou, pressionando o que parecia ser um dos raios de luz na parede. A porta abriu-se e eles rastejaram para dentro, Perry segurava Nick com seu braço bom. O sangue de Nick encharcava-o.

_ Quão ruim você está? Ele engoliu. _ Você deveria ficar parado. Você está perdendo sangue.

_ Ande, - Nick arquejou. _ Vou perder mais sangue se ele nos encontrar. Ele virou-se e atirou mais um pouco em direção à entrada.

As escadas estavam logo à frente. A respiração de Perry pesava em seu peito, ele arquejava desesperadamente, ajudando Nick.

De alguma forma, eles conseguiram subir as escadas e desceram pela passagem até que as luzes penduradas mostravam o caminho.

É a luz no fim do túnel, Perry pensou, fechando os olhos.

Capítulo Catorze

Nick odiava hospitais, e ele havia assinado o *Against Medical Advice*, que o deixaria sair quando quisesse, assim que conseguiu sentar. Ele não estava apto a pegar suas coisas e ir para a Califórnia, claro, e, de qualquer modo, ele ainda precisava cuidar de algumas coisas primeiro – uma delas era assinar seu testemunho sobre os eventos violentos do Alston Estate.

Perry não gostava de hospitais, mas desde que – em adição ao seu braço quebrado, costelas fraturadas e concussão – ele desenvolveu um caso leve de pneumonia, ele estava aliviado por estar em um hospital cercado de pessoas amigáveis. Ele sentia-se seguro lá.

Quando Nick foi vê-lo – curiosamente pálido e com seu braço em uma tipoia, mas ainda sim parecendo vivo, revigorado e durão – Perry conseguiu cumprimentá-lo com dois dedos e um sorriso. Ele pegou no sono quase que imediatamente - sem saber se Nick realmente sentou-se ao seu lado, ou se ele havia sonhado.

Não havia mais nada a temer. Ele estava vivo. Nick estava vivo. Nada mais parecia muito importante. A polícia veio e pegou seu testemunho, depois foi embora novamente.

Perry começou a sentir-se melhor. Ele começou a se preocupar, pois ele estava no hospital e não tinha convênio médico, suas férias haviam acabado e Nick partiria em breve. Talvez Nick já tivesse ido.

Mas Nick voltou para vê-lo mais uma vez.

_ Como você está? ele perguntou bruscamente. Ele tinha o cheiro de neve e do seu sabonete de ervas – algo diferente do cheiro de antisséptico do hospital.

_ Bem, - Perry disse, embora ele parecesse abatido e desconfortavelmente magro, na opinião de Nick.

Perry acenou com a cabeça para a enorme cesta de frutas no balcão perto da cama. _ Pegue uma maçã.

Nick observou a cesta. Não havia o endereço do remetente, mas o cartão dizia: *Deseje-me sorte. E eu desejarei o mesmo para você. Jane.*

Isso o lembrou e ele atualizou Perry sobre o que estava acontecendo no Alston Estate. A pobre Sra. Dembecki foi mandada para um hospício, Jane e David Center desapareceram com o programa de Programa de Proteção à Testemunha, e a Sra. Mac está procurando por novos inquilinos.

Perry perguntou com cuidado: _ O Stein está... eu não o matei?

_ Não, ele vai ser indiciado assim que sair do hospital. Nick sorriu brevemente. _ Você atirou nele duas vezes e conseguiu não acertar uma área vital. Você é um ótimo atirador ou o pior atirador do mundo.

_ Fica difícil quando eles atiram de volta, - Perry disse.

_ É.

_ A Sra. Dembecki é mesmo a sobrinha de Shane Moran?

_ É. Aparentemente ela cresceu ouvindo a lenda do seu tio infame. A história conta que alguns capangas de Moran fugiram, e, depois que Moran foi morto, eles foram até a irmã dele e contaram que Verity Lane fez parte de todo o assalto. Moran deixou as jóias com ela, que as escondeu – ninguém além dela sabia onde – e o plano era que ela fugisse com Moran. Mas ele foi morto e ela teve um surto, e, aparentemente, é isso. Ela deixou o marido e mudou-se para a França e nunca mais pensou nas jóias.

_ Uau. Como o Sr. Stein se envolveu nisso?

_ Ele não quer falar.

Nick já estava andando incansavelmente pelo quarto, claramente impaciente para ir embora. Perry perguntou, tentando manter sua voz neutra: _ Quando você vai embora?

_ Em alguns dias. Logo após o Natal.

Perry balançou a cabeça.

_ Eu terei de voltar para o julgamento, - Nick contou, Perry sorriu.

_ É verdade.

Nick deu mais uma volta pelo quarto vazio e disse: _ Eu liguei para os seus pais.

_ Você...

Nick evitou olhar para Perry. _ Peguei o número com a Sra. Mac e liguei para eles. Eles tinham o direito de saber.

Ele olhou para Perry, e Perry estava tão duro que não parecia respirar. Nick disse: _ Eles querem vê-lo, mas respeitarão sua vontade caso você não queira.

_ Por que eu não gostaria de vê-los? Perry disse francamente.

_ Acho que eles se sentem mal sobre algumas coisas que disseram. Enfim, eles estão aqui na vila caso você queira ligar. Nick colocou um pedaço de papel na bandeja de Perry.

_ É, eu quero vê-los, - Perry disse, seus olhos ficaram brilhantes e sua voz, áspera. Ele pigarreou. _ Você -

E ao mesmo tempo Nick disse: _ Eu deveria ir.

_ Ah, certo. Perry parecia muito cansado. Ele sorriu para Nick e disse: _ Eu vou... você vem despedir-se?

_ É isso o que estou fazendo agora, - Nick disse, sério.

Perry parecia mais cansado do que nunca, mas ainda conseguiu sorrir um pouco. _ Certo. Bem, obrigado. Digo, obrigado não é muito...

Nick calou sua boca com um beijo rápido e forte. Perry o beijou de volta e resistiu a vontade de abraçá-lo e dizer coisas que fariam com que Nick não olhasse em seus olhos quando viesse para o julgamento.

_ Cuide-se, garoto, - Nick disse bruscamente e foi embora - saiu pela porta e passou pelo corredor antes que Perry abrisse os olhos.

* * * * *

Os pais de Perry eram exatamente como Nick havia imaginado. O pai era ex-marinheiro e tinha seu próprio negócio. A mãe era dona de casa, fazia tortas de maçã e estava sempre arrumada. Pessoas muito legais. Boas pessoas. Pessoas com a imaginação limitada, mas com as melhores intenções - e eles amavam Perry tanto quanto Nick achava. Perry adquiriu sua teimosia honestamente, mas o horror ao descobrir o que quase aconteceu com o frágil queridinho no mundo grande e malvado, o fizeram ficar desesperados para colocá-lo de volta confortavelmente em seu ninho onde ele, com esperança, superaria seu afeto por outros garotos, mas ainda sim, onde ele estaria seguro debaixo das asas dos pais.

Nick sabia que havia feito a coisa certa ao ligar para eles. Ele não queria que o garoto ficasse sozinho no Natal, quanto a ele... bem, uma despedida clara foi a melhor coisa para os dois. Ele era dez anos mais velho e muito mais durão que Perry, e, francamente, ele não queria estragar o acordo em Los Angeles aparecendo com seu amante gay. Ele não sabia até onde ia a tolerância de Roscoe - ele não sabia nada sobre os sócios - e ele não podia perder essa chance.

Talvez se Perry tivesse... brigado um pouco, tentado convencê-lo do contrário, mostrasse suporte... porque o garoto tinha culhões e era teimoso, e se ele não estava lutando, então ele sabia que Nick estava certo.

Nick sabia que estava certo. Ele estava surpreso com o quão difícil foi. Mas deveria ser a época do ano. Era fácil sentir-se sozinho por causa do feriado, e ele preferia ficar sozinho consigo mesmo do que com Marie.

Ainda sim, se ele ouvisse um “Estarei em Casa para o Natal” mais uma vez, ele atiraria em alguém. Ele estava empacotando algumas coisas na Véspera de Natal quando alguém bateu em sua porta.

Ele abriu e Perry estava lá. Ele usava uma jaqueta de couro nova – embaixo dela, seu braço estava em uma tipóia. Ele parecia muito magro e pálido – e havia algo em sua expressão...

Ele parecia mais velho.

_ Feliz Natal, - ele disse, e, desajeitado, entregou uma caixa quadrada para Nick.

Nick pegou a caixa sem olhá-la. _ O quê você está fazendo aqui? Você deveria estar fora do hospital? Seus pais vieram te ver, certo? Uma ansiedade repentina o atingiu ao pensar que Perry havia se decepcionado de novo.

Perry balançou a cabeça. _ Sim. Posso entrar?

Nick afastou-se automaticamente e Perry entrou dizendo: _ Eles ficaram por aqui a semana toda. Eles foram me ver todos os dias – o que você não fez.

Nick havia se abaixado para colocar o embrulho no chão, mas ao ouvir isso ele se levantou. _ Nós nos despedimos, - ele disse. Não havia motivos para sentir-se culpado, mas as palavras o atingiram. _ Enfim, achei que você estivesse indo para casa.

_ Essa é a minha casa, - Perry disse. Ou você mudou de ideia sobre me deixar ficar aqui depois que você for embora?

E agora a ansiedade de Nick transformou-se em preocupação. _ Por que você precisaria ficar aqui? Está tudo bem com seus pais, certo?

_ Claro.

Nick não conseguia entendê-los. _ Então... onde eles estão?

_ Voltando para Rutland.

_ Por que você não está com eles?

Perry o encarava. _ Por que eu estaria? Eu sou um adulto e tenho minha própria vida. Você sabe, aquela que você não quer fazer parte.

O rosto de Nick foi inundado de cor. _ Ei...

Perry perdeu o controle por um momento, e ele disse amargamente: _ Não sou um filhotinho, Nick. Você não precisa me deixar em um bom lar quando você se mudar.

_ Olhe, - Nick disse, avisando-o. Ele não estava bravo, apesar de seu coração estar batendo rapidamente e o calor invadindo seu corpo. Toda aquela adrenalina e nenhum lugar para ir...

_ Está bem, - Perry disse. _ Você foi bem claro desde o começo. É minha culpa se eu achei que você se importasse mais do que você disse que se importava.

_ Eu nunca disse que não me importava.

_ Você nunca disse nada.

_ Você também não.

_ Eu te amo, - Perry disse. _ Mas você já sabe disso. Mas você não acha que sou velho o suficiente para saber o que é amor.

Nick retrucou: _ Eu nunca disse isso.

_ Como eu disse, você nunca disse *nada*.

_ Certo, bem, para sua informação, eu me preocupo. Eu... me preocupo. Mas.. – Nick engoliu.

_ Mas o que? Perry perguntou. _ Ah, é! Você está indo para a Califórnia e lá é caro.

_ Aquilo não tem nada a ver com isso!

Perry não disse nada e, estranhando-o, Nick disse: _ Bem, é seu quarto agora. Sente-se.

Mas Perry não sentou-se. Ele foi até a janela e olhou para fora. Nick olhou para suas costas duras e ombros quadrados e para o presente de Natal e disse: _ Eu deveria abrir isso agora?

_ Se você quiser. Não é muito o seu tipo, - Perry disse. _ É um globo de neve. Sabe, uma grande casa e a neve de Vermont. Acho que fará você lembrar-se de mim.

_ Não preciso de um globo de neve para lembrar de você, - Nick disse, o que provavelmente foi a coisa mais romântica que ele já se ouviu dizer. Fez com que ele corasse.

Perry não parecia impressionado. Ele afastou-se da janela para olhar para Nick. _ Quando você vai embora?

Nick hesitou. Ele ainda iria? De repente, ele não tinha certeza. Ele disse: _ Amanhã de manhã. Vou passar a noite na cidade.

_ Eu te levo de carro.

_ Com o braço quebrado?

_ Certo, você dirige.

_ Eu vendi meu carro, - Nick disse. _ Teagle vai me levar.

Perry balançou a cabeça, pensando. _ Que tal? Podemos passar a noite juntos e você pega um táxi de manhã.

E Nick reconheceu, de repente, o que era aquela sensação nada familiar passando por ele - o calor e a animação e a ansiedade. *Felicidade*.

Ele disse: _ Que tal? Por que eu não ligo e adio meu voo? Você vai demorar mais de uma semana para empacotar as coisas? Ele colocou as mãos nos ombros de Perry e o aproximou.

A boca de Perry arqueou. Ele parecia estar pensando, seus cílios apontados para baixo. Então ele olhou para cima e a expressão em seus olhos fez com que Nick prendesse a respiração. _ E se eu demorar?

Contra sua vontade, a boca de Nick curvou-se em um sorriso. Ele teve a sensação desconfortável de que isso aconteceria com frequência. Ele disse: _ Eu espero mais uma semana.

Perry deu um sorriso devagar e contagiante. _ Certo.

Seus lábios se encontraram lento e docemente - eles estavam melhorando - o Naral e a volta para casa uniram-se a algo inesperadamente quente e ávido.

Quando eles pararam para respirar, Nick disse: _ Caramba, Foster. Eu já tinha tudo planejado.

_ É, me desculpe. Perry recostou-se e sua boca sorria contra a boca de Nick.

_ O que? Nick perguntou, suspeitando.

Perry disse: _ Ah, você sabe. Deixe que a jornada comece.

Sobre o Autor

Uma voz distinta na ficção gay e ganhador de vários prêmios, JOSH LANYON tem escrito suspenses gays, aventura e romance por mais de uma década. Em adição a numerosos contos, novelas e romances, Josh é o autor da *Adrien English series* que é aclamada pela crítica, incluindo *The Hell You Say*, ganhador do prêmio *USABookNews awards for GLBT Fiction* de 2006. Josh também ganhou o *Eppie Award* e foi três vezes finalista do *Lambda Literary Award*.

**Encontre outros títulos de Josh Lanyon em
www.josh.lanyon.com**

JustJoshin Publishing, Inc.

3053 Rancho Vista Blvd.

Suite 116

Palmdale, CA 93551

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação , mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

[1] N. da T.: Casa que fica no subsolo da casa principal e é usada para armazenar gelo. A construção era usada antigamente e não pode ser encontrada nos dias atuais.